



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DESIGN
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESIGN

WALTER OTTO NEUENSCHWANDER JUNIOR

O MORAR E O VIVER NO SERTÃO DO PAJEÚ: INVENTÁRIO E ANÁLISE DE CASAS
DE FAZENDAS NOVECENTISTA.

Recife
2024

WALTER OTTO NEUENSCHWANDER JUNIOR

O MORAR E O VIVER NO SERTÃO DO PAJEÚ: INVENTÁRIO E ANÁLISE DE CASAS
DE FAZENDAS NOVECENTISTAS.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Design, da Universidade Federal de Pernambuco, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Design.

Área de concentração: Planejamento e contextualização de artefato

Orientador: Prof. Dr. Leonardo Augusto Gómez Castillo

Coorientador: Prof. Dr. Adailton Laporte de Alencar

Recife

2024

.Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Neuenschwander Junior, Walter Otto.

O morar e o viver no sertão do Pajeú: inventário e análise de casas de fazendas novecentista / Walter Otto Neuenschwander Junior. - Recife, 2024.

212f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Design, 2024.

Orientação: Leonardo Augusto Gómez Castillo.

Coorientação: Adailton Laporte de Alencar.

Inclui referências e anexos.

1. Sertão do Pajeú; 2. Casas sede de fazendas; 3. Cultura material do sertão. I. Castillo, Leonardo Augusto Gómez. II. Alencar, Adailton Laporte de. III. Título.

UFPE-Biblioteca Central

Dedico este trabalho a Maria do Carmo Nunes de Souza e Antônio de Souza.

Agradecimentos:

Adailton Laporte de Alencar

Ana Paula Ferreira Cavalcanti de Albuquerque

Danilo Fernandes Vitorino

Francisco Antônio de Souza Papaléo

Leonardo Augusto Gómez Castillo

Raquel Moura Neuenschwander

Virginia Pereira Cavalcanti

e a todos os moradores das casas de fazenda pesquisadas.

Resumo

A presente pesquisa faz um inventário e análise de 5 exemplares de casa sede de fazendas dos anos 1900, o recorte geográfico foi a microrregião do sertão do Pajeú (PE), que se localiza no planalto da Borborema e foi historicamente uma importante rota de penetração no interior do país. Essa região é caracterizada pelo bioma caatinga e pelas chuvas irregulares, a criação de gado é a atividade principal da região e das fazendas pesquisadas, o algodão também foi uma importante atividade econômica do sertão do Pajeú. A pesquisa busca a partir dos contextos histórico, geográfico, natural e social da região levantar os aspectos formadores e definidores do patrimônio material. Foram levantados em visitas “In loco”, os aspectos arquitetônicos das moradias, assim como, o mobiliário, a iconografia e objetos de uso cotidiano destas moradias. Entrevistamos moradores e funcionários destas casas, procurando proporcionar uma visão global do viver e do morar no sertão do Pajeú.

Palavras-chave: Sertão do Pajeú; Casas sede de fazendas; Cultura material do sertão; Mobiliário de casas de fazenda; Casa brasileira

Abstract

This research makes an inventory and analysis of 5 examples of farmhouses from the 1900s, the geographical area was the micro-region of the Sertão do Pajeú (PE), which is located on the Borborema plateau and was historically an important route of penetration into the interior of the country. The region is characterized by the caatinga biome and irregular rainfall. Cattle breeding is the main activity in the region and on the farms surveyed, cotton was also an important economic activity in the Pajeú hinterland. The research seeks, from the historical, geographic, natural and social contexts of the region, to identify the formative and defining aspects of material heritage. The architectural aspects of the houses, as well as the furniture, iconography and objects of daily use of these houses were surveyed during "In loco" visits. Interviews were also carried out with residents, seeking to provide an overview of life and living in the hinterland of Pajeú.

Keywords: Sertão do Pajeú; Farmhouses; Material culture of the backlands; Farmhouse furniture; Brazilian house

Sumário

INTRODUÇÃO	07
O SERTÃO DO PAJEÚ.....	14
Referencial teórico	14
Sertão.....	19
Geografia.....	19
População.....	27
As primeiras ocupações do sertão do Pajeú.....	32
A história da identidade Nordestina.....	34
O povo sertanejo.....	44
A criação de gado.....	45
A casa sertaneja.....	50
AS CASAS SEDE DE FAZENDA.....	52
Inventário da casa sede fazenda Duas Barras.....	54
Inventário da casa sede fazenda Coruja.....	99
Inventário da casa sede fazenda Santa Fé.....	124
Inventário da casa sede fazenda Bonfim.....	137
Inventário da casa sede fazenda São Pedro.....	146
ANÁLISE	186
CONSIDERAÇÕES FINAIS	203
REFERÊNCIAS.....	206
ANEXOS.....	210

Introdução

Este trabalho nasceu a partir da combinação de vários fatores, como muitas vezes acontece em trabalhos acadêmicos. O primeiro e mais importante foi o retorno alguns anos atrás à fazenda Duas Barras, que pertenceu aos meus avós maternos, no sertão do Pajeú. Não visitávamos a região há quarenta anos e constatei que pouquíssimas coisas haviam mudado. O ambiente físico era exatamente o mesmo das minhas memórias de infância e adolescência. A jornalista Marilourdes Ferraz lembra que “(...) nos primórdios do século XX, a região do sertão do Pajeú, permanecia estática no tempo, com seus habitantes vivendo tão isolados como os primeiros colonizadores que ali se estabeleceram” (Ferraz, 1985, p.19). No século XXI a velha casa da fazenda Duas Barras, permanece inalterada, com os mesmos móveis e utensílios domésticos, parecendo que os moradores saíram para “ir na rua” e voltam já¹. Visitando esta casa nos damos conta que estamos diante do registro material da vida de muitas pessoas. Estes registros estão nas paredes com fotos e imagens religiosas, no terraço com a cadeira preferida, na mesa de refeição com os lugares “marcados” e até na cozinha com a panela que se usava para os doces.

Sobre o morar, Rapoport (1972) nos fala em seus textos que a casa é um elemento fundamental das sociedades, porque estabelece as relações de todos os aspectos da vida dos moradores, abrigando as famílias e proporcionando o diálogo entre as pessoas e sua cultura. Diante disso, percebemos que estas casas do sertão funcionam como “reservatórios” das experiências de uma sociedade, em última instância elas são depósitos do que chamamos cultura.

Os estudos que abordam a arquitetura rural em Pernambuco são escassos e priorizam fortemente a arquitetura dos engenhos, do próspero litoral. O sertão, ligado principalmente a criação de gado – atividade que, diferentemente da agroindústria do açúcar, não necessita de construções elaboradas – ficou relegado a um segundo plano.

Outro aspecto que nos motivou na escolha desse tema foi a constatação de que as pesquisas acadêmicas, que tratam do sertão, dificilmente são feitas por pessoas sem ligações diretas com a região. Apesar da riqueza cultural, existe uma estigmatização que

¹ “Ir na rua” expressa no sertão uma visita a um núcleo urbano de qualquer tamanho, normalmente o vilarejo mais próximo para uma compra rápida.

considera os estudos do sertão pesquisas “regionalistas”, dentro das limitações que este conceito carrega.

Lucio Costa (1937), defende o estudo mais aprofundado da arquitetura civil brasileira, especificamente a “popular”, a seu ver de maior interesse que a “erudita”, já que esta já contava na época com alguns estudos, focados principalmente no Aleijadinho². Assim, nos fala da arquitetura popular portuguesa trazida ao Brasil pelos mestres e pedreiros “incultos”:

É nas suas aldeias, no aspecto viril das suas construções rurais a um tempo rudes e acolhedoras, que as qualidades da raça se mostram melhor. Sem o ar afetado e por vezes pedante de quando se apura, aí, à vontade, ela se desenvolve naturalmente, adivinhando-se na justeza das proporções e na ausência de “make up”, uma saúde plástica perfeita se é que podemos dizer assim. (Costa, 1937, p. 31)

Costa parece estar falando das casas que encontramos até hoje nos sertões nordestinos. Esta foi uma das primeiras “pistas” para entender as origens da casa sertaneja, a transposição da arquitetura popular portuguesa para o Brasil rural.

A partir deste contexto nos perguntamos “quais seriam os aspectos característicos e particulares da arquitetura e do design do mobiliário dessas casas de fazenda da região?” E principalmente “o que estas particularidades nos dizem sobre as pessoas que construíram e habitam estas moradias?” Estas são as questões da problemática desta pesquisa.

O meio para entender a relação dialética entre o “morar” e o “viver” na região do Pajeú, foi através de um estudo de casos múltiplos, com cinco unidades de análise, 5 “locus”, sendo estas casas sede de fazendas de criação de gado, que ainda sejam habitadas e construídas nos anos 1900. O recorte temporal foi escolhido visando a possibilidade de entrevistar moradores e antigos moradores que possam falar de sua experiência cotidiana nessas casas.

Desenvolvemos um protocolo de pesquisa por meio de uma coleta prévia utilizando a fazenda Duas Barras como forma de testar um modelo de coleta de dados e sua viabilidade, como também a própria análise a ser feita a partir desses dados coletados. Esta abordagem permitiu o conhecimento prévio do campo da pesquisa, facilitando a escolha dos outros exemplares dentro dos parâmetros vistos em campo. Acreditamos que

² Antonio Francisco Lisboa, que ficou conhecido como Aleijadinho, foi o mais importante escultor, entalhador e arquiteto do Brasil colonial.

a similaridade das casas permitiu a identificação de um modelo, utilizando os aspectos coincidentes destas moradias.

Para definição das particularidades mais relevantes a serem levantadas na pesquisa utilizamos referências teóricas nos estudos da arquitetura e mobiliário vernacular, nos estudos da casa brasileira, da casa do sertão e na cultura material nordestina de maneira geral.

O sertão do Pajeú, recorte geográfico da pesquisa, faz parte da mesorregião do sertão central pernambucano e é uma das regiões historicamente mais relevante dos sertões nordestinos por ter sido na bacia do rio Pajeú, vindos do rio São Francisco, que aconteceram as primeiras rotas de penetração nos interiores do Brasil. A ocupação da região foi iniciada pelos baianos do morgado da casa da torre³, que cruzaram o rio São Francisco vindo de Salvador. A ocupação de território só foi possível através de guerras contra os povos indígenas que ocupavam a região e sua posterior escravização, que junto aos africanos e os descendentes dos portugueses foram responsáveis pela formação étnica do povo sertanejo.

As primeiras fazendas eram voltadas para a criação de gado, a pecuária extensiva é até hoje a principal atividade no território. A agricultura de subsistência, principalmente de espécies de curto ciclo de germinação, como o milho e o feijão, é a outra atividade dominante do sertão. O algodão foi também durante certos períodos uma atividade de grande lucratividade para a região, já que o algodoeiro se adaptou muito bem ao clima seco do sertão.

As culturas decorrentes deste contexto, como a já citada pecuária, propiciaram as matérias primas para a fabricação de artefatos. O termo “civilização do couro” criado por Abreu (1930) para designar a cultura sertaneja com os inúmeros artefatos fabricados com o couro do gado bovino e dos caprinos é um exemplo dessa ligação entre a atividade econômica e a cultura material.

A colonização baseada na pecuária em contraste à baseada na agricultura, especificamente no ciclo da cana de açúcar do litoral nordestino, permite observar fortes sinais diferenciadores, como defende Frederico Pernambucano de Mello (1979), no seu artigo “O ciclo do gado no nordeste do Brasil”. Para ele, a agricultura predispôs o litorâneo

³ Morgado é uma forma de organização familiar que constitui um código de linhagem que impede a partilha dos bens com a morte do seu titular. O morgado da casa da torre foi formado pela família Garcia D'Ávila no século XVI na Bahia.

a atividades rotineiras e repetitivas de caráter coletivo, enquanto a pecuária extensiva na caatinga – onde tudo é agressivo e inseguro – criou sentimentos de autonomia, livre arbítrio e improvisação no sertanejo.

Outro aspecto importante deste estudo é abordar a estereotipação do sertão nordestino, como dito por Edward Said “(...) cabe ao pensamento lembrar aos homens que muito da credibilidade de certas noções deriva apenas de sua repetição, e que os estereótipos e as categorias redutoras que emergem das verdades naturalizadas nos limitam ao invés de nos favorecer” (Said,1999, p.13).

O trabalho tem como principal objetivo criar uma abordagem de pesquisa que permita traçar um panorama da vida cotidiana nas casas de fazenda do sertão do Pajeú do século passado, utilizando-se para isso do patrimônio material – mobiliário e arquitetura. Identificar na literatura quais os fatores históricos, geográficos, culturais e materiais, que contextualizam o recorte da pesquisa, é o primeiro dos objetivos específicos.

Criar um arcabouço teórico que possibilite a análise dos aspectos arquitetônicos e do design, selecionando os autores que tratam dos múltiplos aspectos a serem abordados na pesquisa tais como a produção vernacular, a casa brasileira, a casa do sertão e o mobiliário brasileiro é outro dos nossos objetivos específicos.

Além disso, pretendemos coletar dados físicos, entrevistas e observações presenciais das 5 casas selecionadas. Finalmente, a partir dos dados físicos coletados, das entrevistas e das observações empíricas, analisaremos a arquitetura e o mobiliário, comentando e identificando os aspectos mais relevantes observados.

Contradizendo o engenheiro francês Louis Vauthier, autor de importantes projetos em Pernambuco no séc. XIX, que falou que “quem conheceu uma casa brasileira, conheceu todas” (Freyre, 1943, p.130), em um país tão diverso quanto o nosso, com diferenças geográficas, climáticas e econômicas, o resultado são diversas maneiras de morar. Conhecer as “casas” e os variados modos de morar que existem e existiram no Brasil é uma maneira de nos conhecermos. Como defende Lemos (1989):

O ato de morar é, antes de tudo, uma manifestação cultural, os aspectos técnicos e construtivos podem variar com o tempo, o habitar, no entanto, é fundamentalmente um reflexo dos usos e costumes de uma sociedade. (Lemos, 1989, p.7)

As casas de fazenda do sertão de Pernambuco ressentem-se de estudos que

abordem suas particularidades. O clima, o bioma caatinga, a cultura e a atividade econômica próprias criaram condições para o aparecimento de uma moradia diferente do litoral. Esta casa é mais austera, nos fala de um estilo de vida próprio e único. Nossa pesquisa espera que a partir da análise da arquitetura, do mobiliário, dos objetos de uso doméstico e depoimentos possamos levantar um panorama desta parte importante da cultura material pernambucana.

Métodos e procedimentos da pesquisa

Conceitualmente a pesquisa segue uma abordagem dialética de compreensão da realidade, a partir da oposição de diferentes pontos de vista, procurando estabelecer uma verdade com base em argumentos fundamentados em evidências. Pretende-se, partindo do contexto social e histórico, chegar aos aspectos da produção da cultura material, nas palavras de Michael Lowy “A relação entre o hoje e o ontem não é unilateral: em um processo eminentemente dialético, o presente ilumina o passado, e o passado iluminado torna-se uma força no presente” (Lowy, 2005, p.61).

A pesquisa é de cunho qualitativo, o objeto de estudo é “o morar no sertão do Pajeú”, baseando-se na arquitetura e no design de cinco casas sede de fazendas. A fase inicial da pesquisa é bibliográfica, serão consultados livros e estudos sobre os aspectos históricos, geográficos, culturais, sociais e políticos que trazem uma visão geral da região e do contexto em que as casas estão inseridas. Paralelamente, serão estudados os conceitos que embasam a análise da arquitetura das casas, do design do mobiliário e dos artefatos de uso destas moradias, tais como a história da casa brasileira, a arquitetura e o mobiliário vernacular, a produção popular nordestina e a produção acadêmica sobre a casa dos sertões.

A segunda parte da pesquisa é dedicada ao levantamento da arquitetura, do mobiliário, dos objetos de uso e da iconografia de 5 exemplares de casas sede de fazenda. Além dos dados físicos levantados através de desenhos, mapas e fotos, também foram realizadas entrevistas com moradores para desvendar os valores, os costumes e a vida cotidiana nessas casas. Esta fase exploratória foi realizada em diversas visitas às casas, em estações do ano variadas e horários diversos, o que permitiu ao pesquisador uma observação minuciosa da ambiência e do estilo de vida sertanejo.

Apresentamos a seguir uma tabela com um resumo dos objetivos da pesquisa e os métodos utilizados:

Tabela 1- Objetivos e métodos

Objetivo geral	Objetivos específicos	Etapas metodológicas	Métodos
Compreender o morar e o viver o sertão do Pajeú	Contextualizar a geografia, história, economia e formação sociocultural do sertão do Pajeú.	Levantar o estado da arte da bibliografia que trate dos temas.	Pesquisa bibliográfica e análise documental.
	Conceituar os eixos teóricos da pesquisa.	Revisar autores que tratam de arquitetura, design vernacular, casa brasileira e da cultura material sertaneja.	Pesquisa bibliográfica.
	Inventariar a arquitetura e o design do mobiliário das 5 casas sede. Levantar a história da casa e os hábitos dos moradores.	Levantar documentação (mapas, fotos, etc). Entrevistar moradores Observar em campo a ambiência onde as casas estão inseridas, a arquitetura e o mobiliário.	Levantamento arquitetônico e de mobiliário. Levantamento fotográfico. Categorização do mobiliário. Análise Documental.
	Caracterizar e compreender o morar no sertão do Pajeú a partir do material levantado.	Analisar os dados físicos das casas. Analisar as entrevistas. Estudar comparativamente as casas.	Análise documental.

Fonte: Tabela elaborada pelo autor.

A dissertação foi estruturada em 5 partes. Iniciamos com uma introdução onde

abordamos as motivações e as questões metodológicas da pesquisa, delimitando o objeto de estudo, recortes e justificando a importância do tema tratado.

Na segunda parte tratamos do sertão do Pajeú, fazemos inicialmente um apanhado dos autores e teorias utilizados como referência na dissertação. Abordamos então os aspectos físicos, geográficos e naturais da região. A seguir, descrevemos um histórico das primeiras tentativas de ocupação e as entradas exploratórias vindas da Bahia que iniciaram as primeiras criações de gado na região.

Seguimos com a história da identidade nordestina, desde seu aparecimento no início dos anos 1900, quando começaram a surgir as identidades regionais brasileiras. Abordamos depois, as características do sertanejo e o que o diferencia do povo litorâneo ou semi litorâneo. A criação de gado, que é a principal atividade econômica do nosso recorte, é o assunto a seguir. Fazemos então um histórico do surgimento da casa brasileira chegando até a casa do sertão.

Na terceira parte apresentamos o inventário de cinco exemplares de casas sede de fazenda novecentista do sertão do Pajeú. Além dos dados físicos da arquitetura, o mobiliário e objetos de uso doméstico foram categorizados pelo uso e organizados numa tabela. São apresentados aspectos históricos e uma descrição da vida cotidiana feita a partir de depoimentos de moradores.

A quarta parte é uma discussão e análise da arquitetura e do design levantados na pesquisa. A análise arquitetônica é feita a partir do programa de necessidades, implantação, zoneamento interno e os principais espaços das casas sede. Abordamos ainda os aspectos construtivos e materiais. Comentamos as particularidades dos interiores do mobiliário e dos objetos de uso doméstico. O levantamento da iconografia, dos objetos decorativos e as entrevistas nos ajudam a dar uma visão do imaginário dos moradores.

Nas considerações finais fizemos um apanhado dos achados da pesquisa e dos possíveis desdobramentos a partir da abordagem metodológica e dos dados levantados.

O sertão do Pajeú

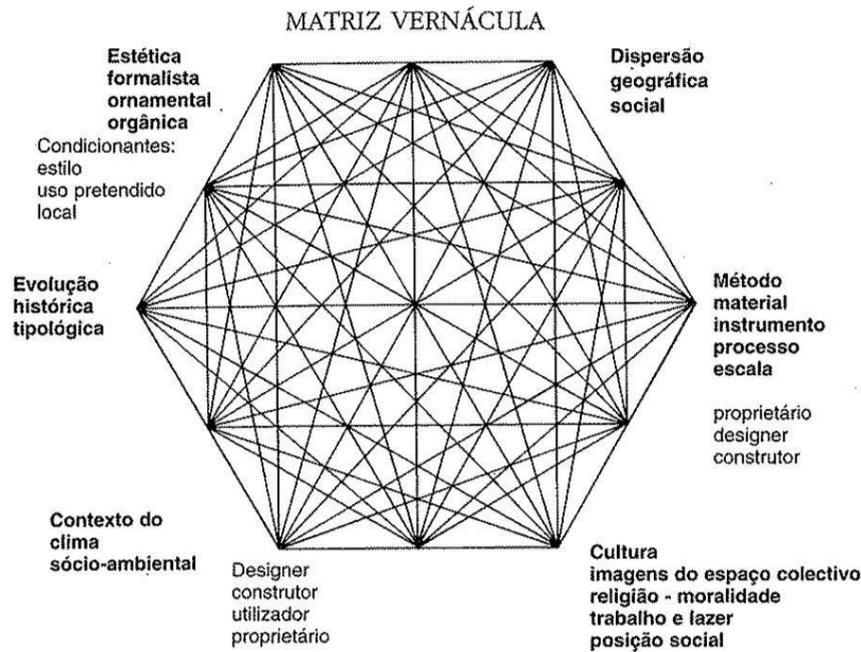
Referencial teórico

Para procurar entender o contexto histórico do recorte de nossa pesquisa consultamos obras clássicas como “Caminhos antigos e povoamento do Brasil” (1930) de Capistrano de Abreu e “A terra e o homem do nordeste” (1963) de Manuel Correia de Andrade, que ajudam a entender como aconteceram as primeiras expedições em direção aos sertões, assim como a ocupação e colonização deste território. Sérgio Buarque de Holanda no seu “Raízes do Brasil” (1936) assim como Frederico Pernambucano de Mello em “O ciclo do gado no Nordeste do Brasil: uma cultura da violência” (1979) falam das estruturas sociais mais características do sertão até hoje: a oligarquia e o patrimonialismo.

Para entender a história da identidade nordestina, como o nordeste é visto e como se vê, utilizamos fundamentalmente dois autores, Nísia Trindade no estudo “Um sertão chamado Brasil” (1999) onde faz um histórico da formação social da identidade sertaneja e o historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior na sua tese de doutorado “A invenção do nordeste e outras artes” (1999). Neste importante estudo, Albuquerque Júnior propõe uma revisão da história cultural do Nordeste desfazendo as noções que procuraram situar a região como uma barragem da mudança da modernidade e do progresso. Albuquerque Júnior desnaturaliza também vários conceitos preconceituosos em relação ao Nordeste.

Para análise dos aspectos vernaculares do patrimônio material utilizamos como referência o capítulo seis do livro “Arquitetura e Design, Ecologia e Ética” (2014) de Victor Papanek onde ele propõe que para entender um artefato vernacular é fundamental entender o processo de produção e não o artefato propriamente dito. Papanek condensou graficamente a produção vernacular, cobrindo as dimensões estética, a dispersão geográfica e social, os processos construtivos e materiais, os aspectos culturais, religiosos, sociais, o contexto sócio-ambiental e a evolução histórica/tipológica e suas relações numa matriz. Nessa “mandala” ele destaca as relações que intrinsecamente ligam os vários aspectos da produção vernacular, evidenciando que artefato vernacular é, ou pode ser, o resultado de uma conjunção de aspectos.

Figura 1 - Desenho matriz vernacular de Victor Papanek



Fonte: "Arquitetura e Design, Ecologia e Ética", Victor Papanek (2014).

O arquiteto Amos Rapoport em "Vivienda y Cultura" (1972), defende que os aspectos culturais são as principais forças formadoras das moradias, os aspectos físicos e naturais seriam secundários. Para defender essa ideia, ele nos apresenta moradias vernaculares que apesar de usarem materiais similares, em climas parecidos, resultam em formas completamente diferentes. Neste trabalho, Rapoport usa como exemplo a oca dos indígenas brasileiros, um espaço grande, comunal, mas confinado, só com uma pequena abertura para entrar e sair, difícil imaginar uma solução pior para o clima quente e úmido. Rapoport procura desnaturalizar também a preponderância dos meios materiais como definidor da forma das habitações, ele defende que as tecnologias e materiais são fatores modificadores mais que definidores e que é a forma final das casas são decididas em outros campos. Ele se utiliza do exemplo da Polinésia e da Melanésia que a partir dos mesmos materiais e métodos construtivos chegam a resultados muito diferentes. A organização social existente na Polinésia difere da Melanésia, resultando em casas muito mais solenes na primeira.

A arquiteta italiana, radicada em São Paulo, Lina Bo Bardi organizou, a partir de inúmeras viagens pelo Nordeste brasileiro na década de 1950, várias exposições com objetos de uso e arte popular da região. O livro “Tempos de grossura: o design no impasse” (1994) reúne vários artigos e imagens, onde ela sintetiza seu pensamento a respeito da produção popular do Nordeste. Este registro, pioneiro do design vernacular nordestino, proporciona um vislumbre da produção popular nas décadas de 1950 e 1960.

As revistas do serviço do patrimônio histórico e artístico nacional, foram um importante instrumento editorial para a discussão da chamada arquitetura civil, já que do ponto de vista histórico, a grande maioria dos estudos tratavam da arquitetura religiosa e até mesmo militar. Foram “Mucambos do Nordeste: algumas notas sobre o tipo de casa popular mais primitivo do Nordeste do Brasil” (1937) de Gilberto Freyre e “Documentação Necessária” (1937) de Lúcio Costa os textos pioneiros na análise da casa brasileira. Costa faz um histórico das casas construídas no Brasil desde a colônia e suas influências. No texto, alerta para a necessidade de se desenvolverem pesquisas abordando a casa brasileira para que se possa “aproveitar a experiência de mais de trezentos anos, de outro modo que não esse de lhe estarmos a reproduzir o aspecto já morto” (Costa, 1937, p. 33). Na mesma revista, em 1939, no artigo “Notas sobre a evolução do mobiliário Luso-Brasileiro”, a partir do mobiliário da casa brasileira, Costa analisa os interiores dessas casas e um estilo de vida “brasileiro” que, segundo ele, se configurava nas primeiras casas, já diferenciado das casa europeias. Na mesma revista, outros autores se debruçaram sobre a casa brasileira, entre eles Paulo Thedim Barreto (1938), Luís Saia (1939), Joaquim Cardozo (1943), José Wash Rodrigues (1945), Aluísio de Almeida (1945), Augusto Silva Telles (1968) e Robert Smith (1969). O próprio Gilberto Freyre ainda publicou no número 4, “O diário íntimo do engenheiro Vauthier (1840-1846)” (1940). Vauthier viveu em Recife nos anos 1800, fazendo inúmeras observações sobre as moradias tanto eruditas quanto populares da época.

Estes escritos pioneiros têm em comum a valorização da herança portuguesa em detrimento das influências indígenas e africanas nas primeiras casas brasileiras.

Carlos Lemos no livro “História da casa brasileira” (1989) procura determinar historicamente as origens e evolução da casa brasileira, desde as primeiras casas que chegaram até nós do século XVII até os apartamentos das grandes metrópoles. Lemos já havia estudado a casa no seu livro “Cozinhas, etc.” (1976). Ele defende que a primeira

diferenciação da casa portuguesa nos trópicos foi o deslocamento da cozinha para o exterior do corpo principal da casa. Voltaria mais uma vez ao tema no “Casa Paulista” de 1999. Como professor da USP orientou muitos estudos onde o morar em variadas regiões do Brasil foi o tema principal.

A arquiteta Esterzilda Berenstein de Azevedo (1990) fez um importante trabalho de pesquisa sobre a arquitetura rural brasileira, no “Arquitetura do Açúcar” ela aborda os sistemas construtivos dos engenhos do recôncavo baiano, do Rio de Janeiro e de Pernambuco. Em Pernambuco existem vários estudos sobre os engenhos desenvolvidos nos anos 1990 e 2000, pelo Professor Geraldo Gomes da Silva. “Engenho e arquitetura-morfologia dos edifícios dos antigos engenhos de açúcar pernambucanos” (1990) tese de doutorado orientada por Carlos Lemos, Arquitetura dos Engenhos (1994), A arquitetura em Casa Grande e Senzala (2002), Engenho e Arquitetura (2005) e Arquitetura do Açúcar (2007) são alguns destes trabalhos.

Dentro da produção acadêmica que aborda a casa sertaneja, a maioria dos estudos se concentram nas casas dos sertões cearenses, riograndense e piauiense. Estes estados são caracterizados por terem a maioria do seu território de caatinga, historicamente também, a atividade de criação de gado, foi a primeira e mais importante atividade econômica destes estados. Diferentemente de Pernambuco, por exemplo, em que a cana de açúcar foi a primeira atividade econômica durante os primeiros três séculos da história.

O trabalho “Notas sobre as casas de fazenda dos Inhamuns” (1984) de Maria do Carmo de Lima Bezerra, é uma pesquisa pioneira de casas de fazendas dedicadas à criação de gado no sertão, na microrregião dos Inhamuns no Ceará. Nesta monografia Bezerra já constata o estado de abandono que a maioria das casas se encontravam.

Em 2019 muitas dessas casas voltaram a ser visitadas por Jucá Neto, no estudo “Arquitetura como extensão do sertão, casa de fazenda setecentista e oitocentista dos Inhamuns no Ceará”. Juca Neto ilustra o estudo com imagens do IPHAN/CE das décadas de 1950 e 1960 e fotografias recentes de 9 fazendas da região. Neste trabalho o autor alerta para o risco da perda deste patrimônio, já que a maioria das fazendas visitadas encontram-se em estado de ruína.

Pinheiro (2019) realizou um estudo sobre as casas do sertão, utilizando as teorias de Norbert-Schulz⁴, ela analisou as casas rurais do sertão ao longo do rio Jaguaribe,

⁴O arquiteto e teórico norueguês Christian Norberg-Schulz foi um dos primeiros a trazer para o campo da arquitetura a fenomenologia de Martin Heidegger. No seu livro “Genius Loci, Paysage, Ambiente e

procurando diferenciar as construções vernaculares das construídas pelas políticas públicas. O trabalho investigou como a casa rural sertaneja se relaciona primeiramente com o lugar, levando em conta os aspectos do espaço (lugares, caminhos e domínios) e da forma (volumes, limites e orientações), e posteriormente através da análise de músicas e xilogravura sertanejas procurou encontrar o “genius loci” do espaço sertanejo. Ela observou no seu trabalho, que a construção da casa sertaneja normalmente é um processo que acompanha a vida de uma família ao longo de anos, seja por conta da escassez de recursos, seja por conta da dinâmica da vida, com o surgimento de novas necessidades.

Diniz, na sua dissertação “Velhas fazendas da Ribeira do Seridó” (2008), e na tese “Um sertão entre tantos outros, fazendas de gado nas Ribeiras do Norte” (2013), estudou as casas sede de fazendas de criação de gado. Na dissertação, Diniz trabalha sobre as casas sede do Seridó do Rio Grande do Norte, já na tese o universo de casas pesquisadas foi alargado abrangendo as “Ribeiras” dos estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Bahia. Ela inventariou um total de 116 casas sede de fazenda procurando as particularidades e semelhanças do ponto de vista da arquitetura dessas casas.

A quase totalidade dos trabalhos acadêmicos abordam a casa sertaneja do ponto de vista do patrimônio arquitetônico histórico, como um registro do passado, no nosso trabalho, vamos procurar a partir dos vários elementos materiais que compõem o morar, tais como o mobiliário, os objetos de uso cotidiano e a iconografia, traçar um panorama amplo das relações entre o “viver” e o “morar”.

Arquitectura” (1979) aborda os aspectos psicológicos da relação do homem, do lugar e da arquitetura. Ele concebe a arquitetura como uma “concretização do espaço existencial” dos indivíduos, ele afirma que o homem não pode chegar a essa “concretização” somente com o pensamento científico, são necessários “símbolos” que deem forma as situações existenciais do ser humano, estes símbolos, fundamentais para o homem, são as obras de arte. Outro aspecto fundamental para Norberg-Schulz é a noção de lugar, ele propõe que se entenda lugar como uma “atmosfera” que une vários fenômenos qualitativos sem perder de vista sua natureza concreta.

Sertão

"Vou lhe falar. Lhe falo do sertão. Do que não sei. Um grande sertão! Não sei. Ninguém ainda sabe. Só umas raríssimas pessoas - e só poucas veredas, veredazinhas". Guimarães Rosa.

O termo sertão, de acordo com a etimologia, seria oriundo de *desertão*, e segundo os dicionários da língua portuguesa dos séc.XVIII e XIX, existiam duas ideias neste termo: a espacial de interior e a social de deserto, região pouco povoada. A historiadora Maria Elisa Mader (1995) assinala que o sertão, mais do que simples oposição ao litoral, é o contraste com a ideia de região colonizada. É assim que o imaginário do sertão vai se formando, "a colônia constitui-se o mundo da ordem, estabelecida por duas instâncias de poder: a Igreja e o Estado" (Mader, 1995, p.13 apud Lima, 1999, p.58). O sertão, por sua vez, é:

(...) o território do vazio, o domínio do desconhecido, o espaço ainda não preenchido pela colonização. É, por isso, o mundo da desordem, domínio da barbárie, da selvageria, do diabo. Ao mesmo tempo, se conhecido, pode ser ordenado através da ocupação e da colonização, deixando de ser sertão para constituir-se em região colonial. (Mader, 1995, p.13, apud Lima, 1999, p.58).

Com o passar do tempo, o termo que designava qualquer região interior do país foi sendo capturado e para nós, passou a designar uma região específica do semiárido nordestino.

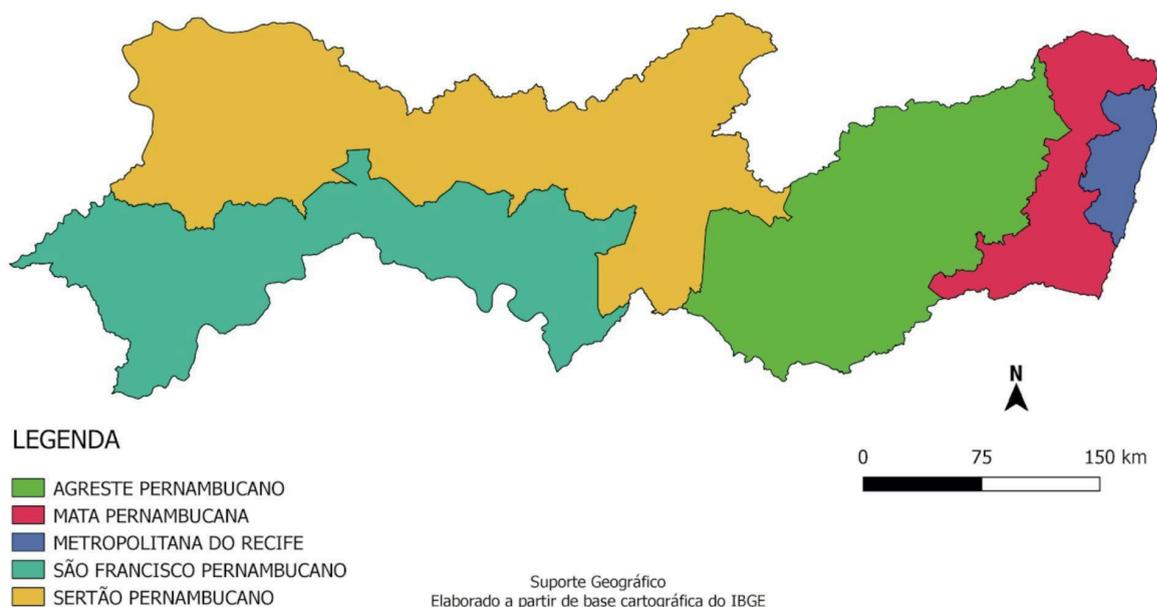
Já o Pajeú, é um topônimo Tupi que significa "rio do pajé", e é usado também para designar uma árvore: a *Triplaris Gardneriana*, conhecida como Pau-formiga, muito comum ao longo do Rio São Francisco.

Geografia

O Estado de Pernambuco divide-se, de acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), em cinco Mesorregiões: Metropolitana do Recife, Mata Pernambucana, Agreste Pernambucano, Sertão pernambucano e São Francisco de Pernambuco.

Figura 2 - Mapa das mesorregiões de Pernambuco

PERNAMBUCO - MESORREGIÕES



Fonte: Geográfico 77⁵

Estas cinco mesorregiões foram subdivididas em dezenove microrregiões para fins de planejamento de desenvolvimento regional. A microrregião do sertão do Pajeú localiza-se no planalto da Borborema, do tupi “por-por-eyma”, procedente de pora-pora-eyma que significa privado de moradores, sem habitantes (pora). O planalto, com área aproximada de 400 km², distribui-se ao longo dos estados do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas. Neste planalto nascem vários rios: os rios Jaguaribe e Piranhas que correm para o norte; o Paraíba e o Capibaribe que vão desaguar no Atlântico e o Moxotó e o Pajeú, que se dirigem para o sul desaguardo no rio São Francisco. O rio Pajeú nasce na serra do Balanço, no município de Brejinho, a uma altitude aproximada de 800m próximo a Paraíba e deságua no lago de Itaparica, formado

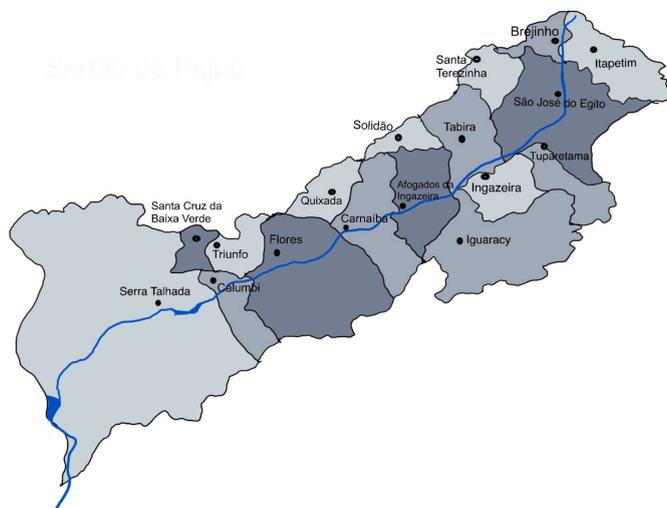
⁵Disponível

https://suportegeografico77.blogspot.com/2017/11/atividade-com-mapa-mesorregioes-de_18.html,
em 20 de maio de 2024

em:
acesso

pela barragem do rio São Francisco depois de percorrer 353 km

Figura 3 - Mapa do sertão do Pajeú



Fonte: Desenho do autor

A microrregião do sertão do Pajeú tem área de 13.350,30 km², e altitude média de 605m, sendo formado por 17 municípios que fazem parte da bacia hidrográfica do rio Pajeú, divididos em alto, médio e baixo Pajeú. ⁶

O relevo do Pajeú é suavemente ondulado, com elevações residuais e afloramentos rochosos, paisagem típica do semiárido nordestino. A oeste localiza-se a serra da Baixa Verde, onde está a cidade de Triunfo, ponto mais alto de Pernambuco com mil e duzentos e sessenta metros de altitude. A temperatura média anual é de 26 graus, apresentando um clima quente do tipo Tropical semiárido, com precipitação média anual de 591,9 mm. O período chuvoso concentra-se entre janeiro e maio.

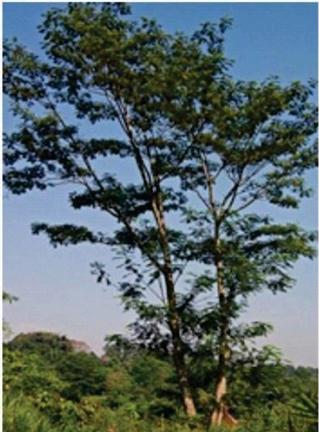
A caatinga – cujo nome tem origem Tupi-Guarani e significa “mata branca” devido ao seu aspecto geral de árvores com caule fino e poucas folhas – é o bioma dominante na região, existindo também o brejo de altitude nas serras, que guardam resquícios de mata atlântica com umidade mais elevada. A caatinga é um bioma que só existe no Brasil e é também a maior característica natural do Nordeste. Quando surgiram as primeiras

⁶ Utilizamos a regionalização proposta pelos “Seminários Todos por Pernambuco” de 2007, regulamentada pela Lei Estadual no 233/2007 de 02/08/2007, PPA 2008-2011, seminário promovido pela Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco - Condepe/Fidem que é uma autarquia de administração indireta do poder executivo estadual, criada em 2003. Esta produz estudos sobre a realidade física, territorial, ambiental e socioeconômica que visam subsidiar a administração pública do estado.

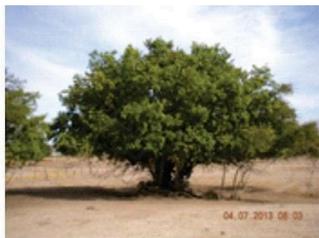
caracterizações regionais, a caatinga apareceu em contraposição à floresta amazônica, para diferenciar o Nordeste do Norte do Brasil. O professor Dardane Andrade Lima(2007) destaca as seguintes espécies vegetais do sertão central de Pernambuco.

Tabela 2- Família da espécie, nome científico, nome popular e imagem

FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	IMAGEM
Bromeliaceae	<i>Bromelia laciniosa</i> Mart.	Macambira	
Bromeliaceae	<i>Neoglaziovia variegata</i> Mez.	Caroá	
Velloziaceae	<i>Vellozia</i> Sp	Canela de ema	
Polygonaceae	<i>Triplaris pachau</i> Mart.	Pajeú	

FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	IMAGEM
Capparidaceae	<i>Capparis jacobinae</i> Moric.	Icó Preto	
Capparidaceae	<i>Capparis</i> e Mart.	Icó Branco	
Leguminosae	<i>Calliandra Depauperata</i> Benth	Carqueja	
Leguminosae	<i>Mimosa hostilis</i> Benth	Jurema preta	
Leguminosae	<i>Anadenanthera macrocarpa</i> (Benth.) Brenan.	Angico	

FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	IMAGEM
Leguminosae	<i>Cassia excelsa</i> Schrad	Canafistula	
Leguminosae	<i>Caesalpinia pyramidalis</i> Tul.	Catingueira	
Leguminosae	<i>Torresea cearensis</i> Fr. Ali	Imburana de cheiro	
Leguminosae	<i>Geoffroea spinosa</i> Jacq	Marizeiro	
Burseraceae	<i>Bursera leptophloeos</i> Mart.	Imburana de cambão	
Euphorbiaceae	<i>Cnidoscolus phyllacanthus</i> (Muell. Arg.) Pax. & K. Hoffm	Favela	

FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	IMAGEM
Anacardiaceae	Schinopsis brasiliensis Engl.	Braúna	
Anacardiaceae	Astronium urundeuva Engl.	Aroeira	
Anacardiaceae	Spondias tuberosa Arruda	Imbuzeiro	
Celastraceae	Maytenus rigida Mart.	Bom nome	
Rhamnaceae	Rhamnaceae Ziziphus joazeiro Mart.	Juazeiro	
Cactaceae	Pilosocereus gounellei Weber	Xique-xique	

FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	IMAGEM
Cactaceae	<i>Cereus jamacaru</i> DC	Mandacaru	
Sapotaceae	<i>Bumelia sartorum</i> Mart.	Quixabeira	
Apocynaceae	<i>Aspidosperma pyriformium</i> Mart.	Pereiro	
Verbenaceae	<i>Vitex gardneriana</i> Schau.	Salgueiro	

Fonte: Lima, 2007

Algumas dessas espécies, junto com outras já extintas, forneceram a madeira para a construção das cobertas, assim como das esquadrias e mobiliário das casas estudadas

neste trabalho. Vasconcelos Sobrinho relata a existência de extensas florestas dominadas por cedro (*Cedrela fissilis Vell., Meliaceae*) que sucumbiram devido à exploração madeireira na década de 60. Na verdade, a grande maioria das principais cidades situadas na região do semiárido nordestino está localizada nas áreas de brejo de altitude, as áreas mais ricas de espécies que podem chegar a vinte ou vinte cinco metros de altura.⁷ Estas espécies têm uma característica em comum: a dureza da madeira; a aroeira, o angico e principalmente a braúna são popularmente conhecidas devido a essa característica. A ciência vem a confirmar o conhecimento popular, a braúna tem uma dureza Janka⁸ de 2.177 kg, só sendo superada em dureza pela bullock australiana (Janka 2.295 kg). Devido a esta característica, que dificulta o manuseio, essas madeiras são usadas somente em usos grosseiros como mourões e cercas.

Fauna da Caatinga

A principal característica dos animais da caatinga é a especialização para enfrentar o clima semiárido do sertão. A fauna do bioma também é surpreendente diversa com aproximadamente 1.307 espécies animais, dentre as quais 327 são exclusivas do bioma⁹. As peculiaridades da Caatinga fizeram com que, ao longo da história da evolução do bioma, os animais ali presentes apresentassem adaptações necessárias à sua sobrevivência. Adaptar-se às condições climáticas é a principal estratégia e que pode se dar em diferentes níveis, seja em termos evolutivos ou mesmo comportamentais. Por exemplo, muitos deles apresentam o hábito de se esconder do sol durante o dia, de fazer migrações no período mais intenso da seca, possuem uma couraça mais resistente à perda de água, dentre outras estratégias.

Apresentamos a seguir uma tabela com algumas espécies que ilustram essa biodiversidade.

⁷ Vasconcelos Sobrinho foi um engenheiro agrônomo e ecólogo pioneiro em estudos ambientais no Brasil, estudou especialmente a caatinga e a desertificação desse bioma decorrente da ocupação humana. No livro “Núcleos de desertificação no polígono das secas” de 1971 afirma que o semiárido nordestino é um deserto em potencial devido ao desequilíbrio da ocupação humana na região, nesta obra fala sobre espécies de madeiras que encontram-se praticamente extintas devido à exploração humana.

⁸ O teste de dureza Janka foi desenvolvido por Gabriel Janka (Áustria, 1964-1932), consiste em calcular o peso necessário para fazer penetrar uma esfera na superfície de uma madeira.

⁹ ICMBio. Livro Vermelho da fauna brasileira ameaçada de extinção. Brasília, DF: ICMBio/MMA, 2018. Disponível em <www.icmbio.gov.br/portal/component/content/article/10187>. Acesso em 21 jun. 2024.

Tabela 3- Família da espécie, nome científico, nome popular e imagem

FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	IMAGEM
Mamíferos	<i>Tolypeutes tricinctus</i>	Tatu-bola	
Mamíferos	<i>Tamandua tetradactyla</i>	Tamanduá mirim	
Mamíferos	<i>Leopardus pardalis</i>	Jaguaririca	
Mamíferos	<i>Puma concolor</i>	Onça parda	
Mamíferos	<i>Kerodon Rupestres</i>	Mocó	
Mamíferos	<i>Callithrix</i>	Sagui	

FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	IMAGEM
Aves	Eupsittula Cactorum	Periquito da caatinga	
Aves	Icterus Jamaicaii	Corrupião	
Aves	Patagioenas Picazuro	Asa Branca	
Aves	Carcara Plancus	Carcará	
Aves	Paroadia Dominicana	Galo de Campina	
Aves	Cariama Cristata	Siriema	

FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	IMAGEM
Mamíferos	<i>Conepatus semistriatus</i>	Ticaca	
Mamíferos	<i>Cavia aperea</i>	Preá da caatinga	
Mamíferos	<i>Mazama gouazoubira</i>	Veado catingueiro	
Peixes	<i>Hoplias malabaricus</i>	Traira	
Peixes	<i>Astyanax bimaculatus</i>	Piaba	
Répteis	<i>Boa constrictor</i>	Jibóia constritora	
Répteis	<i>Crotalus durissus</i>	Cascavel	

FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	IMAGEM
Aves	Cyanocorax cyanopogon	Cancão	
Anfíbios	Rhinela Marina	Sapo Cururu	
Anfíbios	Aparaspherodom Bokermanni	Perereca de Capacete da Caatinga	
Invertebrados	Melicona mandacaia	Mandaçaia	
Invertebrados	Desitonthophagus gazella	Rola bosta	
Mamíferos	Cordocyon thous L	Raposa da caatinga	

População

A microrregião do Pajeú tem uma população de 327.373 mil habitantes, segundo o censo de 2022, a cidade mais populosa é Serra Talhada com 91.624 mil habitantes e a menor é Ingazeira com 4750 mil habitantes. Segundo o mesmo censo, a população economicamente ativa é de 51,6% trabalhando na agropecuária, 12% no setor de comércio e serviços e de, 5,3% na administração pública, 5,0% na educação e 26,1% em outros setores.

As primeiras ocupações do sertão do Pajeú

A ocupação do sertão do Pajeú iniciou-se não a partir de Olinda e Recife como seria natural, mas sim a partir da Bahia. As duas “entradas” empreendidas partindo de Olinda resultaram em completos fracassos.¹¹

O administrador colonial Garcia d'Ávila chegou ao Brasil junto com Tomé de Sousa em 1549. Apesar da origem de sua família ser desconhecida, especula-se que d'Ávila tivesse algum parentesco com o primeiro governador geral. Sua família, ao longo de dez gerações – a partir do morgado da Casa da Torre, no antigo município de Tatuapara, atual Praia do Forte, onde até hoje existem as ruínas da monumental Casa da Torre – constituiu um latifúndio com imensas áreas de terras através do sistema de sesmarias.¹²

O sistema de sesmarias, que já existia a mais de 100 anos em Portugal, foi introduzidas no Brasil em 1530 como forma da coroa não precisar investir capital próprio¹³. As entradas exploratórias seguiam na maioria das vezes os leitos dos rios.

¹⁰ Disponível em:

<https://www.peritoanimal.com.br/animais-da-caatinga-aves-mamiferos-e-repteis-23204.html>. Acesso em 1 de julho 2024.

¹¹ Segundo o historiador Manuel Correia de Andrade, no seu livro “A terra e o homem do Nordeste” a primeira empreitada pelo provedor Francisco de Caldas e por Gaspar Dias de Taide acabaram com a morte dos entradistas pelos indígenas que os devoraram. A segunda, realizada em 1578 pelo Capitão Francisco Barbosa da Silva também fracassou, com o retorno do Capitão a Olinda cansado e ferido. A ocupação rumo ao interior dos pernambucanos ia até onde hoje se localiza o município de Bezerros no agreste pernambucano.

¹² Pedro Calmon no livro de sete tomos “História do Brasil” narra a saga da família Garcia d'Ávila desde que o fundador do morgado obteve o posto de Almojarife da Coroa Portuguesa.

¹³ A lei de sesmarias foi criada pelo rei português Dom Fernando I, em 1375, e integrava um conjunto de medidas adotadas pelo governante com o intuito de combater uma aguda crise de abastecimento por qual passava o reino. Um dos objetivos da lei era constringer os “donos” de terra a cultivar sua gleba. Caso tal

Depois de chegar ao rio São Francisco, o morgado da Casa da Torre, através de seus prepostos em 1644, subiram o rio Pajeú em direção à Paraíba. Segundo a divisão das capitânicas hereditárias, a margem esquerda do Rio São Francisco pertencia à Bahia, e a direita a Pernambuco. Quando os Garcia d'Ávila cruzaram o São Francisco estavam levando a cultura do gado para todo o sertão do Nordeste.

Figura 4 - Ruínas da Casa da Torre



Fonte: Foto autor desconhecido.

O morgado da Casa da Torre, tornaram-se donos de uma área de 340 léguas nos sertões brasileiros – área maior que muitos países europeus da época. Grande parte dessa terra, no entanto, era explorada por posseiros e foreiros que na falta de perspectivas de ascensão social em Salvador, se associavam aos grandes senhores de terra e partiam para os sertões para a criação de gado. Cabia a eles o enfrentamento aos povos indígenas e ex-escravos, quilombolas que depois de fugir do litoral se refugiavam muitas vezes nos vales ribeirinhos dos sertões.

Tanto as extensas propriedades rurais – resultado do sistema de sesmarias – e a criação de gado como principal atividade do sertão do Pajeú, são heranças destas primeiras ocupações da região que persistem até os dias atuais.

O historiador Capistrano de Abreu propôs a divisão do sertão nordestino em dois: os “sertões de dentro” e os “sertões de fora” (fig. 5). Os sertões de dentro são o resultado das ocupações baianas, do morgado da casa da torre, a partir da travessia do Rio São Francisco. Já os sertões de fora decorreram da expansão pernambucana, esta aconteceu em direção ao norte, acompanhando o litoral e chegando onde existe o estado do

condição não fosse observada, a coroa tinha o direito de revogar a concessão e doar a terra em sesmaria a outra pessoa que se comprometesse a cultivá-la em tempo pré-determinado por lei. Tal concessão garantia ao beneficiário o domínio útil da terra, porém este domínio estava condicionado ao fundamento do cultivo que, se não observado, acarretaria a anulação da doação que voltava ao domínio real e poderia ser concedida, novamente, em sesmaria a um terceiro sesmeiro. Assim, a coroa pretendia utilizar as sesmarias para incentivar a colonização do território, ainda inexplorado. Disponível em <<http://silb.cchla.ufrn.br/o-sistema-sesmarial>>. Acesso em 14 de maio de 2024

Maranhão. O vale do São Francisco, segundo Abreu, foi onde a criação de gado encontrou melhores condições para se desenvolver. Com grande quantidade de barreiros de sal, esta criação foi fator determinante para a fixação de moradores na região, o São Francisco ficou conhecido nessa época como o “rio dos currais”. O contato entre o litoral e o sertão era esporádico, ocorrendo principalmente nas feiras de gado, que reunia comerciantes e criadores. Este isolamento foi fundamental no aparecimento de uma moradia sertaneja, com características próprias, adaptada ao clima do semi árido, bem diferente da moradia litorânea.

Figura 5 - Rotas de penetração nos sertões nordestinos



Fonte: Desenho do autor.

A história da identidade Nordestina

Até o começo do século passado, a designação Nordeste não existia, o Brasil era dividido em Norte e Sul. Só no final da primeira década de 1900, é que aparece a nomeação Nordeste em um documento oficial, mas não existia ainda uma noção de uma região com história e traços culturais próprios, essa identidade vai sendo construída aos poucos a partir da década de 20. Aqui, procuramos analisar a história da identidade nordestina sob dois pontos de vista: o sociológico, ligado a visão dos intelectuais brasileiros, e o cultural, analisando as manifestações artísticas nordestinas e suas representações do sertão. Utilizamos para isso dois autores: Nísia Trindade Lima com seu livro “Um sertão chamado Brasil” (1999) e Durval Muniz de Albuquerque Júnior com “A invenção do Nordeste e outras artes” (1999). As duas maneiras de enxergar essa identidade tem um ponto em comum: considerar “Os Sertões” de Euclides da Cunha o

marco inicial de descoberta do sertão como um território com particularidades próprias.

Em “Os sertões”, como aponta Nísia Lima, a ideia de “dois Brasis” ou de duas “potencialidades de país” aparece claramente delineada, são ressaltados os contrastes e polarizações da sociedade brasileira. Esta estrutura de análise influenciou gerações seguintes de autores como Alberto Torres, Oliveira Vianna e Gilberto Freyre. A ideia da “Belíndia” (Bélgica e Índia)¹⁴ e o contraste social, como principal característica do Brasil, é até hoje uma das imagens mais marcantes no pensamento social brasileiro.

Na história da América, como defende Nísia Lima, existem paralelos entre visões contrastantes regionais, como nos Estados Unidos da América, o norte e o sul ou mesmo a costa leste e a costa oeste. A partir daí sempre surge a dicotomia: a barbárie e a civilização. Na América do Sul, o argentino Domingos Sarmiento procurou interpretar a realidade portenha como uma terra dividida entre a civilização das cidades e a barbárie dominante nos pampas argentinos. Em 2021, durante uma entrevista, o presidente argentino na época, Alberto Fernández, declarou “os mexicanos saíram dos índios, os brasileiros saíram da selva, mas nós, argentinos, chegamos nos barcos”. Evidentemente, Fernández procura, de forma racista, atribuir um valor a um povo de descendência europeia, sem “misturas” – esse preconceito encontra-se muito vivo na sociedade. Lima descreve ainda os estudos de Tocqueville e Max Weber, em que foi traçado um paralelo entre os EUA e a Europa, ambos a partir de viagens que realizaram aos Estados Unidos, comparando o “novo” mundo com o “velho” mundo. Grande parte das discussões sobre as “novas” sociedades americanas gira em torno da herança europeia e do desenvolvimento das sociedades autóctones. A construção das identidades regionais passa forçosamente pelo conceito de fronteira, com o deslocamento progressivo do litoral para o interior do território: o litoral como uma fronteira imaginária com o conhecido, a Europa, e o interior ligado ao desconhecido, as terras inexploradas.

No Brasil, a noção de fronteira adquiriu um sentido muito diverso dos EUA: enquanto lá a fronteira representava a expansão populacional do núcleo de origem puritana inglesa para o interior, aqui, desde a primeira colonização, o povo era “fronteiro”, experimentando os hábitos de etnias, de línguas e de outras culturas. Autores como

¹⁴A expressão “Belíndia”, um país imaginário que era ao mesmo tempo Bélgica e Índia, foi criada em 1974 pelo economista Edmar Bacha, em plena ditadura militar. O censo de 1970 havia revelado um país profundamente desigual, a concentração de renda havia aumentado entre 1960 e 1970, os 10% mais ricos aumentaram em 72% sua renda em uma década. A expressão procurava expor a contradição do milagre econômico brasileiro da década de 70, em que só uma parte privilegiada da sociedade foi beneficiada.

Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre apontam que este povo da fronteira, produto do encontro do português, do indígena e do negro, é identificado muitas vezes com a figura do sertanejo.

Essa perspectiva das fronteiras carrega na sua interpretação uma ambiguidade fundamental: a “civilização” do litoral é uma cultura copiada, artificial, já a “barbárie” do interior, atrasada e isolada, é autêntica, e é onde se encontra o cerne da nacionalidade brasileira. Esse isolamento geográfico e cultural do sertão, como veremos nas análises das casas sede, favoreceu o aparecimento de peculiaridades nas casas e nos mobiliários sertanejos.

Em “Os sertões” (1902) Euclides da Cunha faz uma interpretação dualista da sociedade brasileira, traçando uma linha entre o litoral e o sertão. A história do fanatismo dos Canudos de Antônio Conselheiro enfrentando a Nova República, tema do livro de Euclides da Cunha, é em muito ultrapassado pelo escritor, que logo na nota preliminar diz que o livro irá procurar esboçar “os traços mais expressivos das sub-raças sertanejas, condenadas ao desaparecimento pelo movimento natural da história em direção à civilização” (Cunha, 1902.p. 3). A obra, por um lado parte de uma linguagem científica, ou melhor dizendo cientificista, e procura uma análise lógica do que vê – análises que muitas vezes são erráticas e outras completamente equivocadas. Por outro lado, “Os sertões” funcionou por mais de um século como uma revelação do Brasil, e Euclides da Cunha não só denunciou um crime cometido pelo exército brasileiro, como desvelou a brutal desigualdade social que existia no Brasil daquela época, estabelecendo também uma visão de futuro que perdura até hoje. Até a institucionalização das ciências sociais no Brasil, não existia uma nítida separação entre a literatura e a ciência. Gilberto Freyre muitas vezes se queixava por suas obras de interpretação do Brasil serem consideradas literatura, e não estudos científicos como pretendia. Isto explica muitas polêmicas em torno de “Os sertões”, sendo considerado muitas vezes um estudo de cunho etnográfico, geográfico ou literário, do que um estudo científico (Albuquerque Júnior, 1999).

Outra obra clássica sobre o sertão é “O sertanejo” (1952) do cearense José de Alencar. Assim como em “Os sertões”, o autor explora a relação entre o homem do sertão, o ambiente natural e a atividade da pecuária. A pecuária é outra temática muito presente em inúmeros autores, como Capistrano de Abreu, Oliveira Vianna e Nelson Werneck Sodré. O autor, também cearense, Capistrano de Abreu, natural de

Maranguape, no sertão do Ceará, teve contato desde cedo com a pobreza dos escravos recém libertos na fazenda do Major Jerônimo Honório de Abreu, seu avô. A experiência com as diferenças sociais e a sociedade patrimonialista e paternalista da sua infância e suas conversas “antropológicas” com os trabalhadores na enxada, contribuiu para a visão da história do povo brasileiro mestiço e culturalmente híbrido, como aponta Frederico de Castro Neves na apresentação do clássico “Caminhos Antigos e o Povoamento da Brasil” (1930).

A intelectualidade dessa época viveu nessa ambivalência, entre o dualismo civilização/barbárie e a oposição entre a cultura copiada e a cultura autêntica, para caracterizar o litoral e o sertão. Nísia Lima defende que nos primeiros anos da República aconteceram inúmeras iniciativas de “integração” do interior do país: foram promovidas viagens ligadas a projetos de modernização como construções de ferrovias, avaliações de “Inspetoria de Obras Contra a Seca”, construção de linhas telegráficas e expedições sanitárias. Sertão, povoamento, civilização e integração são expressões que aparecem, segundo Nísia Lima, em inúmeros documentos das três primeiras décadas do séc.XX. Pela presença destes vocábulos que expressam uma visão de mundo determinista, entende-se o impacto que as visões positivistas ortodoxas tiveram no ideário dos intelectuais do início do século passado.

A doutrina positivista influenciou não só Euclides da Cunha, como também Cândido Rondon – uma das figuras míticas da primeira república, oriundo de uma família de poucos recursos que seguiu a carreira militar, se tornando um seguidor de Benjamin Constant. As viagens de Rondon se iniciaram na instalação de linhas telegráficas pelo interior do Mato Grosso. Trabalhando para o corpo de engenharia do exército, assumiu a liderança da Comissão Construtora de Linhas Telegráficas do Mato Grosso ao Amazonas, ligando Cuiabá e Santo Antônio do Madeira, que delimitaram o que se conhecia na época como o “Grande Sertão do Noroeste”. Os relatórios da “Comissão Construtoras das Linhas Telegráficas do Mato Grosso ao Amazonas” são, segundo Nísia Lima, um exemplo da associação de objetivos práticos: a integração através dos telégrafos do território, a reunião de conhecimentos da flora e fauna, descrições geográficas e geológicas e glossário de termos indígenas. Nas conferências que proferiu eram comum frases como: “Nós, os descendentes dos conquistadores destas terras, podemos realmente fazer muito em benefício dos habitantes dos sertões”. Evidentemente, a visão militar e humana muitas

vezes se confundiam. Se por um lado dispensava aos indígenas “pacificados” tratamento incomum para aquela época, por outro, chegou a responder processos disciplinares por castigos físicos impostos aos soldados sob seu comando. Rondon considerava o sertão, antes de tudo, um lugar de miscigenação entre o branco e o indígena. Essa posição de incorporação em detrimento da valorização das singularidades, foi desenvolvida posteriormente por Roquete Pinto com a etnografia sertaneja, e mais tarde por Darcy Ribeiro, que defendeu a miscigenação como fator preponderante na formação brasileira. O livro “Os sertões”, segundo Nísia Trindade, mostrou ao Brasil pela primeira vez tipos humanos poucos conhecidos, como o sertanejo, o vaqueiro e o jagunço e o meio em que viviam com descrições pormenorizadas da geografia, do clima, da fauna e da flora do sertão. Cunha caracterizou o sertanejo mais como um retrógrado do que um degenerado.

Durval Muniz de Albuquerque defende que as análises regionalistas naturalistas, presentes em “Os sertões”, consideram as diferenças regionais como um reflexo imediato da natureza, do meio e da raça. Nas suas palavras “as variações de clima, de vegetação e a composição racial da população explicavam as diferenças de costumes, hábitos, práticas sociais e políticas” (Albuquerque Júnior, 1999. p. 71). As distâncias continentais do país e a praticamente ausência de migrações regionais tornavam, nessa época, o Brasil do Norte e o Brasil do Sul, mundos totalmente separados.

Euclides da Cunha formula as dicotomias que vão ser repetidas à exaustão nas análises sobre a identidade brasileira: deus e diabo, tradicional e moderno, mar e sertão. Albuquerque frisa que o aparecimento da “seca”, pano de fundo de “Os sertões”, como tema, foi fundamental para caracterizar a “nova” região, o Nordeste, em que ocorria o fenômeno climático.

A grande seca de 1877-79 foi a primeira a ter repercussão nacional pela imprensa, trazendo uma grande quantidade de recursos federais para os estados atingidos. Fez também com que houvesse uma união das bancadas nortistas com o objetivo de exigir do governo federal tratamento igual ao dado aos estados do sul. A constituição de 1891 – no artigo quinto – obriga a união a destinar verbas para os estados vítimas de flagelos naturais – incluídos aí a seca – e foi uma importante conquista das bancadas do norte, institucionalizando o “combate às secas” e inaugurando a “indústria da seca” que vem até os dias de hoje, alimentar os discursos políticos da região. O termo Nordeste foi usado inicialmente para designar a área de atuação do IFOCS (Inspetoria Federal de Obras

Contra as Secas) criada em 1919. Os discursos e ações contra o flagelo climático foram, em grande medida, definidores de uma identidade nordestina. Foi através da seca que o Nordeste surgiu como tema para romances, pinturas, peças teatrais, discursos políticos e posteriormente programas de televisão. O sertão, seu clima, sua vegetação e seu povo terminou servindo para caracterizar toda a região Nordeste – contraditoriamente, uma região onde a grande maioria da população mora no litoral ou em zonas úmidas.

Os termos Norte e Nordeste eram usados até a década de 20 do século passado como sinônimos, como aponta Albuquerque (1999), não havendo num primeiro momento uma clara diferenciação regional. Somente a partir das migrações que ocorreram do Nordeste para a região amazônica, para trabalhar na extração da borracha, é que começaram a ficar mais claras as enormes diferenças existentes entre as regiões. O êxodo provocado pela seca criou uma das narrativas mais fortes da história brasileira, narrativa que serviu de tema para inúmeros romances e manifestações artísticas. A imagem do desterrado, saudoso da terra natal, religioso e valente, criou um dos personagens mais característicos da nossa identidade. O atual presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, é ele próprio um retirante nordestino. Sua identidade, ao mesmo tempo de nordestino humilde e de operário paulista, criou uma história única no país: a primeira vez que um representante das classes sociais mais pobres chegou à presidência.

Figura 6 - PORTINARI, Cândido. [Os retirantes]. 1944. Pintura, óleo sobre tela, 180 x 190 cm



Fonte : Masp¹⁵

O cangaço e a sua repressão, foi segundo Albuquerque (1999), outro importante

¹⁵ Disponível em: <https://masp.org.br/busca?search=retirantes>, acesso em 24 de maio de 2024

tema das primeiras décadas do século passado, gerando nas forças políticas nordestinas uma crescente atuação conjunta. Os cangaceiros não respeitavam as fronteiras estaduais e a sua repressão tinha que ser coordenada. O cangaço e o cangaceiro carregavam valores muito populares entre os sertanejos, como a valentia e um código de honra particular. Estes aspectos levantavam nos produtores de açúcar e algodão uma sensação de fragilidade, por temerem a identificação popular com os criminosos, a oligarquia nordestina, que até aquele momento detinha o poder regional, via seus domínios ameaçados. A superação deste dilema se deu através de campanhas em jornais onde eram enfatizados a crueldade e os crimes dos cangaceiros.

Em 1925, ano do centenário do “Diário de Pernambuco”, por influência direta de Gilberto Freyre, foi publicado o “Livro do Nordeste”. Primeira tentativa de dar à região mais do que o recorte geográfico, procurando resgatar as tradições, história e memórias nordestina, segundo o escritor paraibano José Lins do Rego, foi aí que “o Nordeste se descobriu pátria”. Para se legitimar como região, a primeira missão desses intelectuais foi instituir uma origem diferenciadora para a região, onde Gilberto Freyre, por exemplo, identifica a influência holandesa no séc.XVII como um desses fatores, recuando para o período colonial a origem do Nordeste, a região teria, segundo ele, nascido antes da nação. Procura-se assim, que aspectos históricos, como a invasão holandesa, a Insurreição Pernambucana, as revoltas de 1817, 1824 e 1848, passem a ser a origem da identidade regional. Nesse sentido, Albuquerque (1999) aponta que são os argumentos históricos que substituem os naturais – mestiçagem e seca, por exemplo – como principais fatores da formação desta identidade.

A busca por uma raiz regional no campo cultural, leva, segundo Albuquerque, à invenção de tradições; tentando conciliar a nova ordem com a anterior, garantindo a perpetuação de privilégios e ordens sociais. A identidade regional vai nascendo como reação a dois processos: a nacionalização do poder e seu conseqüente enfraquecimento dos interesses regionais e a globalização pelas relações econômicas e sociais capitalistas. A identidade regional permite costurar o homem do presente com o homem do passado, o “Nordeste Tradicional” é portanto um produto da modernidade. Albuquerque aponta que o folclore foi um dos aspectos fundamentais na construção desta tradição. A obra de Luís Câmara Cascudo adota uma visão estática do elemento folclórico, não fazendo nenhuma análise histórica ou social do mesmo, realizando

somente um apanhado de materiais de uma sociedade rural e pré capitalista. Na sua visão, o folclore seria a expressão da mentalidade do povo, e por sua vez refletiria a mentalidade regional.

Muniz de Albuquerque mostra a construção dessa identidade nordestina por meio de inúmeros intelectuais e artistas em diferentes épocas. Partindo de Gilberto Freyre e sua “escola tradicionalista do Recife” da qual participavam José Lins do Rego e Ascenso Ferreira, passando pela música de Luiz Gonzaga na década de 40, até a obra teatral de Ariano Suassuna, iniciada na década de 50. Além desses, também participaram desta construção os pintores Cícero Dias e Lula Cardoso Ayres, o poeta Manuel Bandeira e os romancistas cearenses Rachel de Queiroz e José Américo de Almeida, que possuem, apesar das diferenças entre si, uma visão comum do Nordeste. Segundo Albuquerque, essa visão tradicionalista usa a história como fonte de reminiscências e de reconhecimento, criando um processo do sujeito do presente se reconhecendo no passado. Afirmando essa identidade, contínua e tradicional, os elementos disruptivos da história são apagados, surgindo em seu lugar estereótipos imagéticos de carácter moral, apolíticos e naturais.

Figura 7 - SUASSUNA, Ariano. [A estrada]. 1982. Iluminogravura, gravura sobre papel, 64 x 45 cm.



Fonte: Arte popular Brasil¹⁶

O Nordeste do teatro de Ariano Suassuna é o Nordeste sertanejo, diferente de Gilberto Freyre centrado na zona da mata açucareira. Ele próprio de origem sertaneja, viveu parte da infância em Taperoá, no sertão paraibano. Sua obra se volta para esse sertão nobre e cheio de encantamentos, ligado diretamente ao passado medieval da

¹⁶ Disponível: <https://artepopularbrasil.blogspot.com/2016/02/ariano-suassuna.html>, Acesso em 24 de maio de 2024

península ibérica e seus mitos. Suassuna utilizou as narrativas do cordel como forma de legitimar sua obra através desta forma de narrativa popular. Sua peça “O Auto da Compadecida” foi um marco no teatro nacional tendo em vista que nessa época o teatro se dividia basicamente na tradição dramática de influência italiana e na comédia, o teatro de revista. O “Auto” surgiu como um teatro que, através da sua linguagem e tema, permitia uma conexão com o povo, contribuindo na formação de um teatro nacional mais voltado para o popular e não para a burguesia, como aconteceu também com o cinema nas décadas seguintes.

A partir da década de trinta, começaram a surgir na cultura brasileira reflexos da revolução russa. O marxismo foi introduzido inicialmente no Brasil pelos militantes ligados ao movimento operário, e posteriormente por intelectuais do Partido Comunista. Os romances de Graciliano Ramos e Jorge Amado, a poesia de João Cabral de Melo Neto e o cinema novo, que surge no final dos anos cinquenta, terão como tema o Nordeste, na tentativa de submeter os mesmos temas da seca, da carência, fabricadas anteriormente, a uma visão marxista – acabando, no entanto, por reforçar os estereótipos criados pelas oligarquias. O sertão nordestino não existe para eles sem a seca, sem os coroneis, sem os jagunços, sem os cangaceiros e os santos.

Esta mitologia serviu para produzir obras de artes de diferentes matizes ideológicos, muitas vezes antagônicos. Como analisa Albuquerque, o discurso dos intelectuais marxistas tende a reduzir os fenômenos como o cangaço, o coronelismo e o messianismo, pelo determinismo social, a seus aspectos puramente econômicos. A partir da década de cinquenta, o Nordeste vira tema preferencial das esquerdas, com o surgimento das Ligas Camponesas, a proletarização do camponês nordestino passa a ser considerada condição fundamental para o processo revolucionário no país.¹⁷ Albuquerque assinala que nas representações artísticas, os nordestinos sempre são homens submissos a Deus, à natureza, ao patrão e ao governo. Como o marxismo tem como paradigma a luta de classes, ela aparece sempre como premissa básica: o bem popular contra o mal burguês, esse mal representado pela figura do coronel, figura truculenta e sem interioridade, cujo o maior inimigo é o cangaceiro e os outros coroneis. As cidades, quando são assaltadas pelos bandos de cangaceiros, se assemelham às

¹⁷ As primeiras ligas camponesas surgiram em 1945 principalmente no Nordeste, os trabalhadores rurais se insurgiram contra os grandes proprietários de terras, que eram ligadas desde o primeiro momento ao recém criado Partido Comunista.

narrativas medievais dos bárbaros invadindo a civilização, narrativas que aparecem em grande parte dos romances da década de 30 do século passado. O próprio nordestino passa a ser associado a essa figura: o homem que vem do mato, inadaptado e ridículo, como aparece nas chanchadas da Atlântida. O Cinema Novo, apesar de retomar esta imagem do nordestino, o coloca em outra posição, o de guerreiro salvador, de homem que vem do povo para guiá-lo, o messias da revolução popular. O coronel, por sua vez, aparece como um autoritário, que vive em casas de prostituição, jogando e bebendo. A partir do personagem do coronel, vinha a ideia da proteção ou perseguição, mesmo na produção acadêmica a figura do coronel sempre aparece. Como aponta Albuquerque, o Nordeste sem o coronel parece não fazer sentido do ponto de vista histórico ou social. Tanto o coronel, como o cangaceiro e o santo messiânico, são mitos, símbolos do passado “vencidos” pela ordem e a civilização, permanecendo vivos no entanto na memória e nas produções populares.

A primeira conclusão do estudo de Albuquerque é que o que conhecemos como Nordeste é uma invenção recente na história do Brasil. Os problemas advindos das secas, o combate ao cangaço, o messianismo e os interesses políticos regionais vão sedimentando a ideia de uma regionalidade e de uma cultura regional. Os intelectuais da região, ligados a elite econômica, foram chamados para produzir o saber e as imagens que dessem uma identidade a essa região. Do ponto de vista político e econômico, outra das características mais marcantes dessa visão do Nordeste é os discursos da vitimização: o colonialismo interno, da exploração do norte pelo sul, partindo do pressuposto equivocado que um dia existiu ou poderá existir regiões homogêneas ou iguais no Brasil. Albuquerque defende que a identidade nordestina foi construída, antes de tudo, como uma reação à modernidade, como uma recusa à sociedade de massas, ao consumo, ao capitalismo enfim, gerando uma “maquinaria imagético-discursivo de reprodução das relações econômicas-sociais e de poder que mantém a região com as pessoas mais pobres e as mais ricas do país” (Albuquerque Júnior, 2011, p. 352). Longe de negar flagelo das secas, Albuquerque, no entanto, identifica uma construção discursiva vitimista, iniciada num período de franca decadência econômica, com o objetivo da obtenção de recursos federais. Fica evidente também a clara ambiguidade entre a identidade sertaneja e a nordestina, como já apontava Gilberto Freyre em 1941

nordeste' que quer dizer: 'obras contra as secas'. E quase não sugere senão as secas...Mas este Nordeste de figuras de homens e bichos de El Greco é apenas um lado do Nordeste. O outro Nordeste. Mais velho que ele é o Nordeste de árvores gordas, de sombras profundas, de bois pachorrentos, de gente vagarosa e às vezes arredondada quase em sanchos-pança pelo mel do engenho... (Freyre, 1989, p. 41).

As constatações de Freyre, até óbvias, para quem conhece as grandes capitais da região, foi no entanto, um discurso que uniu a esquerda e os representantes das oligarquias regionais ao longo do séc. XX como forma de reivindicarem tratamento especial para a região.

O povo sertanejo

O autor Frederico Pernambucano de Mello, em artigo publicado em 1979, "O ciclo do gado no Nordeste do Brasil: uma cultura de violência?" aborda o que diferencia a mentalidade do povo sertanejo do povo litorâneo ou "semi litorâneo". Para Mello, a atividade agrícola do litoral, o ciclo do açúcar, e a atividade da pecuária, o ciclo do gado, criaram mundos com fortes traços diferenciadores – as atitudes, crenças, costumes, atividades profissionais e até mesmo as lúdicas. Segundo ele, a monocultura da cana de açúcar criou uma atividade de caráter coletivo e repetitivas. A regularidade dos fatores climáticos formaram uma atividade economicamente estável e próspera, criando um homem cordato, acostumado a uma hierarquia e a regularidade da vida. Já a cultura do gado, por sua vez, no vastíssimo sertão, no ambiente agressivo da caatinga, onde tudo é insegurança, cria nos indivíduos um sentimento de autonomia, independência e improvisação. A pecuária sugere o nomadismo, é sempre necessário levar o gado em busca de novas áreas de pasto no semi árido. Os engenhos e depois as usinas eram espaços fixos que atravessavam gerações de proprietários e empregados sem mudanças. A agricultura no sertão se concentra em poucas espécies de curto período de germinação, como o milho e o feijão, ficando a sobrevivência do sertanejo dependente da pecuária. As fazendas de gado não comportam o trabalho massificado, as tarefas são individualizadas e autônomas. Oliveira Vianna defendia que o homem da pecuária era superior ao agrícola na bravura física, na rusticidade e na combatividade, resultado segundo ele da "maneira mais agreste de viver".

O homem sertanejo, devido ao isolamento geográfico, viveu muito tempo sem que

uma ordem pública centralizada e eficiente se fizesse presente, como, ao contrário, já existia desde o século XIX no litoral. A jornalista Marilourdes Ferraz lembra que “nos primórdios do séc.XX, a região do sertão do Pajeú, permanecia estática no tempo, com seus habitantes vivendo tão isolados como os primeiros colonizadores que ali se estabeleceram” (Ferraz, 2008, p.19).

Este isolamento manteve o sertanejo em uma estrutura familiar, política, econômica, moral e religiosa arcaica. Mello aponta também que o próprio classicismo vocabular, vindo do português do séc. XVI, muitas vezes se confunde com o “falar errado”, como prova do efeito “estufa” desse isolamento, criando um verdadeiro “quadro arqueológico da sociedade brasileira”. A ausência de atrativos econômicos, pobre em minerais, em vegetação e em animais, condições climáticas adversas, junto com o êxito econômico da colonização litorânea, que sedentarizavam as pessoas, fez que com que, segundo Mello, o povo que se dispôs a desbravar o sertão fosse particularmente tenaz.

As mesmas características físicas e climáticas que, segundo Mello, formaram o povo sertanejo foram decisivos na forma das primeiras casas da região. As primeiras moradias eram caixas fechadas com grandes pé direito, e conseqüentemente grande massa de ar, com poucas aberturas que garantiriam a segurança dos habitantes.

A criação de gado

A pecuária bovina é a principal atividade do sertão do Pajeú, e é também o principal aspecto de nosso recorte, tendo em vista que esta particularidade faz com que todas sedes de fazenda tenham currais e açudes próximos, por exemplo.

As esporádicas expedições para exploração do pau brasil foi logo substituída pela agricultura da cana de açúcar, como principal atividade na nova colônia. O fato de Portugal já ser o principal produtor de açúcar antes da descoberta do Brasil, foi um fator decisivo para a implantação dos engenhos em Pernambuco. Junto com a agricultura, veio a pecuária, para a alimentação dos colonos e força motriz para os engenhos que se iniciavam.

O início da pecuária bovina no Brasil é controverso, muitos apontam Martim Afonso de Souza da Capitania de São Vicente (atual São Paulo) como pioneiro na criação de gado no Brasil. Há outra versão que defende que Tomé de Sousa, primeiro governador geral, foi o responsável por trazer bois, carneiros, cabras e cavalos na caravela Galga, do

Cabo Verde em 1549 (Abreu, 1930).

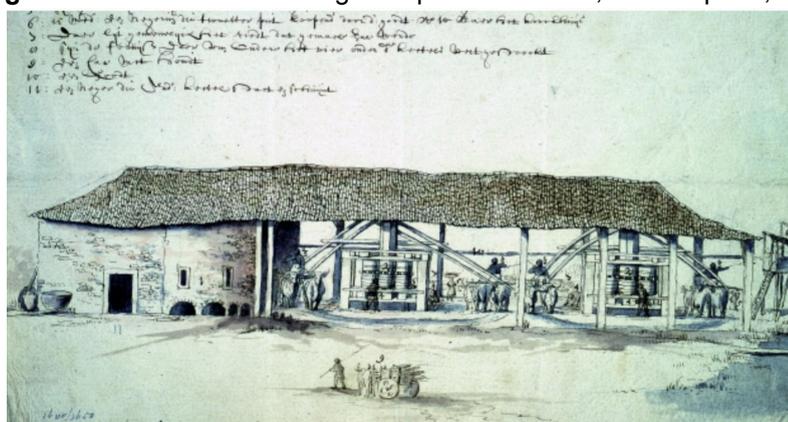
Além da alimentação – carne e leite –, o gado tinha funções fundamentais nos engenhos de açúcar. A terra era preparada para o plantio com arados movidos pelos bois, o transporte da cana para moagem era feito em carros de boi, assim como o produto acabado era transportado do mesmo modo para os armazéns de açúcar e o porto do Recife. A maioria das moendas de cana era movida por tração animal.

Era comum o ditado que para se ter um bom engenho, era necessário, em ordem de importância: boas terras para plantio; matas próximas para suprimento de lenha; 50 peças de bons escravos para limpeza de área e plantio da cana-de-açúcar e 50 juntas de bois.

As lavouras de cana ocupavam todas as áreas ao redor do engenho e novas regiões para pastagem precisavam ser encontradas. O conflito entre os criadores e os engenhos cresceu, até que em 1701, a coroa portuguesa através de uma carta régia proibiu a criação de gado numa distância de dez léguas (48 quilômetros) da costa, para proteger os interesses dos senhores de engenho, que, diga-se de passagem, eram também os seus.

Os criadores de gado partiram para o interior do território, estas “entradas” aconteciam seguindo os leitos dos rios, por onde foram se multiplicando os currais. O rio São Francisco ficou conhecido como o “rio dos currais”, exatamente pela grande quantidade de currais ao longo do seu leito (Abreu, 1930). Esses rios garantiam a água, fundamental num criatório. Dessa forma, o sertão passou a funcionar como fornecedor de carne e leite para alimentação e força motriz para os engenhos do litoral.

Figura 8 - Desenho de um engenho pernambucano, bico de pena, Frans Post.



Fonte: Atlas van Stock, Roterdã, 1640.

Essa complementaridade da criação de gado do sertão e a produção açucareira do litoral é fundamental para se compreender o impulso inicial que levou a ocupação da região do sertão do Pajeú. O antigo proprietário da fazenda São Pedro, Lulu Maranhão, era dono de engenhos de açúcar no litoral, como nos conta Romero Dantas sobre a compra da fazenda, por seu trisavô:

(...) ele adquiriu esta propriedade em 1900, ele tinha terras na Serra dos Teixeiras e em São Paulo do Dantas e passava a cavalo aqui, a fazenda pertencia a Lulu Maranhão que tinha terras pras banda do litoral, tinha engenho de açúcar e tudo, criava boi aqui pra levar esses bois para tracionar as moendas, quando ele passava de burro aqui ofereceram esta propriedade aqui em 1900 e ele adquiriu. (Romero Vilar Dantas)

A importância da criação de gado para os engenhos, permitiu que o sertão fosse integrado a esta próspera rede econômica e conseqüentemente, se integrando economicamente ao país que se formava.

Furtado aponta importantes diferenças entre a pecuária e a produção açucareira: a primeira era fundamentalmente voltada para o mercado interno e a segunda para o externo, para a exportação. A criação de gado tinha como base o trabalho familiar, enquanto a produção do açúcar demandava uma extensa mão de obra, daí a presença do escravo muito mais numerosa no litoral dos engenhos, que no sertão da pecuária.

A crise do setor açucareiro nos fins do século XIX, e depois a progressiva mecanização dos processos industriais, foi pouco a pouco diminuindo a ligação que existia entre os engenhos e os currais.

A criação de gado prescinde de construções elaboradas, rigorosamente só são necessários os currais, as primeiras casas surgiram quando os proprietários foram se instalando de maneira mais definitiva no território, nos séculos XVIII e XIX, trazendo a família e criando raízes.

O surgimento da casa brasileira

As primeiras casas brasileiras são, de fato, as ocas indígenas que se espalharam por todo o território do que viria a ser o Brasil. No entanto, como nos lembra o arquiteto Glauco Campello:

As ocas e aldeias dos nossos antepassados indígenas não eram, e nem são, construções permanentes. Do ponto de vista da cultura elas têm um interesse

etnológico; podem ser documentadas quanto à técnica de sua execução, quanto à sua utilidade e significado simbólico. Esses objetos não poderiam ser preservados e conservados fora de seu contexto. Contudo, a grande oca dos índios do Alto Araguaia está presente em nosso imaginário, na sua simplicidade e beleza. (Campelo, 2015. p.124)

A casa brasileira como uma edificação consistente, que chegou até nós, iniciou-se com a chegada dos portugueses no início do séc. XVI. Dessas primeiras casas construídas no Brasil, quase nada nos chegou, Gabriel Soares lembra que os primeiros povoadores de Salvador habitavam casas, “cobertas de palma ao modo do gentio”¹⁸, estas referências coincidem com as observadas por Smith nas pinturas de Frans Post:

As pinturas de Post estão cheias de casas pequenas, cujo sólido arcabouço de toras de madeiras tropicais amarrados com cipó e timbu sustenta paredes constituídas por tramas de galhos tomadas com barro ou protegidas por folhas de palmeira entretecidas em espessa camada, sistema êste também usado para a cobertura. Se assemelhando muito aos atuais mocambos dos pescadores do litoral nordeste do Brasil dão ideia exata do que eram aqueles abrigos primitivos (Smith, 1969, p. 30)

Lúcio Costa no seu livro “Arquitetura” (2002) aponta que “a arquitetura regional autêntica é um produto espontâneo de um lugar, ligado às necessidades e aos meios disponíveis desse meio físico” (Costa, 2006. p. 33). No Brasil, as formas arquitetônicas já vieram prontas de Portugal e por isso tiveram que ser adaptadas à nova terra. Cada mestre, pedreiro, taapeiro ou carpinteiro português trouxe de sua região experiências distintas de seu ofício, Costa atribui a essas variadas experiências de construção regional as diferenciadas feições arquitetônicas que surgiram nos dois primeiros séculos da arquitetura no Brasil. Com o tempo, as influências locais e as preferências foram se definindo:

(....) a taipa de pilão, encontrando terreno propício, fixou-se principalmente em São Paulo; a alvenaria de tijolo floresceu mais em Pernambuco e na Bahia; nas terras acidentadas de Minas, onde os caminhos acompanhavam as cumeadas, com as casas despencando pelas encostas, o pau-a-pique sobre baldrame de pedra foi a solução natural; já no Rio de Janeiro, a fatura de granito marcou a perspectiva urbana com a sequência ritmada das ombreiras e vergas de pedra suporte e arquitrave -, princípio construtivo da Grécia antiga (Costa, 2006. p. 37).

Como vemos, essa transposição não ocorreu de maneira linear, como aponta Lemos (1989):

¹⁸ Gabriel Soares de Sousa no “Tratado descritivo do Brasil em 1587” , São Paulo, terceira edição, 1938, p.28).

Veremos que a casa portuguesa, de uma maneira geral, mais se manifestou através de sua aparência, decorrentes das técnicas e materiais de construção e da tentativa de repetir modismos estilísticos. Aqui, as condições sócio-econômicas e o clima determinaram plantas, agenciamentos e partidos arquitetônicos peculiares as casas brasileiras com exterioridades lusitanas. Mas, isso não impediu que surgissem aqui e ali verdadeiras réplicas de casas lusitanas, principalmente em certas cidades do norte ou em Minas. Mas o que predominou foi tão somente a fisionomia portuguesa qualificando, de norte a sul, a arquitetura residencial brasileira (Lemos, 1989. p.13)

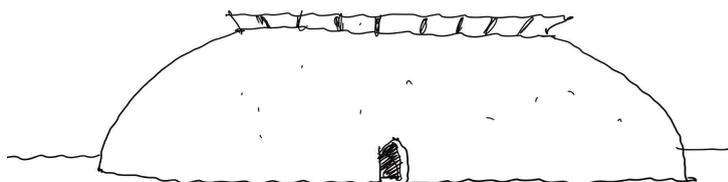
Um aspecto fundamental na arquitetura é a maneira de fazer, as técnicas e os materiais utilizados para a materialização da arquitetura. Assim, é natural que nas primeiras construções em uma região até então desconhecida, os portugueses procuraram referências nas técnicas e materiais existentes. Este sincretismo, aconteceu mais fortemente nas zonas rurais, Lemos assim diferencia essas primeiras casas:

Quase sempre é a casa rural que sofre esta influência, porque a arquitetura erudita, com seus estilos e modismos, instala-se inicialmente nas cidades. Ali os intercâmbios com outros povos são mais fácil, mercê de trocas comerciais, dos contatos diplomáticos e da presença de viajantes e agentes culturais de toda espécie, principalmente daqueles ligados ao clero missionário, um caminho da internacionalização de informações a partir de Roma. Daí se vê que a arquitetura vernácula não é transferida para outras terras por razões compreensíveis, mas a urbana é passível de ser repetida, pelo menos em suas exterioridades, em outras plagas.(Lemos, 1989. p.16)

Essa influência de tecnologias autóctones dos indígenas, como a taipa de mão e as cobertas de palha, foi pouco a pouco diferenciando as casas rurais e as urbanas. As primeiras despojadas dos aspectos estilísticos, voltadas para a funcionalidade, com a construção baseada nos materiais disponíveis. As urbanas, por sua vez, ligadas às origens lusitanas, foram adquirindo ao longo do tempo uma exterioridade portuguesa.

Os sistemas construtivos indígenas resultam sempre em abóbadas e plantas circulares ou elípticas. Entretanto, os portugueses, mesmo utilizando os materiais e técnicas da região, foram introduzindo as linhas retas, criando espaços cúbicos e plantas retangulares com a privacidade que não existia nas construções originárias.

Figura 9 - Casa Kamayurá



Costa nos lembra que existe uma tendência em considerar as primeiras casas brasileiras “imitações” das portuguesas, na sua opinião, no entanto, “as casas brasileiras são tão legítimas quanto as de lá, porque o colono estava em “casa” e o que fazia semelhante ou diferente era o que lhe apetecia fazer, do mesmo modo ao falar português não estava a imitar ninguém mas falando a própria língua” (Costa, 2006. p.40).

A casa sertaneja

Como vimos, a casa portuguesa, pela necessidade de adaptação ao meio, aos costumes mais simples e ao grande território da colônia, perdeu “...certos maneirismos preciosos e um tanto arrebitados que lá se encontram e jamais se viram aqui” (Costa, 1937, p.32). Certamente, as dificuldades de meios materiais para execução das obras devem ter contribuído para essa simplificação. As casas sertanejas guardam dessas primeiras casas a singeleza construtiva e simplicidade volumétrica.

As primeiras casas do sertão foram construídas quando os criadores de gado trouxeram a família para junto dos currais, o que não aconteceu num primeiro momento. Esses currais se espalharam pelos sertões, região por si só inóspita, com baixa densidade populacional e com uma atividade de retorno financeiro lento. Entende-se assim, o porquê das casas construídas terem paredes grossas e poucas aberturas – o abrigo e a proteção eram fundamentais. O arquiteto cearense, Roberto Castelo, nos fala dessas casas e sua relação com o meio:

A casa não admite adorno, é seca e escassa, como a vida. Germina do que jejua. Integra-se à luta pela existência em um cotidiano inóspito. Por isso, sua arquitetura guarda o esforço físico no rigor de cada gesto construtivo, como se cada um deles fosse o próprio corte das lâminas: nada em excesso, todos simplesmente exatos (Castelo, 2019. p. 13).

Tendo em vista o contexto histórico, natural e social do sertão do Pajeú exposto neste capítulo, que nos fez conhecer os aspectos condicionantes e determinantes do nosso recorte, iremos no quarto capítulo, apresentar um levantamento gráfico e fotográfico da arquitetura e do mobiliário das cinco casas sede de fazendas.

Casa sede de fazenda

Na rota do gado, pelas terras ásperas do sertão, as construções, limitadas em geral à condição de abrigo indispensável, foram se adaptando àquele mundo isolado e às condições rudimentares, tomando novas características, cujas raízes ligadas à terra e a uma subjacente força arcaica que ainda hoje se manifestam (Glauco Campelo, 2015, p 126).

Nesta parte será apresentado um inventário¹⁹ arquitetônico das casas sede de fazenda com os dados físicos, da arquitetura e levantamento do mobiliário. As casas sede selecionadas, como vimos, foram construídas nos anos 1900 e ficam localizadas no alto sertão do Pajeú. O limite temporal é fundamental para delimitar uma coerência entre os exemplares, optamos por este período pela possibilidade de entrevistar moradores que podem descrever o que foi o “morar” nessas casas. Foram abordados, nessas entrevistas semi estruturadas, os aspectos históricos de cada fazenda, assim como uma descrição da vida cotidiana. As entrevistas foram gravadas com celular e transcritas com o aplicativo “Transkriptor” (disponíveis nos anexos). A duração das entrevistas foi variada, entre 30 a 90 minutos. Algumas entrevistas foram complementadas com mensagens e telefonemas como forma de esclarecer algumas informações. Para enriquecer as entrevistas, foram utilizados depoimentos e reportagens do Youtube sobre as casas pesquisadas, especialmente a casa da fazenda São Pedro. Utilizamos ainda trabalhos acadêmicos como fonte de dados históricos, como no caso das fazendas Bonfim e São Pedro.

O mobiliário e artefatos de uso doméstico, essenciais no cotidiano destas casas, foram fotografados com celular usando iluminação natural. Os ângulos variaram conforme as características próprias de cada móvel ou artefato. As imagens foram tratadas com o aplicativo “Photoroom” onde foi recortado o fundo, e substituído por uma cor sólida, como forma de facilitar a “leitura” plástica do móvel. A seguir, este mobiliário foi classificado a partir de seu uso, optamos por esta classificação já que não existe nesse mobiliário “estilos” identificáveis. A classificação de uso levou em conta o zoneamento das atividades dentro da casa, que são: convivência, descanso, higiene e alimentação. Criamos uma tabela com as dimensões aproximadas e materiais. Esta tabela proporcionou uma visão

¹⁹ Inventário vem do latim *inventarium*, originalmente era uma lista dos armazéns onde se registravam produtos. No contexto da pesquisa arquitetônica tem objetivo de documentar a arquitetura e o mobiliário das casas sede para posterior análise.

da totalidade desse mobiliário, fotos dos interiores sempre com iluminação natural, com a ambiência cotidiana ajudam a complementar a apreensão dos espaços internos. As entrevistas também ofereceram informações importantes sobre o mobiliário, quando foram adquiridos, os usos e mesmo a importância a eles atribuídos.

A categoria “iconografia” não estava prevista na pesquisa, mas nas visitas, foi ficando claro que tínhamos nas paredes e nos objetos de decoração importantes informações para entender os valores e crenças dos moradores daquelas casas.

No inventário arquitetônico, foram utilizados mapas do Google Earth como base para os desenhos de situação e localização da casa sede e entorno. As plantas e cortes foram elaborados a partir de levantamento no local com dimensões aproximadas. Esses desenhos de observação foram uma importante forma de compreensão das casas, indo além de uma simples representação gráfica, foram desenhos de “aproximação” do problema. Nas fotografias externas, utilizamos também a câmera do celular, procurando não só os elementos arquitetônicos como também fotos da paisagem e do entorno da casa para captar o ambiente natural onde essas casas estão inseridas.

Uma questão que se colocou para nós foi: como analisar essas casas? Já que elas não são produto de uma criação individual ou atrelada a um estilo, ou ainda a algum discurso teórico, como muitas vezes acontece na arquitetura dos arquitetos. Nossa escolha foi analisá-las a partir do próprio edifício, identificando seu programa de necessidades, sua implantação no terreno, seu zoneamento interno, dimensionamentos, relações entre os espaços, processos construtivos e materiais utilizados.

No levantamento de dados das casas sede foram abordados os mesmos aspectos, para assim, podermos fazer uma análise comparativa, já que possuem um contexto muito próximo.

Por fim, um aspecto importante neste processo foram as várias visitas feitas em cada uma das casas, em épocas diferentes do ano e horários diferentes do dia, percebendo as diferenças da luz, da temperatura e o uso dos espaços pelas pessoas. Usando o jargão acadêmico podemos falar de um “observador participante” que experimentou mensalmente durante 2 anos os objetos de estudo. O contato constante com a paisagem natural e humana do sertão evitou em nós uma observação “pitoresca”, conhecendo em profundidade vários aspectos da vida na região. As casas sede pesquisadas se localizam em dois municípios do alto sertão do Pajeú: Iguaracy e São

José do Egito (fig. 10).

Figura 10 - Mapa com localização das fazendas pesquisadas



Fonte: Desenho do autor

Inventário da casa sede fazenda Duas Barras

Aspectos históricos

A fazenda Duas Barras tem seu nome em virtude de uma característica topográfica: aproximadamente metade dos 2.900 Hectares são áreas planas e de baixio, a outra metade é formada por duas serras, barras – o nome vem da vista onipresente destas duas serras.

Figura 11 - Foto Maria do Carmo Nunes de Souza e Antonio Nunes de Farias



Fonte: Acervo da família.

A Duas Barras originalmente pertencia a Antônio Nunes de Farias e Maria da Luz Nunes de Farias, foi deixada por herança para Maria do Carmo Nunes de Souza. Segundo Nunes (2016) as terras das Duas Barras faziam parte da sesmaria fazenda “Varas”, vinculadas a Casa da Torre, e cedidas a Cláudio José Correia entre 1778 e 1779. Não se sabe a quem pertenciam as terras quando Antonio Nunes de Farias as comprou, existiam no entanto poucas benfeitorias nas terras. Uma casa antiga em adobe e um açude que seria ampliado por Antonio de Souza. Antonio Nunes de Farias foi um próspero comerciante de algodão. Em 1944, ano de sua morte, possuía as fazenda Bonfim, Cipó, Poço e as Duas Barras. A herança foi dividida pelos filhos, ficando as Duas Barras para as duas filhas.

Maria do Carmo e seu marido Antônio de Souza compraram a parte da fazenda que pertencia a Teonas Nunes de Farias, herdeira da outra metade das terras.

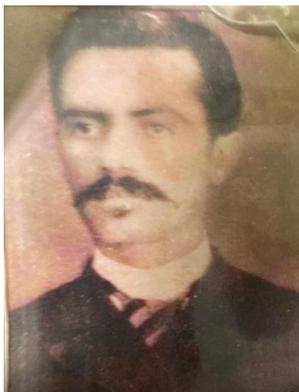
Figura 12 - Fotos de Antônio e Maria da Luz Nunes de Farias



Fonte: Acervo da família

Antônio de Souza, filho de Manuel Duarte Dantas Correia de Gois e Severina Olivia de Souza, beneficiou e comercializou algodão em São José do Egito até a década de cinquenta do século passado, quando se retirou do comércio e passou a investir na fazenda Duas Barras. A partir daí, ampliou o açude, construiu uma casa (1953) para sua família e outras para moradores, iniciando a ocupação com exploração de madeira para produção de carvão vegetal, plantio de algodão e criação de gado.

Figura 13 - Foto Manoel Duarte Dantas Correia de Gois



Fonte: Acervo da família

Nesta primeira fase, o cultivo do algodão foi a principal fonte de renda, já que Antonio de Souza era comerciante do ramo. Nesta época o algodão era conhecido como o ouro branco do sertão. O algodão é uma cultura perene, de clima seco, e se adaptou perfeitamente ao clima do sertão nordestino. Grande parte da produção era voltada para exportação, os fardos eram transportados por trens até o porto do Recife de onde iam para as tecelagens inglesas. O algodão teve vários ciclos no sertão nordestino, as pragas e variações nos preços internacionais reduziram drasticamente o cultivo na região. Atualmente, apesar do Brasil ainda ser um grande produtor mundial, os estados do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Bahia são os maiores produtores nacionais, quase desaparecendo dos sertões nordestinos.

A família Souza passou a se dividir entre São José do Egito, onde tinham uma casa, e a fazenda Duas Barras. As filhas estudavam durante a semana em São José do Egito e nos fins de semana iam para a fazenda, onde Maria do Carmo e Antônio de Souza passavam a maior parte do tempo. Antônio, desde o princípio do funcionamento da fazenda, iniciou a criação de gado e de caprinos. Além da pecuária, praticava a agricultura

de espécies de curto período de germinação, como é costume na região: omilho, o feijão de corda (mais adaptado), capim e palma para o gado e o algodão, que teve vários ciclos de valorização e abandono.

Figura 14 - Foto Antônio de Souza, ao centro com chapéu de palha, com moradores da fazenda Duas Barras.



Fonte: Acervo da família

Em fins da década 60, Antônio iniciou a plantação de cana de açúcar para alimentar um engenho de rapadura. A rapadura fez parte da alimentação típica do sertanejo, hoje é usada como um doce ou mesmo sobremesa.

Assim como a cana de açúcar, outras culturas tiveram ciclos, como o Agave sisalana, planta que se adaptou facilmente ao clima árido do sertão, e era comercializada para o uso de sua fibra vegetal, o sisal. Com o aparecimento das fibras sintéticas, o agave perdeu competitividade e foi abandonado, ainda hoje se encontram alguns exemplares desta suculenta gigante na região.

A fazenda Duas Barras chegou a ter trinta famílias de moradores que trabalhavam na criação de gado e de caprinos, além da agricultura. Um grupo escolar foi construído na década de 70 para a educação básica das crianças em idade escolar.

Figura 15 - Foto de Antonio de Souza no açude da fazenda na época da seca.



Fonte: Acervo da família.

Como acontecia muitas vezes em famílias interioranas, as filhas foram estudar na capital, onde terminaram se fixando, as únicas exceções foram a filha mais velha que se casou com um rapaz da região e Antonio de Souza Filho, único filho homem do casal, que se tornou também fazendeiro.

Figura 16 - Livro de contas da fazenda, pagamento de salários e recebimentos de queijos.

7. 3-65	
Moeda José Pereira 6 dias	4.000
Moeda Gabriel 135 dias	3.100
Idem " 64 " "	3.140
" " 2 dias - noite a limpeza	1.500
Edsones 6 dias	3.000
José Roberto	3.000
José Roberto 6 dias	3.000
Idem 6 dias	3.000
Placina	3.000
Idem	3.000
Idem - raizão - 2 dias	1.000
José dos Santos 6 dias	3.000
Idem de teninho	900
	37.240
30.450 Kgs de queijo - 1953	
11.000 Kgs de queijo - 1954	30.000
11.000 Kgs para o Rio	

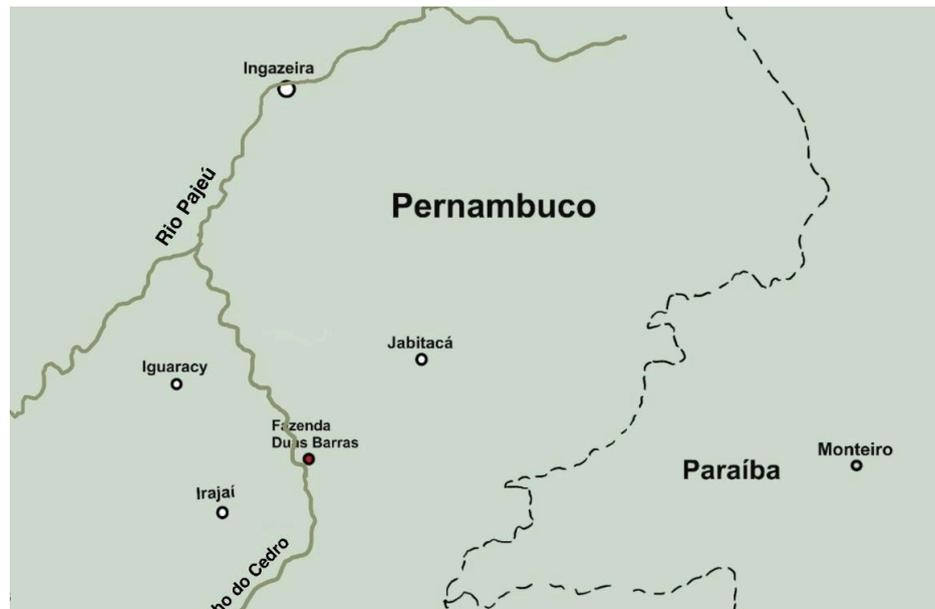
Fonte: Acervo da família

Depois da morte de Antonio de Souza em 1977, dona Do Carmo, com ajuda do filho, continuou a administrar a fazenda. Após a morte de dona Do Carmo em 2010, a fazenda foi aos poucos sendo abandonada, já que Antônio de Souza Filho, morreu logo em seguida, um ano após a mãe. Atualmente, a casa grande é eventualmente usada

pelos netos de Maria do Carmo e Antônio de Souza para pequenas estadias, mantendo na casa o mobiliário e utensílios domésticos originais.

Localização - A casa sede da fazenda fica a nove quilômetros do distrito de Jabitacá, município de Iguaracy, e a seis do distrito de Irajá. Coordenadas, latitude: 37°25'01" W , longitude: 7° 25' 59" S

Figura 17 - Localização fazenda Duas Barras



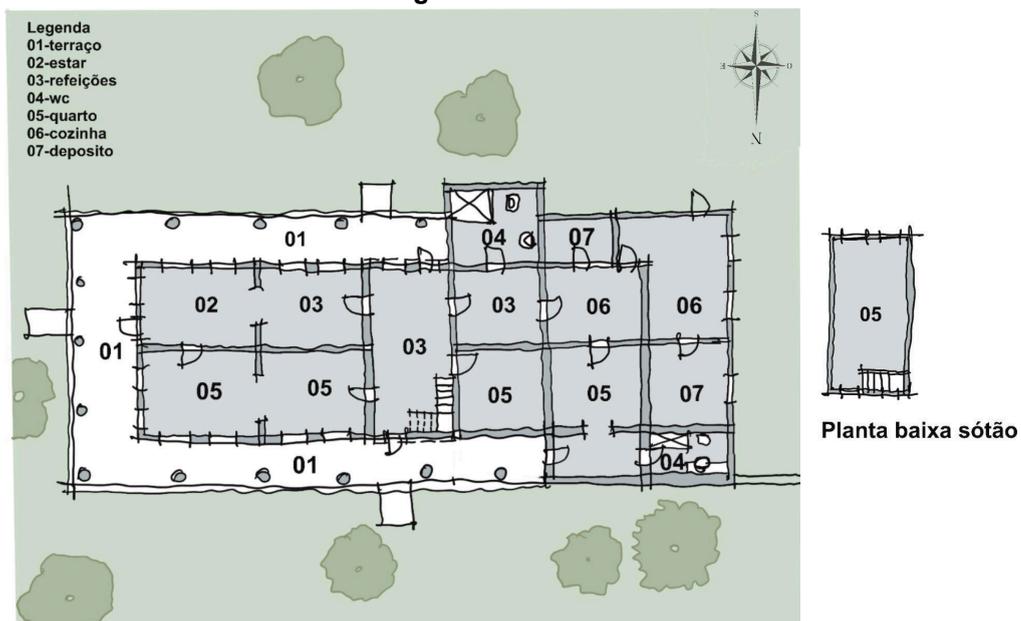
Fonte: Desenho do autor

Figura 18 - Localização com estrutura adjacente



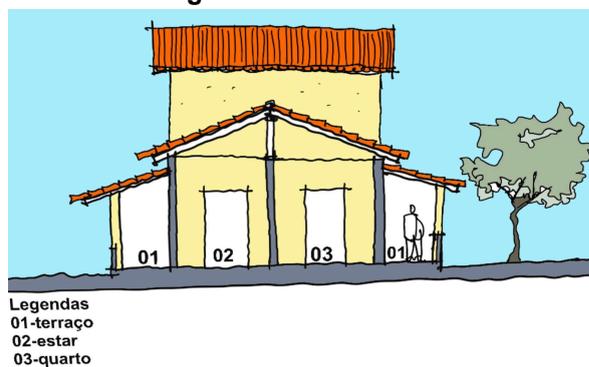
Fonte: Desenho do autor

Figura 19 - Plantas baixas



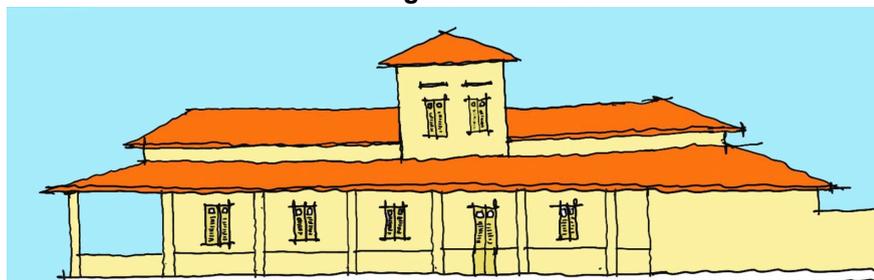
Fonte: Desenhos do autor

Figura 20 - Corte



Fonte: desenho do autor

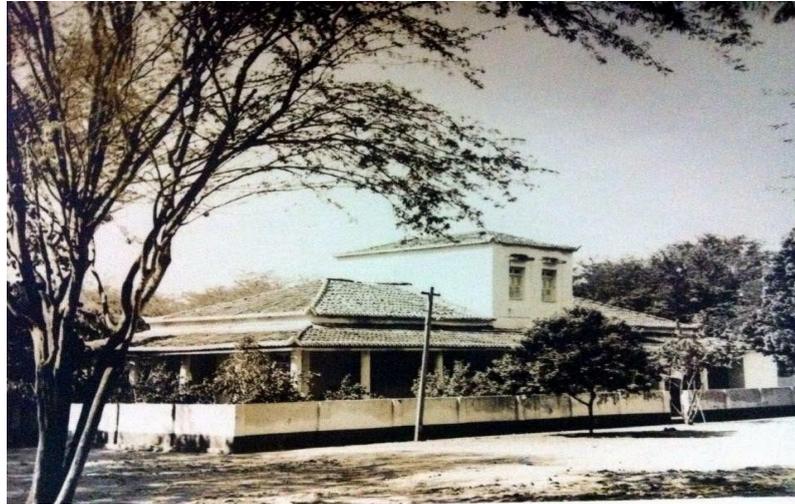
Figura 21 - Fachadas



Fonte: Desenho do autor

Análise Arquitetura

Figura 22 - Foto casa sede fazenda Duas Barras, década 1970.



Fonte: Acervo da família.

Implantação

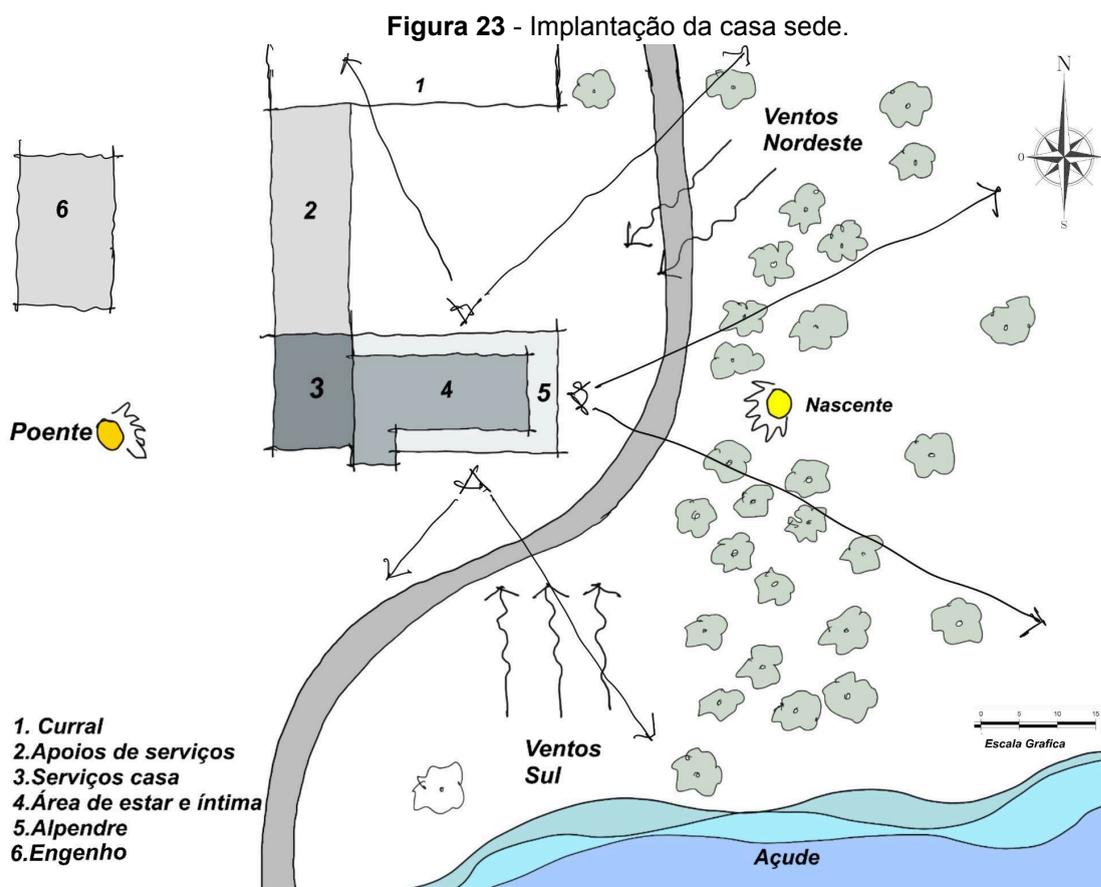
A casa sede da fazenda foi implantada ao centro de uma grande área plana com pequena declividade em relação ao açude, o que garante uma visão desimpedida em três direções. O lado oeste foi escolhido para a construção dos apoios da fazenda, engenho de rapadura, oficinas, fábrica de queijo, depósitos e garagens. Ao norte ficava o curral e a estrada de ligação com Jabitacá, ao sul o açude e as serras. O nascente era livre, nessa área foram plantadas as primeiras algarobas, árvore peruana trazida pelo governo federal para o sertão nordestino, onde se adaptou perfeitamente. Hoje, esta árvore se tornou um problema ecológico em grande parte do sertão, tomando parte do baixio das Duas Barras, e suprimindo a vegetação nativa, menos ecologicamente competitiva.

A vegetação dessa área plana foi suprimida para a implantação da sede da fazenda. A primeira característica ao se aproximar da sede é exatamente a mudança da textura da paisagem, com transparência das vistas e do solo sem vegetação rasteira.

Como é costume nas casas do sertão, existem terreiros ao redor da casa, toda a vegetação rasteira é mantida cortada, possivelmente existe mais de uma razão para esse costume. A primeira é ampliar as vistas, mantendo da casa uma visão de todo o entorno, inclusive do céu de onde vem a chuva, preocupação em grande parte do ano. A segunda é uma proteção para a presença de pequenos animais como cobras, lagartos e sapos, por

exemplo. Outra maneira de prevenção contra os animais silvestres é a criação de animais domésticos: o cachorro funciona como alarme para a presença de raposas ou felinos, o gato contra os roedores e a guiné, ou galinha d'angola, contra as cobras.

As orientações da casa são muito favoráveis em relação aos ventos dominantes, sudeste e nordeste, na região. A insolação também foi racional, a cozinha e áreas de serviços foram locadas protegendo as áreas de permanência prolongada do sol poente, os alpendres protegem da insolação as fachadas norte, leste e sul.



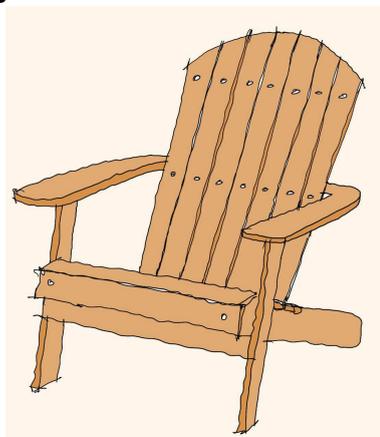
Os espaços, programa de necessidades

Podemos analisar a vida cotidiana na fazenda Duas Barras a partir das principais atividades dos moradores, assim como da sobreposição que às vezes acontecia no uso dos ambientes, são elas; estar, repouso e alimentação.

O estar e receber visitantes acontecia nos terraços, nesse terraço existiam cadeiras de madeira – com desenho muito próximo da cadeira Adirondack –, balanços de ferro, algumas gaiolas com canários, um espelho e uma pia, onde Antonio de Souza se

barbeava todas as manhãs.

Figura 24 - Cadeira Adirondack



Fonte: Desenho do autor

O terraço que circunda toda a casa funcionava como um prolongamento da sala e era o espaço onde o visitante chegava antes de entrar na casa propriamente dita. Devido os visuais desimpedidos pode-se ver o entorno e a eventual aproximação de algum visitante. Além disso, muitas vezes o terraço era usado também para resolver assuntos da fazenda, dele, Antônio acompanhava o gado entrando no curral nos fins de tarde.

O principal ambiente da casa era a sala de refeições, espaço em que acontecia a sobreposição de funções, já que as refeições eventualmente se prolongavam, tornando-se um espaço de convivência, decorrente também do hábito da casa de todos estarem presentes à mesa nas refeições. A sala de estar propriamente dita tinha uma função mais representativa, sendo “aberta”, somente em ocasiões especiais, quando se recebia um político de Recife, uma autoridade eclesiástica ou um militar, por exemplo.

A zona íntima da casa formada pelos quartos e wcs tem uma configuração diferente das moradias contemporâneas, já que os quartos abrem diretamente para as salas, não havendo uma circulação definida. Portanto, a circulação ocorre livremente por toda a casa e somente à noite os ambientes são isolados para a necessária privacidade.

O espaço interno da casa é marcado pela continuidade espacial, já que as paredes não vão até o teto. Do ponto de vista do conforto ambiental, cria-se um volume de ar que é renovado pelas frestas da telha canal. Além disso, os espaços se conectam uns aos outros, sem a presença de corredores.

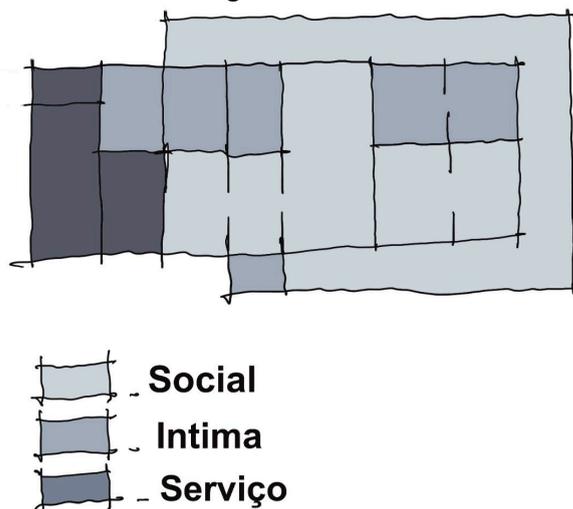
Figura 25 - Foto interior.



Fonte: Foto do autor.

Também não existe um zoneamento rígido de áreas sociais, íntimas e serviço como nas casas contemporâneas.

Figura 26 - Zoneamento interno



Fonte: Desenho do autor

A casa possui três portas para o terraço e uma para o quintal. O principal acesso ao interior da casa era feito pela sala de refeições, ela funcionava como um espaço de

transição, dela pode-se ir para o sótão, para as salas sociais e para dois quartos que abrem diretamente para ela. Quem era convidado para uma refeição – algo que acontecia com frequência – não precisava entrar na área mais íntima da casa. Este espaço central era o mais usado, por ter os principais acessos da casa e conectar os outros ambientes.

Figura 27 - Foto da vista a partir do sótão.



Fonte: Foto do autor.

Nas outras salas aconteciam também a costura, bordados e outras atividades, sendo outro exemplo da sobreposição das funções.

Figura 28 - sala de refeições com portas de acesso, quartos e sala.



Fonte: Foto do autor.

As telhas de vidro são outra característica da casa, proporcionando iluminação natural durante todo dia, numa época em que não havia luz elétrica era fundamental a iluminação natural ao longo do dia.

Figura 29 - Foto com detalhe da cobertura cerâmica com estrutura de madeira suportado por pontaletes apoiado diretamente nas alvenarias, a luz entra através das telhas de vidro



Fonte: foto do autor.

A alimentação, como já apontado, acontecia na grande sala central, havendo, no entanto, uma sala mais formal de jantar, raramente usada. O fogo, a cozinha, fica nos fundos da casa, do lado oposto às salas. Havia duas cozinhas, uma com fogão de lenha, dedicada aos preparos mais demorados, e outra mais próxima a sala de refeições. Além do preparo dos alimentos diários, existiam os processos de moagem do milho e carne, salga das carnes e o preparo de doces e queijos. Na cozinha era também preparada a alimentação dos animais domésticos, é curioso que essa alimentação reproduzia a alimentação dos humanos, os cachorros, por exemplo, muitas vezes comiam xerém cozido com leite.

Materiais e acabamentos

Quase todos os pisos são em cimento queimado, só um dos banheiros possui um ladrilho hidráulico, este banheiro tem as paredes revestidas em um azulejo amarelo, as cores são características da década de 1950, época da construção da casa e o sótão tem um tabuado em cedro. As paredes são caiadas em um amarelo claro, antigamente a casa possuía uma pintura de uma faixa vermelha embaixo, recurso usado para esconder as manchas que muitas vezes aparecem junto ao solo. O teto é em “telha vã”, exceto na sala de refeições que tem um forro em madeira, por estar diretamente abaixo do sótão.

Figura 30 - Fotos dos pisos da casa: cimentado, ladrilho hidráulico e cedro



Fonte: Foto do autor.

As esquadrias da casa, portas e janelas, aparecem em dois modelos, na parte social e íntima, salas e quartos são em madeira com veneziana e vidro. Nas áreas de serviços, cozinha e depósitos, as portas e janelas são em folhas maciças de madeira.

Figura 31- Foto dos tipos de portas



Fonte: Fotos do autor

Análise plástica

A principal característica da casa é a horizontalidade, apesar de possuir um sótão, o que é raro nas casas da região, os telhados do volume principal e do terraço acentuam esta horizontalidade, interrompido somente pelo volume vertical do sótão. Este primeiro andar se assemelha a um sobrado urbano, não sendo resultado de uma “sobra” de espaço da cobertura. A casa foi construída numa área plana, o embasamento é pequeno, o que acentua mais ainda a horizontalidade. Este partido horizontal se repete nas várias construções que existem contíguas à casa, como a garagem, a oficina e os espaços de

armazenagem.

As aberturas, janelas e portas são regulares nas fachadas, não havendo correspondência com os espaços. Muitas vezes estas janelas aparecem no canto ou no centro dos espaços internos. Os volumes são retangulares e bem definidos, devido as grossas paredes de adobe as janelas e portas ficam recuadas o que dá profundidade as aberturas.

O telhado possui alguns detalhes pouco usuais para uma casa do sertão, como o caibro duplo para vencer o balanço do beiral e as “asas de andorinha” nos arremates de canto do telhado, outra característica de casas urbanas.

Figura 32- Foto detalhe “asa de andorinha” nos cantos do telhado

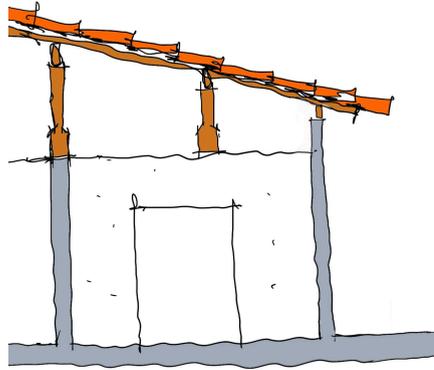


Fonte: Foto do autor.

Aspectos construtivos

A casa foi construída com tijolos de adobe, tijolo de barro seco ao sol, com fundação em pedra natural. A cobertura é composta de ripas, caibros e terças apoiadas em pilares que descarregam o peso diretamente nas paredes divisórias. Não existe qualquer espécie de tesoura ou linhas estruturais.

Figura 33 - Desenho dos pilaretes apoiam as terças, com caibros e ripas



Fonte: Desenho do autor.

A cobertura é de telha canal cerâmica com algumas telhas de vidro. A execução da casa foi feita com pequenos empreiteiros locais, como o Sr. Sebastião, carpinteiro e marceneiro, trabalhava fixo, sempre havendo alguma obra ou reforma em andamento na propriedade.

Mobiliário e utensílios domésticos

Móveis de guarda - Os móveis utilizados para armazenamento são formados pelas malas, baús, guarda-roupas, cômodas, armários, buffet e guarda louças. Estão distribuídos em vários ambientes, nem sempre de uma maneira lógica – os baús por exemplo estão na sala, usados para armazenar redes.

Abaixo, segue tabela com imagens e informações detalhadas desses móveis.

Tabela 4- Nome , material , dimensões e imagem

Nome	Material	Dimensões	Imagem
Baú	Estrutura de madeira e revestimento externo em couro, revestimento interno em tecido, dobradiças e fechaduras em aço	L 70 cm, P 45 cm, A 50 cm	
Mala	Estrutura de madeira revestimento externo em couro e interno em tecido	L 65 cm, P 45 cm, A 20 cm.	
Móvel de cabeceira	Estrutura de madeira, compensado revestido em folheado de madeira natural	L 40 cm, P 40 cm, A 50 cm	
Móvel de cabeceira	Estrutura de madeira, compensado revestido em folheado de madeira natural	L 40 cm, P 50 cm, A 50 cm	

Nome	Material	Dimensões	Imagem
Bar	Estrutura de madeira, compensado revestido em folheado de madeira natural	L 50 cm, P 40 cm, A 80 cm	
Buffet	Estrutura de madeira, compensado revestido em folheado de madeira natural	L 300 cm, P 40 cm, A 70 cm	
Buffet	Estrutura de madeira, compensado revestido em folheado de madeira natural	L 250 cm, P 40 cm, A 70 cm	
Buffet	Estrutura de madeira, compensado revestido em folheado de madeira natural	L 160 cm, P 40 cm, A 90 cm	

Nome	Material	Dimensões	Imagem
Guarda roupa	Estrutura de madeira, compensado revestido em folheado de madeira natural	L 160 cm, P 40 cm, A 200 cm	
Guarda roupa	Estrutura de madeira, compensado revestido em folheado de madeira natural	L 190 cm, P 40 cm, A 200 cm	
Guarda roupa	Estrutura de madeira, compensado revestido em folheado de madeira natural	L 170 cm, P 40 cm, A 200 cm	

Nome	Material	Dimensões	Imagem
Cristaleira	Estrutura de madeira, compensado revestido em folheado de madeira natural, portas com visores de vidro	L 130 cm, P 40 cm, A 200 cm	
Penteadeira	Estrutura de madeira, compensado revestido em folheado de madeira natural, espelho	L 130 cm, P 40 cm, A 200 cm	

Fonte: Fotos do autor

Móveis de descanso- Além da cama, móvel essencial para o descanso, a rede ocupava um lugar importante, elas eram usadas esporadicamente, ficando armazenadas em baús para o uso eventual.

Tabela 5 - Nome, material, dimensões e imagem

Nome	Material	Dimensões	Imagens
Cama patente solteiro	Madeira curvada e molas em aço	L 80 cm, P 200 cm, A 40 cm	
Cama solteiro	Madeira e molas em aço	L 80 cm, P 200 cm, A 40 cm	
Cama solteiro	madeira e molas em aço	L 80 cm, P 200 cm, A 40 cm	
Cama casal	madeira e molas em aço	L 190 cm, P 200 cm, A 40 cm	

Nome	Material	Dimensões	Imagens
Rede	Tecido de algodão	L 80 cm, P 270 cm	

Fonte : Fotos do autor

Móveis de assento - Os bancos, cadeiras, poltronas e tamboretas são os móveis mais numerosos nas Duas Barras, servindo não só para sentar, mas funcionando muitas vezes como mesa de apoio, nos quartos, cozinha e mesmo no banheiro.

Tabela 6 - Nome, material, dimensões e imagem

Nome	Materiais	Dimensões	Imagens
Banco externo	Tronco de madeira e pedra	L 60 cm, P 160 cm, A 35 cm	

Nome	Materiais	Dimensões	Imagens
Banco externo	Tronco de madeira e pedra	L 35 cm, P 140 cm, A 40 cm	
Tamborete	Tronco de madeira trabalhado	L 30 cm, P 30 cm, A 40 cm	
Cadeira de madeira	Tronco de madeira trabalhado	L 25 cm, P 40 cm, A 35 cm	

Nome	Materiais	Dimensões	Imagens
Banco	Tronco de madeira	L 35 cm, P 35 cm, A 45 cm, (dimensões variadas)	
Banco	madeira	L 30 cm, P 80 cm, A 40 cm,	
Banco	Madeira	L 23 cm, P 120 cm, A 40 cm	
Tamborete	Madeira	L 25 cm, P 25 cm, A 40 cm	

Nome	Materiais	Dimensões	Imagens
Cadeira terraço	Aço e plástico	L 50 cm, P 70 cm, A 70 cm	
Cadeira terraço	Aço e plástico	L 50 cm, P 60 cm, A 80 cm	
Cadeira terraço	Aço e plástico	L 50 cm, P 70 cm, A 70 cm	

Nome	Materiais	Dimensões	Imagens
Poltrona	Madeira, espuma e revestimento courvin	L 50 cm, P 70 cm, A 70 cm	
Banco	Madeira e plastico	L 40 cm, P 50 cm, A 40 cm	
Cadeira de balanço Thonet	Madeira e palhinha	L 56 cm, P 100 cm, A 100 cm	

Nome	Materiais	Dimensões	Imagens
Cadeira "móveis cimo"	Madeira e compensado	L 40 cm, P 40 cm, A 75 cm	
Cadeira	Madeira, compensado, espuma e couro natural	L 44 cm, P 40 cm, A 70 cm	
Cadeira	Madeira, compensado, espuma e couro natural	L 45 cm, P 40 cm, A 75 cm	

Nome	Materiais	Dimensões	Imagens
Sofá	estrutura de madeira, espuma e revestimento plástico.	L 180 cm, P 60 cm, A 70 cm	

Fonte: Fotos do autor

Mesas - As diversas mesas existentes na sede da fazenda servem não só para as refeições, sendo também utilizadas como apoio de preparo na cozinha e apoio nas salas para colocação de objetos.

Tabela 7 - Nome, material, dimensões e imagem

Nome	materiais	Dimensões	Imagem
Mesa de jantar	estrutura de madeira e compensado revestido em folheado de madeira natural	L 90 cm, P 270 cm, A 73 cm	
Mesa de jantar	Estrutura de madeira e compensado revestido em folheado de madeira natural	L 70 cm, P 190 cm, A 73 cm	

Nome	materiais	Dimensões	Imagem
Mesa	Madeira natural	L 70 cm, P 160 cm, A 75 cm	
Mesa	Madeira natural	L 70 cm, P 160 cm, A 75 cm	
Mesa “roda carro de boi”	Madeira natural e aço	L 85 cm, P 85 cm, A 70 cm	
Escrivaninha	Estrutura de madeira e compensado revestido em madeira natural	L 90 cm, P 55 cm, A 75 cm	

Nome	materiais	Dimensões	Imagem
Mesa de canto	Estrutura de madeira e compensado revestido em madeira natural	L 40 cm, P 40 cm, A 55 cm	

Fonte: Fotos do autor

Móveis de higiene - Só um dos dois banheiros construídos continuam funcionando, com grande parte das peças originais.

Tabela 8 - Nome, material, dimensões e imagem

Nome	Materiais	Dimensões	Imagens
Pia	Louça branca	L 65 cm, P 45 cm, A 70 cm	

Nome	Materiais	Dimensões	Imagens
Armário	Alvenaria revestida de azulejo e portas de madeiras	L 80 cm, P 90 cm, A 130 cm	
Suporte toalha	Louça verde	L 20 cm, P 12,5 cm, A 8,5 cm	
Bidê	Louça branca	L 36 cm, P 52,5 cm, A 35 cm	

Nome	Materiais	Dimensões	Imagens
saboneteira	louça bege	L 12 cm, P 8,5 cm, A 15 cm	

Fonte: Fotos do autor

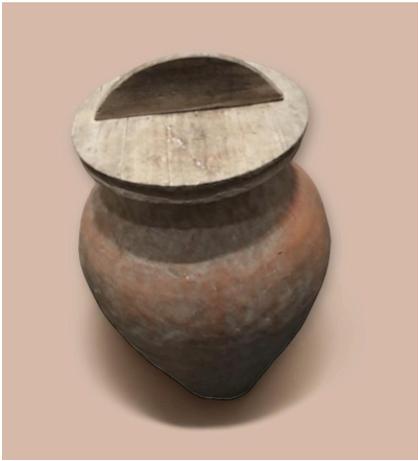
Móveis de preparo de alimentos - A cozinha original da fazenda está desativada, restam no entanto, alguns artefatos originais, que apesar de não terem função prática permanecem como lembrança de épocas passadas.

Tabela 9 - Nome, material, dimensões e imagem

Nome	Material	Dimensões	Imagem
Panela	Barro	Diâmetro 0.50 cm, A 25 cm	

Nome	Material	Dimensões	Imagem
Suporte para moedor de milho	Madeira	L 30 cm, P 15 cm, A 75 cm	
Separador de leite e nata	aço	L 30 cm, P 30 cm, A 70 cm	
Prato xerém	Alumínio	D 70 cm, A 15 cm	

Nome	Material	Dimensões	Imagem
Fogão a lenha	Alvenaria com acabamento em cimento queimado	L 250 cm, P 50 cm, A 80 cm	
Grelha para fogão a lenha	aço	L 25 cm, P 35 cm, A 5 cm	
Pegador	aço	L 8 cm, P 15 cm, A 3 cm	

Nome	Material	Dimensões	Imagem
Pote	Barro	D 50 cm, A 60 cm	
Suporte para panelas	Alumínio	L 40 cm, P 40 cm, A 180 cm	
Debulhador de milho	Madeira e aço	L 70 cm, P 30 cm, A 75 cm	

Fonte: Fotos do autor

Iconografia - Imagens e objetos com carga simbólica que traduzem valores e a estética dos moradores da casa. Observa-se muitos objetos e imagens com significado religioso, algo que vem a confirmar a conhecida religiosidade sertaneja. Estes objetos formam uma memória viva do imaginário dos antigos habitantes.

Tabela 10 - Nome, material, dimensões e imagem

Nome	Material	Dimensões	Imagens
Biscuit	Louça	Diversos	
Imagens e velas	Gesso, vidro e cera.	Diversos	
Imagem	Gesso	L 8 cm, P 5 cm, A 20 cm	

Nome	Material	Dimensões	Imagens
Retrato Maria da Luz Nunes	Madeira e vidro	L 30 cm, P 5 cm, A 60 cm	
Retrato Antonio Nunes	Madeira e vidro	L 30 cm, P 5 cm, A 55 cm	
Imagem Nossa Senhora	Madeira e vidro	L 30 cm, P 5 cm, A 60 cm	

Nome	Material	Dimensões	Imagens
Imagem Nossa Senhora	Madeira e vidro	L 30 cm, P 5 cm, A 60 cm	
Sino	Metal	L 25 cm, P 7 cm, A 30 cm	
Imagem Nossa Senhora	Gesso	L 15 cm, P 5 cm, A 20 cm	

Nome	Material	Dimensões	Imagens
Imagem de João Paulo II	Metal	D 30 cm	

Fonte: Fotos do autor

Segundo depoimentos, grande parte do mobiliário da casa é contemporâneo à construção da casa, as mesas de jantar, cadeiras, buffet e bar são do italiano radicado em São Paulo, Giuseppe Scapinelli, que tinha a fábrica “Móveis Giesse”. O mobiliário é em jacarandá e a caviúna, esta última a madeira preferida de Scapinelli.

O sofá e duas poltronas em courvin²⁰, da sala de visitas, são bem característicos da década de 1950, tendo influência escandinava. A presença deste mobiliário de design na fazenda, mostram uma busca por uma sofisticação. Na casa sede da fazenda São Pedro, também existem alguns móveis do mesmo Giuseppe Scapinelli.

As camas “Patente”²¹ estão presentes em vários modelos, uma particularidade dessas camas são as dimensões dos colchões diferentes das utilizadas comercialmente hoje em dia. A maior parte do mobiliário é resultado de compras esporádicas e poucas heranças familiares que aconteceram ao longo da vida da casa.

A iconografia presente nas Duas Barras fala de duas características comuns aos sertanejos: a religiosidade presente através de inúmeras imagens religiosas e a valorização da família, através das fotografias dos antepassados.

²⁰ Courvin é um couro artificial à base de PVC, que tem um certo brilho e é muito característico de mobiliário da década de 1950.

²¹ Cama projetada pelo espanhol radicado em São Paulo, Celso Martinez Carrera. Lançada em 1915 se tornou um marco na história do design brasileiro.

A vida nas Duas Barras

A descrição do cotidiano na fazenda Duas Barras foi feita a partir do depoimento de Maria Luzinete Souza Neuenschwander, filha mais nova de Maria do Carmo e Antônio de Souza. A partir da década de 1950, ela passava as férias e fins de semana na casa, se dividindo entre os estudos em São José do Egito e a fazenda Duas Barras.

Figura 34 - Foto da casa utilizada pela família Souza, antes da construção da casa sede. década 1950



Fonte: Acervo da família.

A vida na fazenda era marcada por uma forte independência. Quase tudo que ia para mesa, por exemplo, era produzido nas terras da fazenda, a coalhada, o leite, o queijo de manteiga e de coalho, ovos, jerimum (para se comer com leite quente), milho cozido, canjica, pamonha e o, sempre presente, cuscuz no café da manhã.

No almoço, carnes de bode, carneiro e gado, galinha normalmente guisada, arroz vermelho (conhecido também como “da terra”), arroz de leite, feijão de corda, farofa de cuscuz e jerimum, paçoca de carne seca e queijo. Na sobremesa, doces, geleia e compotas de frutas como a goiaba, banana, figo, mamão e coco, todas frutas produzidas na fazenda. O chouriço, doce feito a partir do sangue do porco, castanha de caju, açúcar de rapadura e especiarias como erva doce, cravo, canela, gengibre também era constante nas sobremesas. Esse doce é tradicional do sertão paraibano e rio grandense, o longo tempo de cozimento e os ingredientes torna sua preparação cada vez mais rara. A variedade de doces e bolos contrasta com o cardápio limitado e repetitivo das comidas salgadas. A noite se comia basicamente a mesma alimentação da manhã com a eventual presença de carne de sol ou bode guisado para acompanhar o cuscuz.

O preparo e conservação da comida numa época onde não existia geladeira era também bem diferente da época atual. Nas Duas Barras, o bode ou carneiro abatidos

sempre aos domingos, ia à mesa de forma variada, seguindo a lógica da conservação. No próprio domingo, buchada com miúdos, tripas, etc; na segunda-feira, carne “verde” assada na brasa; na terça, guisado; na quarta feira já entra a carne conservada no sal, e assim sucessivamente.

O armazenamento era feito em uma grande despensa, onde ficavam os queijos em fôrmas de madeira, cobertos por panos; carne salgada pendurada em ganchos no teto; as geleias e doces de frutas, assim como o doce de chouriço, em prateleiras em vidros e latas. Sacos de tecidos com milho, farinha e feijão. O clima sertanejo, muito seco – em torno dos 50% em grande parte do ano –, favorece a conservação dos alimentos secos. A presença do pão era rara, não fazendo parte do dia a dia alimentar da família. A água, para beber ao longo do dia, era armazenada em potes de barro, que a mantinham fresca durante todo o dia. Essa água era abastecida por meio de grandes latões, ao decorrer do dia, com a água da cisterna proveniente do poço.

Figura 35 - Foto potes de barro para água



Fonte: Foto do autor.

Antonio de Souza fazia questão que toda a família estivesse presente nas refeições. Sempre que haviam visitas, sociais ou de algum trabalhador eventual, eles se sentavam à mesa com toda a família. Mais de quarenta anos após sua morte, José Antônio Pereira, conhecido como Juarez, conta que:

Seu Antonio de Souza pedia para o finado Pedrão vir me buscar pra tirar coco, depois almoçava na mesa mas ele, ele me dava rapadura, mel e alfenim e depois me mandava trazer de volta.” (José Antônio Pereira)

Figura 36- Foto do gado sendo tangido em direção ao açude no fim da tarde, com uma das serras ao fundo, cerca de 1960



Fonte: acervo da família

A família era grande, como era comum nessa época: sete filhos, além da população flutuante que naturalmente aparecia. Por isso, a casa precisava de muitos funcionários, homens e mulheres, não só para a alimentação e limpeza mas também para a fabricação de queijos que eram comercializados – a fabricação de queijos é uma forma de aproveitar o leite das vacas, que na ausência de resfriamento tinha uma vida útil muito curta antes de azedar. Os funcionários dormiam dentro do corpo principal da casa, não havendo uma hierarquia rígida nas relações sociais, nem no próprio zoneamento dos ambientes. Os banheiros também eram utilizados sem discriminação, não existia a noção de banheiro “social” e de “serviço”. A cozinheira era chamada de “comadre” por Dona do Carmo e de “madrinha” pelos filhos desta. Esta ambivalência das relações sociais é apontada por Gilberto Freyre em várias obras sobre o Nordeste, em que o rígido patriarcalismo convive com as relações “familiares” entre empregados e empregadores, os contratos de trabalho são secundários e os favores “adoçam” as relações. Essa dinâmica social subsiste até hoje nos sertões.

A criação de galinhas, galinha da angola (mais conhecida na região como guiné), perus e porcos, também faziam parte da dinâmica da casa. O milho das galinhas, o xerém e os restos de comida da casa para porcos eram preparados na cozinha e faziam parte das tarefas domésticas diárias.

Figura 37 - Foto antigo fogão de lenha, usado para os tachos de queijo



Fonte: Foto do autor.

As fontes de energia também vinham da fazenda: o carvão vegetal, usado na cozinha e na produção do queijo, era produzido nos fornos da própria fazenda para comercialização e uso próprio. Um catavento puxava a água de um poço que alimentava a sede e o curral, a água do açude servia para a criação. As únicas exceções eram a bateria para o rádio (e vitrola) e o querosene, da marca Jacaré, para iluminação dos candeeiros.

Em relação a como os moradores da fazenda se informavam, majoritariamente era através do rádio ou de revistas como a “Cruzeiro”, “As Seleções” e a “Manchete”. Um pequeno avião que fazia os serviços dos correios da região, jogava num voo rasante, sacos contendo as últimas edições das revistas e jornais.

A casa sede da fazenda também funcionava como um local de administração. Antônio tinha uma escrivaninha onde fazia registros constantes das vendas e nascimento do gado, assim como dos gastos e receitas das safras da agricultura. Os salários eram pagos semanalmente e passavam também por estes registros. Os trabalhadores se dividiam em dois tipos: os com salários fixos e os que ganhavam por produção. Os primeiros eram responsáveis por tarefas rotineiras e os segundos, como os vaqueiros, dependiam da lucratividade de uma venda de rebanho das quais eram “meeiros”. Moradores, frequentemente, eram também meeiros em plantações de milho e feijão, a fazenda entrava com a terra, a semente e equipamentos, o morador e família com a mão de obra, portanto, na safra, os ganhos eram divididos. Muitos atribuem à experiência anterior no comércio de Antonio de Souza, a prosperidade alcançada pela fazenda.

Como em todo o sertão, a vida era dividida fortemente por duas épocas do ano – a época da chuva e a época da seca. Os três primeiros meses do ano, janeiro, fevereiro e março são os meses chuvosos, especialmente março, o que o torna o mês preferido dos

sertanejos. Durante as chuvas, muitas vezes a fazenda ficava isolada, pela lama das estradas. Apesar das chuvas do sertão serem irregulares, quando chove é torrencialmente. O açude enchia e “sangrava” nessa época, fazendo a alegria das crianças, que iam se banhar na “sangria”. Um inverno “bom” era a garantia de uma boa safra e de alimentação para o gado durante o ano que se iniciava.

Figura 38 - Foto do solo do açude da fazenda Duas Barras no período da seca.



Fonte: Foto do autor.

A época “seca” se inicia nos fins de agosto, alcançando o ápice entre o fim de novembro e início de dezembro. A vegetação fica despida, a vegetação rasteira desaparece, o ocre passa a ser a cor dominante em toda a fazenda, o gado fica mais tempo confinado e é alimentado por palma, isso quando não é necessário transportá-lo para pastos alugados em outras propriedades. Só os caprinos resistiam se alimentando do que restava da vegetação. A luz, em virtude do céu sem nuvens, é branca, o calor quase insuportável, a pausa para o almoço se prolonga, esperando uma temperatura mais amena para a volta ao trabalho. Todas as conversas giram em torno das previsões de chuva para o inverno, normalmente baseadas em características dos anos anteriores, muitas vezes baseadas em crendices como a que ano terminado em “quatro” têm “invernada” boa.

Figura 39 - Foto nascer do sol com a serra de Jabitacá ao fundo(1.079 metros no pico da Bolandeira)



Fonte: Foto do autor.

Os sons ou a falta deles é outra característica de uma fazenda isolada, como as Duas Barras. Ao amanhecer, existe um grande alarido de pássaros, ao longo do dia esses sons vão diminuindo só retornando ao fim da tarde, a noite o silêncio reina absoluto.

A ausência da luz elétrica fazia com que os hábitos de sono na fazenda ficassem especialmente ligados a luz do dia, depois do jantar a conversa a mesa se prolongava um pouco, com as histórias do dia, de alguma onça que estava atacando a criação ou antigas histórias de assombração. É curioso observar nos depoimentos que os assuntos e o imaginário das histórias era completamente diferente da realidade que as filhas do casal viviam no colégio interno de Recife, onde retornavam ao fim das férias. O despertar, por sua vez, acontecia às vezes antes dos primeiros raios de sol, no frio da madrugada (mínimas de 13 graus nos meses de junho e julho). A expressão “dormir com as galinhas” descrevia perfeitamente o que acontecia.

Inventário e análise da casa sede fazenda Coruja

Aspectos históricos

Figura 40 - Foto família Lopes de Siqueira, início do século XX. Ao centro da foto o Coronel Francisco Lopes de Siqueira, do lado esquerdo Júlia Lopes de Siqueira, herdeira da fazenda Coruja.

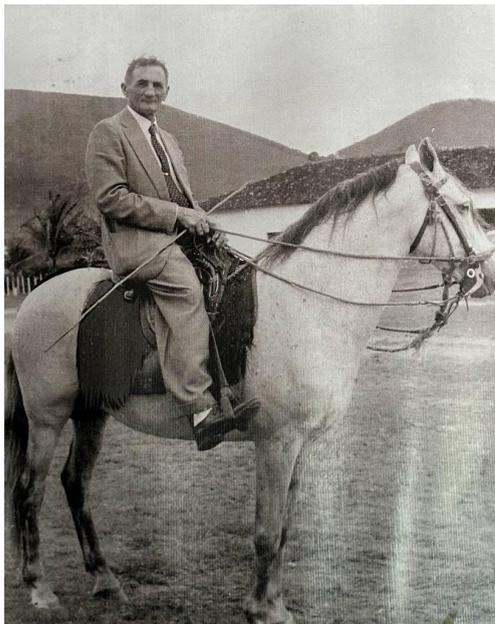


Fonte: acervo da família.

A fazenda Coruja pertencia à família Lopes de Siqueira, e foi passada por herança a Julia Lopes de Siqueira, que casou com o Sr. José Bezerra Câmara. Dona Júlia veio a falecer no parto do seu quarto filho. Sr. Nozinho (José Bezerra Câmara), voltou a se casar com Maria Anunciada Gomes, parente de Dona Julia.

Sr. Nozinho foi o construtor da casa sede da fazenda Coruja, nas primeiras décadas do século passado. A família se dividia entre a fazenda e Afogados da Ingazeira, cidade em que ele foi prefeito duas vezes, Sr. Nozinho era irmão do também político, deputado Monsenhor Arruda Câmara.

Figura 41- Foto do sr. Nozinho na década de quarenta



Fonte: acervo da família.

O Sr. Nozinho teve oito filhos naturais e uma adotada: quatro do primeiro casamento com Júlia Lopes de Siqueira e quatro com Maria Anunciada Gomes, um desses filhos veio a falecer ainda criança. Numa história que se repetiu ao longo dessa pesquisa, os filhos foram estudar em Recife e só retornaram em férias a fazenda Coruja. Como nos conta Ronaldo:

De todos os nove filhos do seu Nozinho, nenhum deles seguiu a carreira de fazendeiro, né? Ele, inclusive, foi quem tocou a fazenda até o último momento da vida. Eu lembro que ele sempre esteve à frente da Fazenda nas ações da Fazenda das plantações do criação de gado na época plantio de algodão (Ronaldo Câmara)

A fazenda Coruja fazia parte da fazenda Serra Branca vinculada à Casa da Torre. Antônio Rodrigues da Conceição era o arrendatário segundo documentação de 1778/1779 levantada por Nunes (2016). A fazenda fazia parte do município de Afogados da Ingazeira até 1963, quando da emancipação de Iguaracy²².

²² Iguaracy foi criada em 1916 com o nome de Macacos, em homenagem a uma família da região conhecida por esse nome, em 1948 o nome foi mudado para Iguaracy, que significa em Tupi, filho do sol. Era distrito de Afogados da Ingazeira até 1963, é composto por três distritos, Iguaracy, Jabitacá e Irajá. No último censo (2022), a população estimada é de 11.081.(iguaracy.pe.gov.br)

Figura 42 - Imagem da casa sede e dos apoios do curral na década de 1930. Foto anterior a reforma que iria acrescentar o terraço e o frontão



Fonte: Acervo da família

A chegada da estrada de ferro, na década de 1940, deu um impulso ao crescimento do distrito de Irajá, que era conhecido como Coruja, por conta da fazenda. A estação ferroviária foi inaugurada em 1941 e fazia parte da linha central de Pernambuco, que ligava Recife a Salgueiro, por lá escoava a produção de algodão e de passageiros.

Figura 43 - Foto da Estação Ferroviária de Irajá, inaugurada em 1941 e restaurada pelo arquiteto Ronaldo Câmara, neto do Sr. Nozinho, em 2022.



Fonte: Foto do autor

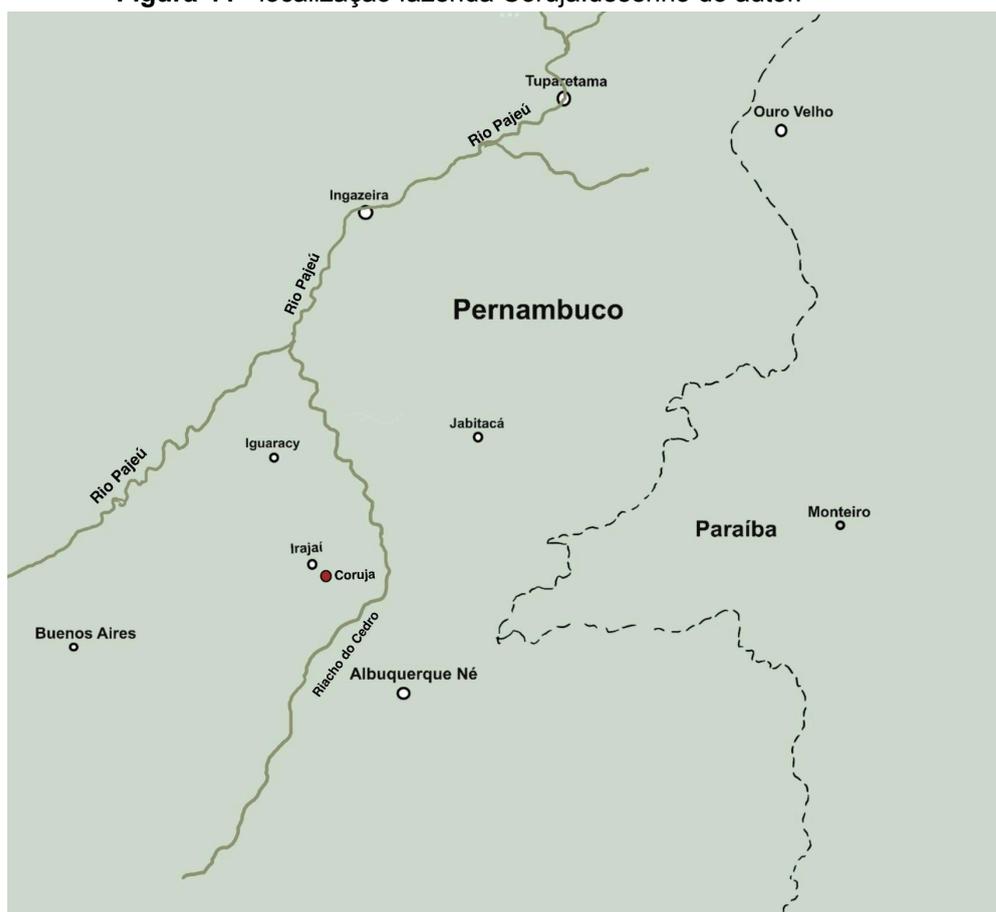
Além da criação de gado, o cultivo do algodão foi uma importante fonte de renda da fazenda durante os vários ciclos. Com a morte de José Bezerra Câmara, na década de 1970, a fazenda foi perdendo o caráter produtivo, se tornando mais uma casa de férias e fins de semana para a família.

A Fazenda na década de 70 após a morte do meu avô, o meu tio que era engenheiro químico filho da minha avó, do segundo casamento dele, Bartolomeu Câmara, ainda tentou gerir de alguma forma a fazenda, mas também nunca com a dedicação mais exclusiva, sempre de uma forma muito superficial e a fazenda foi praticamente sendo levada, vamos dizer assim, como um local mais de visitação, um local de férias sabe, mas nunca mais como uma questão assim, vamos dizer produtiva. (Ronaldo Câmara)

As terras foram divididas pelos herdeiros, a casa sede, no entanto, foi preservada para uso pela família. Ronaldo Câmara, neto do Sr. Nozinho, manteve as terras herdadas por sua mãe e conservou a casa para uso em férias e finais de semana.

Localiza o - A casa sede da fazenda fica contígua ao distrito de Irajai, antigo Coruja, no município de Iguaracy, onze quilômetros da sede do município de Iguaracy. Coordenadas, latitude: 37 28 '57 "W, longitude: 7 54' 37" S.

Figura 44 - localiza o fazenda Coruja. desenho do autor.



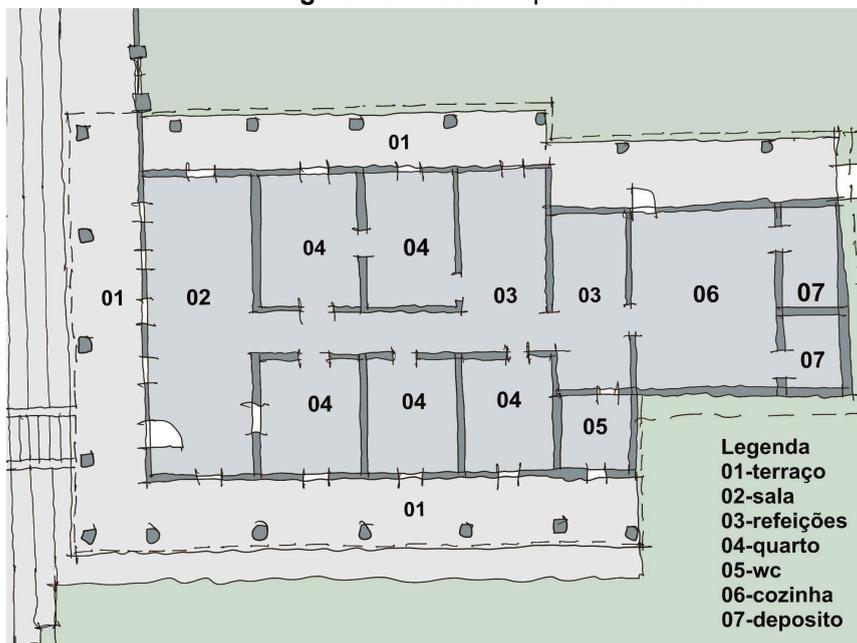
Fonte: Desenho do autor

Figura 45 - Locação com estrutura adjacente.



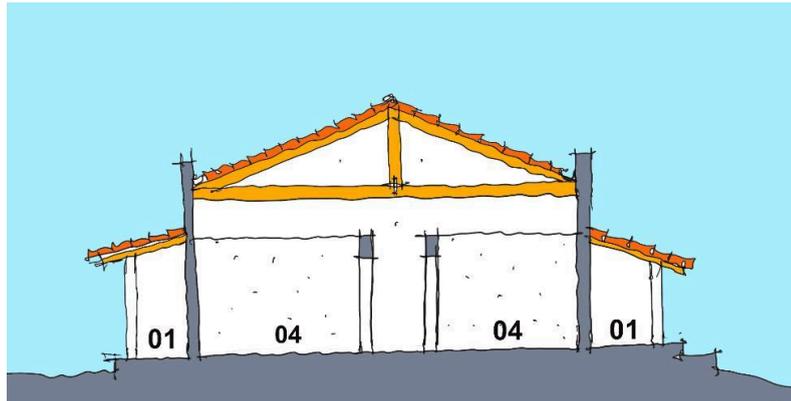
Fonte: Desenho do autor

Figura 46 - Desenho plantas baixas



Fonte: Desenho do autor.

Figura 47 - Desenho corte



Fonte: Desenho do autor

Figura 48 - Desenho da fachada norte.

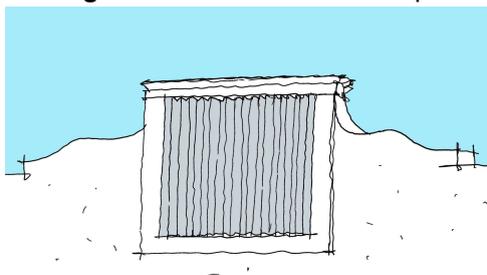


Fonte: Desenho do autor

Análise arquitetura

A planta original da casa sede tinha uma configuração de sala frontal: circulação central com quartos de ambos os lados, cozinha ao fundo e banheiro separado do corpo principal da casa na parte posterior. Na década de 1940, sofreu uma ampliação e houve adição de alpendre e banheiro interno à casa. Esta ampliação também procurou modernizar a casa original: foi acrescentado platibandas no volume, a fachada principal ganhou um desenho curvo e um ressalto na alvenaria com caneluras. Ronaldo Câmara acredita que por ser contemporânea a construção da estação ferroviária de Itajaí, a reforma teve influência da equipe técnica que construiu a estação.

Figura 49 - Desenho detalhe platibanda



Mobiliário e utensílios domésticos

Móveis de guarda - Os móveis utilizados para armazenamento, são formados por guarda roupas, cômodas, mesas de cabeceiras, armários, buffet e guarda louças.

Abaixo, segue tabela com imagens e informações detalhadas desses móveis.

Tabela 11 - Nome, material, dimensões e imagem

Nome	Material	Dimensões	Imagens
Guarda roupa	madeira e compensado folheado de madeira natural	L 170 cm, P 65 cm, A 190 cm	
Guarda roupa	madeira e compensado folheado de madeira natural e espelho	L 180 cm, P 65 cm, A 210 cm	

Nome	Material	Dimensões	Imagens
Mesa de cabeceira	madeira e compensado folheado de madeira natural	L 50 cm, P 45 cm, A 50 cm	
Mesa de cabeceira	madeira e compensado folheado de madeira natural	L 45 cm, P 40 cm, A 60 cm	
Cômoda	madeira e compensado folheado de madeira natural	L 80 cm, P 45 cm, A 60 cm	

Nome	Material	Dimensões	Imagens
	Mesa de cabeceira	L 60 cm, P 45 cm, A 50 cm	
Louceiro	madeira e compensado folheado de madeira natural e vidro	L 70 cm, P 45 cm, A 50 cm	
Mesa de cabeceira	madeira e compensado folheado de madeira natural	L 70 cm, P 45 cm, A 50 cm	

Nome	Material	Dimensões	Imagens
Aparador louceiro (Etagé impérial)	madeira e compensado folheado de madeira natural e vidro	L 160 cm, P 65 cm, A 270 cm	
Aparador louceiro	Estrutura em madeira, compensado folheado com madeira natural e tampo em mármore branco.	L 140 cm, P 55 cm, A 160 cm	

Fonte: Fotos do autor

Móveis de preparo de alimentos - A cozinha original foi reformada várias vezes, a que existe hoje tem um fogão de aço a lenha, uma antiga geladeira a querosene desativada ainda resiste ao tempo.

Tabela 12 - Nome, material, dimensões e imagem

Nome	Material	Dimensões	Imagem
Fogão	aço	L 130 cm, P 65 cm, A 70 cm	
Balcão em alvenaria	Alvenaria revestida em azulejo e concreto	L 150 cm, P 45 cm, A 80 cm	
Geladeira	Aço	L 90 cm, P 70 cm, A 150 cm	
Pote para água	Barro cozido	D 60 cm, A 70 cm(com base)	

Fonte: Fotos do autor

Mesas - As diversas mesas existentes na sede da fazenda servem não só para as refeições, sendo também utilizadas como apoio de preparo na cozinha e apoio nas salas para colocação de objetos.

Tabela 13- Nome, material, dimensões e imagem

Nome	Material	Dimensões	Imagens
Mesa de terraço	Aço e vidro	D 65 cm, A 70 cm	
Mesa de jantar	madeira natural	L 300 cm, P 90 cm, A 75 cm	

Nome	Material	Dimensões	Imagens
Mesa de refeições	madeira natural	L 140 cm, P 80 cm, A 75 cm	
Mesa de apoio	madeira natural	L 150 cm, P 90 cm, A 75 cm	
Mesa de refeições	madeira natural	D 120 cm, A 75 cm	
Mesa de refeições	Madeira natural	L 170 cm, P 70 cm, A 75 cm	

Nome	Material	Dimensões	Imagens
Mesa de apoio com gaveta	Madeira natural	L 120 cm, P 55 cm, A 75 cm	
Banco	Madeira	L 60 cm, P 45 cm, A 50 cm	

Fonte: Fotos do autor

Móveis de higiene - A casa tinha um banheiro externo composto de chuveiro e fossa, a muito tempo desativado. Posteriormente foi construído um banheiro interno. A casa possui, no entanto, dois móveis lavatórios, um que fica na sala de refeições e outro, usado pelo Sr. Nozinho para fazer a barba, que ficava na sala da frente.

Tabela 14 - Nome, material, dimensões e imagem

Nome	Material	Dimensões	Imagens
Lavatório	Aço	D 50 cm, A 85 cm	
Lavatório	Madeira, mármore cinza e espelho	L 90 cm, P 65 cm, A 170 cm	

Fonte: Fotos do autor

Móveis de descanso- Além da cama, móvel essencial para o descanso, a rede ocupava um lugar importante no descanso, o grande número de armadores de redes pela casa, inclusive nas salas, prova isso. A cama patente aparece em dois modelos de solteiro.

Tabela 15 - Nome, material, dimensões e imagem

Nome	Material	Dimensões	Imagens
Cama Patente	Madeira e molas de aço	L 40 cm, P 3 cm, A 60 cm	
Cama em madeira	Madeira e estrado em madeira	L 40 cm, P 3 cm, A 60 cm	
Cama Torneada		L 40 cm, P 3 cm, A 60 cm	
Cama Patente	Madeira e mola de aço	L 40 cm, P 3 cm, A 60 cm	

Fonte: Fotos do autor

Móveis de assento - Os móveis para sentar da Fazenda Coruja são compostos de cadeiras, marquesão e poltronas. As cadeiras Thonet são as mais numerosas, presentes em vários ambientes da casa.

Tabela 16 - Nome, material, dimensões e imagem

Nome	Material	Dimensões	Imagens
Cadeira Thonet	Madeira e palha	L 40 cm, P 45 cm, A 60 cm	
Cadeira de madeira	Madeira e palha	L 40 cm, P 3 cm, A 60 cm	

Nome	Material	Dimensões	Imagens
Cadeira Thonet com braço	Madeira e palha	L 40 cm, P 3 cm, A 60 cm	
Marquesa de madeira e palha	Madeira e palha	L 170 cm, P 60 cm, A 80 cm	
Poltrona	Estrutura de madeira, espuma e courvin	L 60 cm, P 75 cm, A 80 cm	

Nome	Material	Dimensões	Imagens
Poltrona	Estrutura de madeira, espuma e courvin	L 70 cm, P 80 cm, A 80 cm	
		L 65 cm, P 55 cm, A 70 cm	

Fonte: Fotos do autor

Iconografia - Imagens e objetos que traduzem valores e a estética dos moradores da casa, formam uma memória viva do imaginário dos habitantes.

Tabela 17 - Nome, material, dimensões e imagem

Nome	Material	Dimensões	Imagens
Corujas	Louça	variadas	

Nome	Material	Dimensões	Imagens
Imagem coração de Jesus	Madeira e papel	L 40 cm, P 3 cm, A 60 cm	
Fotos família	vidro, papel e madeira	variada	
Retrato Júlio Bezerra (pai do Sr. Nozinho)	Madeira, papel e vidro	L 30 cm, P 4 cm, A 55 cm	

Nome	Material	Dimensões	Imagens
Retrato Belarmino Nunes (avô do Sr. Nozinho)	Madeira, alumínio, papel e vidro	L 40 cm, P 3 cm, A 60 cm	
Embalagens de perfume	Louça	L 10 cm, P 6 cm, A 9 cm L 8 cm, P 5 cm, A 7.5 cm	
Imagem do Cristo no santo sudário, fixada acima da circulação de entrada na área íntima da casa.	Tecido e papelão	L 30 cm, P 2 cm, A 45 cm	

Nome	Material	Dimensões	Imagens
Sinos de caprinos	Metal	D 7 cm, A 9 cm D 4cm, A 5 cm	
Imagem da família onde se vê o Sr. Nozinho e o irmão o Monsenhor Arruda Câmara, deputado federal por Pernambuco.	Metal e vidro	L 25 cm, P 3 cm, A 30 cm	
Imagem do Padre Cícero	Gesso	L 8 cm, P 5 cm, A 20 cm	

Nome	Material	Dimensões	Imagens
Coruja	Porcelana	L 40 cm, P 3 cm, A 60 cm	
Cisne	Porcelana	L 40 cm, P 3 cm, A 60 cm	
Relógio de parede	Madeira e vidro	L 40 cm, P 3 cm, A 60 cm	

Fonte: Fotos do autor

A vida na Coruja

A origem da localidade de Irajá está intimamente ligada a fazenda Coruja: o próprio nome original de Irajá era “Coruja”, a localização do povoado e da fazenda se confundiam. Esta particularidade terminou por influenciar no cotidiano da fazenda, os empregados domésticos, por exemplo, eram moradores da comunidade. Na alimentação se consumia pão diariamente, em vista da facilidade da compra do pão em Irajá. Segundo Ronaldo Câmara, o dia começava cedo na fazenda, a alimentação era baseada no que era produzido lá:

O dia começava extremamente cedo, como não existia energia elétrica e lá nunca teve motor, íamos dormir cedo e acordávamos cedo.(...) A primeira coisa de manhã era ir para o curral tomar leite, no café da manhã tínhamos sempre queijo de coalho feito por minha avó, ovo e cuscuz e todas as comidas de milho, (...) sempre tinha pão, por conta da proximidade com Itajaí, coalhada e xerém. No almoço sempre tinha carne de gado, feijão de corda, arroz e arroz de leite.(...) Minha avó sempre foi muito religiosa e por isso bebida alcoólica lá na coruja era raríssima. (Ronaldo Câmara)

Segundo Ronaldo, a questão da ausência da energia elétrica era muito marcante no dia a dia da fazenda, dos candeeiros a querosene, a evolução foram uns pequenos botijões de gás que foram instalados nos pilares do alpendre e eram ligados todas as noites. A chegada da energia elétrica não influenciou a alimentação, esta não sofreu grandes modificações. As máquinas agrícolas movidas a eletricidade, como farrageiras, foram na verdade a grande diferença no dia a dia da fazenda.

A presença de um vaqueiro que morava com a família numa casa contígua ao curral, sempre foi uma constante, e a família do vaqueiro também se envolvia nas atividades da criação. As funcionárias que trabalhavam nas atividades domésticas eram todas moradoras de Irajá, e além dos cuidados domésticos, se responsabilizavam pela criação das galinhas, porcos e produção de queijo.

A água era bombeada manualmente para a caixa d'água superior, de onde era distribuída para as torneiras. O banho era de “cuia”, já que não existia chuveiro no único banheiro, esse já dentro do corpo principal da casa. Os banheiros mais antigos ficavam na área posterior, dois espaços separados: um para banho e outro com uma fossa negra – um buraco no chão com apoios para os pés.

Figura 50 - antigo banheiro da fazenda Coruja, era ligado através de uma passarela descoberta ao corpo principal da casa e composto por dois espaços, na parte superior existia uma caixa d'água embaixo da coberta cerâmica



Fonte: Foto do autor.

Inventário e análise da casa sede fazenda Santa Fé

Aspectos históricos

A fazenda Santa Fé pertencia, desde o início do século passado, ao Capitão Abel, paraibano radicado em Pernambuco, que construiu a casa sede nos anos 1930. A fazenda, além da criação de gado e bode, tinha um engenho de rapadura e açúcar preto – era como chamavam o açúcar mascavo. Como a grande maioria das fazendas da região, tinha também plantações de algodão. O cultivo do algodão, apesar da natureza produtiva bem diferente da criação de gado, não provocou grandes mudanças no estilo de vida sertanejo, por ser sempre uma atividade secundária em relação ao criatório.

Figura 51 - Foto do nome da fazenda no frontispício da fachada principal



Fonte: foto do autor.

Os herdeiros Abelardo e José Abel, depois da morte do Capitão, tentaram tocar a produção da fazenda. Segundo José Antônio Pereira, que morou vinte e dois anos na fazenda, os filhos foram morar em Sertânia e se desentendiam constantemente sobre a administração da fazenda. Os problemas entre os irmãos se avolumaram, o que terminou por fazer a fazenda entrar em decadência. Passados alguns anos, resolveram vender a propriedade ao Sr. Rui Cortino da Silva, agora já falecido e pai do atual proprietário Cícero Barreto Cortino da Silva.

O fato da fazenda Santa Fé ter passado por vários proprietários, e consequentemente várias famílias, explica a ausência, nos dias atuais, de um mobiliário

coerente com a casa. Normalmente, o isolamento em que viviam estas fazendas, fazia com que o mobiliário da casa fosse constituído por heranças sucessivas, que com o passar do tempo, terminava por criar um acervo que atravessa gerações. Entretanto, a descontinuidade familiar, impossibilitou esse processo natural na Santa Fé.

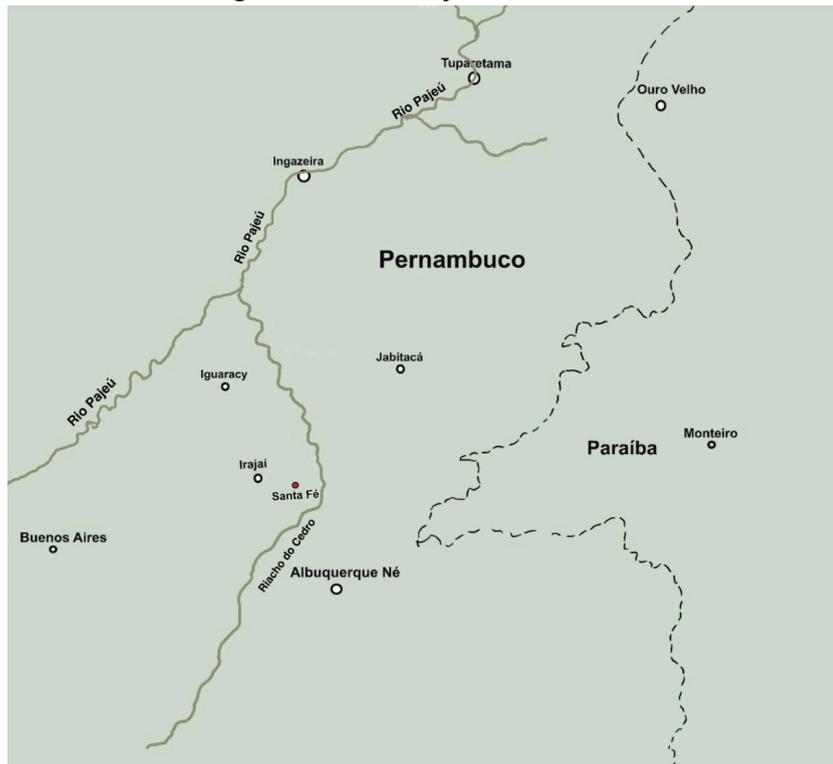
Figura 52- Foto da lateral



Fonte: foto do autor

Localização - A casa sede da fazenda fica a cinco quilômetros do distrito de Irajá, município de Iguaracy. Coordenadas, latitude: 37°27'19" W , longitude: 7° 54' 12" S.

Figura 53- localização da fazenda Santa Fé



Fonte: Desenho do autor

Figura 54- Locação da casa sede com estrutura adjacentes

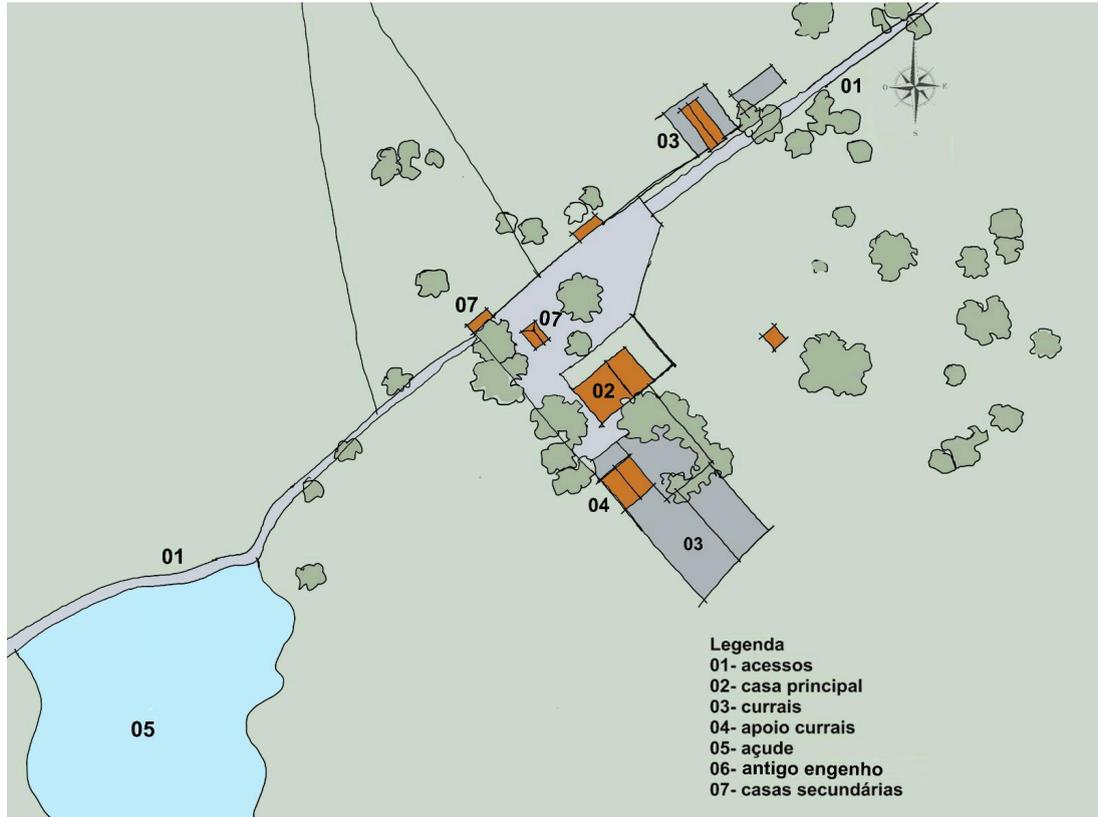
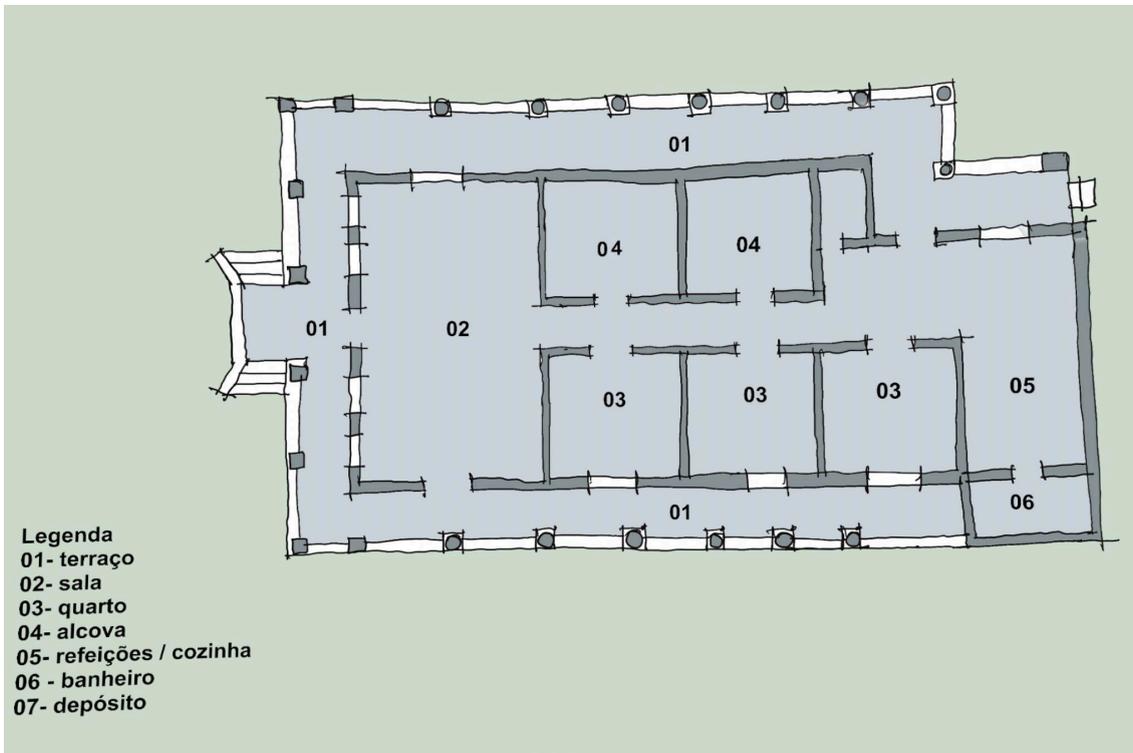


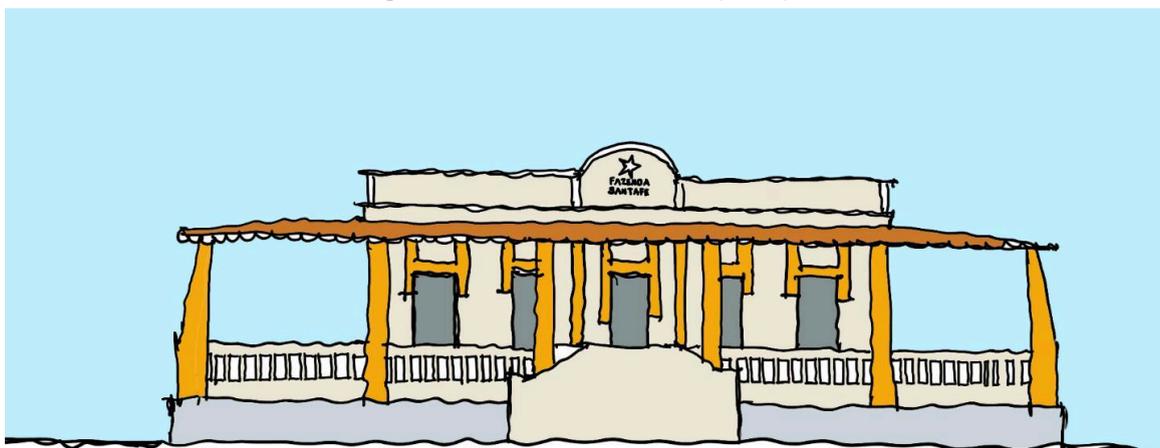
Foto: Desenho do autor.

Figura 55 - Desenho planta baixa.



Fonte: Desenho do autor

Figura 56 - Desenho fachada principal



Fonte : Desenho do autor

Figura 57 - Desenho fachada lateral



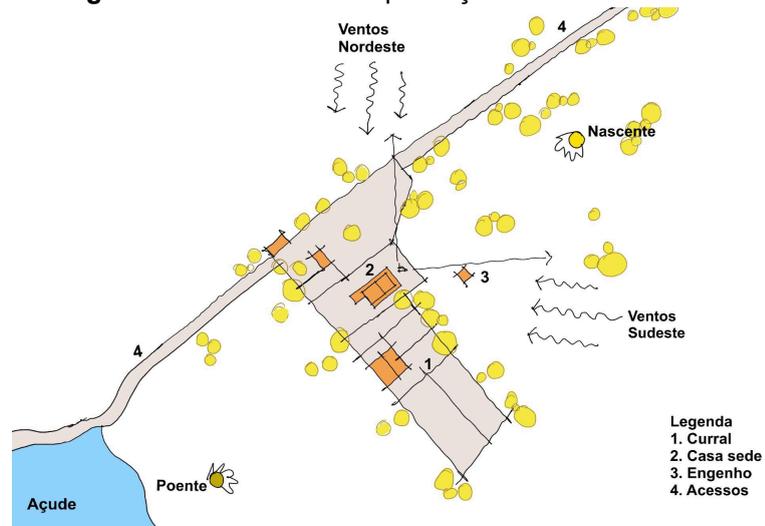
Fonte: Desenho do autor

Análise da arquitetura

Implantação

A casa sede da fazenda foi implantada numa ligeira elevação de uma grande área plana, tem um terreiro frontal e lateral o que a torna visível ao longe. Os currais foram locados ao sul da casa, o antigo engenho ficava no nascente e o açude no poente da casa.

Figura 58 - Desenho de implantação casa sede

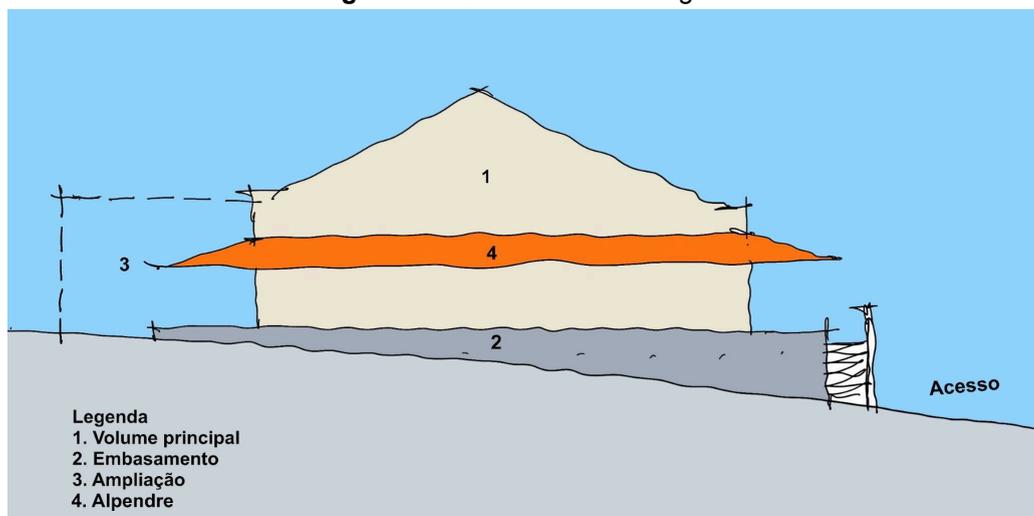


Fonte : Desenho do autor.

As orientações da casa são muito favoráveis em relação aos ventos dominantes, sudeste e nordeste, na região. A insolação também foi racional: a cozinha e áreas de serviços foram locadas protegendo as áreas de permanência prolongada do sol poente, a oeste; os alpendres protegem da insolação as fachadas norte, leste e sul. Os visuais livres permitem a visão dos acessos, tanto a leste quanto a oeste.

A implantação da casa tira partido das curvas de nível, com a cozinha implantada no nível zero. O terreno cai em direção ao leste por isso a sala da frente chega numa cota superior ao nível de acesso, proporcionando uma vista desimpedida e uma certa monumentalidade ao volume.

Figura 59 - Desenho corte longitudinal

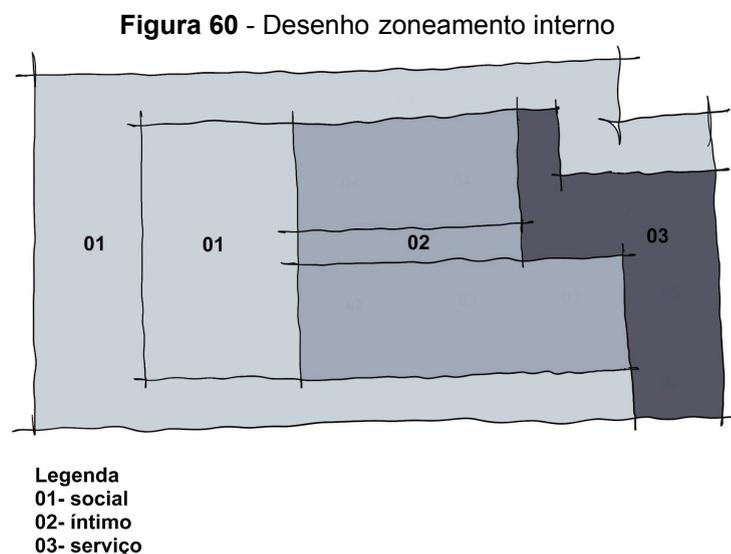


Fonte : Desenho do autor.

A casa é cercada de terreiros, sendo o frontal bem maior que os outros, essas áreas livres permitem a “leitura” de todo volume da casa sob vários pontos de vista.

Os espaços, programa de necessidades.

A casa sede da Santa Fé tem o programa claramente dividido em três partes, o social, composto pela sala da frente e os alpendres frontal e lateral. O íntimo composto pelos quartos e alcovas, na parte central da casa. Os serviços localizados na parte posterior da casa, é composto pela cozinha, depósito e sala de refeições.



Fonte : Desenho do autor

Este arranjo do zoneamento é muito próximo aos da fazenda Coruja, São Pedro e Bonfim, as ampliações que aconteceram ao longo do tempo foram no sentido de ampliar a área de serviço e o banheiro. O banheiro, na construção original, possivelmente ficava separado do corpo da casa, com a evolução das instalações sanitárias foi incorporado ao setor de serviço, a facilidade das instalações hidráulicas e fossas deve ter sido fundamental para essa opção.

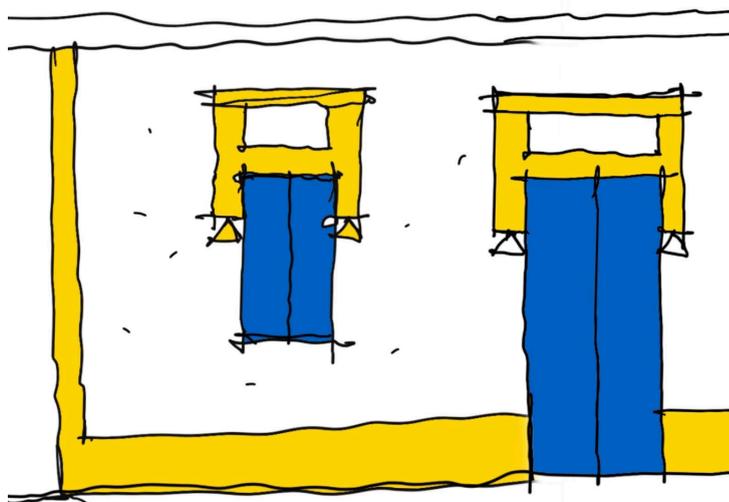
O alpendre, ao que tudo indica resultado de uma reforma, circunda toda a casa, devido a cota superior em que se encontra, proporciona visuais desimpedidos de todo o entorno. Esta situação privilegiada, permitia o controle visual do antigo engenho e dos currais.

Aspectos construtivos, materiais e acabamentos

Os pisos de grande parte da casa são em cimento queimado, as únicas exceções são a sala da frente e a sala de fundo, que possuem um ladrilho hidráulico.

As paredes internas são caiadas de branco. Já externamente, a casa possui detalhes em amarelo – como molduras – nas alvenarias e aberturas de janelas e portas. As portas e janelas tinham pintura azul, a casa tinha a pintura nas cores branca, amarela e azul, combinação muito usada nas casas sertanejas. As fazendas Coruja e São Pedro tem esta mesma combinação de cores.

Figura 61 - Desenho detalhes janelas e portas



Fonte : Desenho do autor.

As esquadrias, portas e janelas, são folhas maciças de madeira. Todas as portas são tipo “porta e janela”, com duas folhas que abrem separadamente, como é comum na região. O fechamento de todas as janelas e portas é feito com traves de madeira que encaixa na grade interna.

Análise plástica

O volume da casa sede é caracterizado por um volume central, com telhado duas águas, onde se localizam as áreas fechadas do programa (sala, quartos, cozinha) e o alpendre que envolve três fachadas.

Figura 62 - Foto casa sede Santa Fé



Fonte : Foto do autor.

O desalinhamento entre a modulação das colunas e as aberturas das janelas e portas permite supor que o alpendre pode ter sido construído posteriormente ao volume central, como muitas vezes aconteceu nestas casas de fazenda dos anos 1900.

Figura 63 - Desenho da casa sem os alpendres

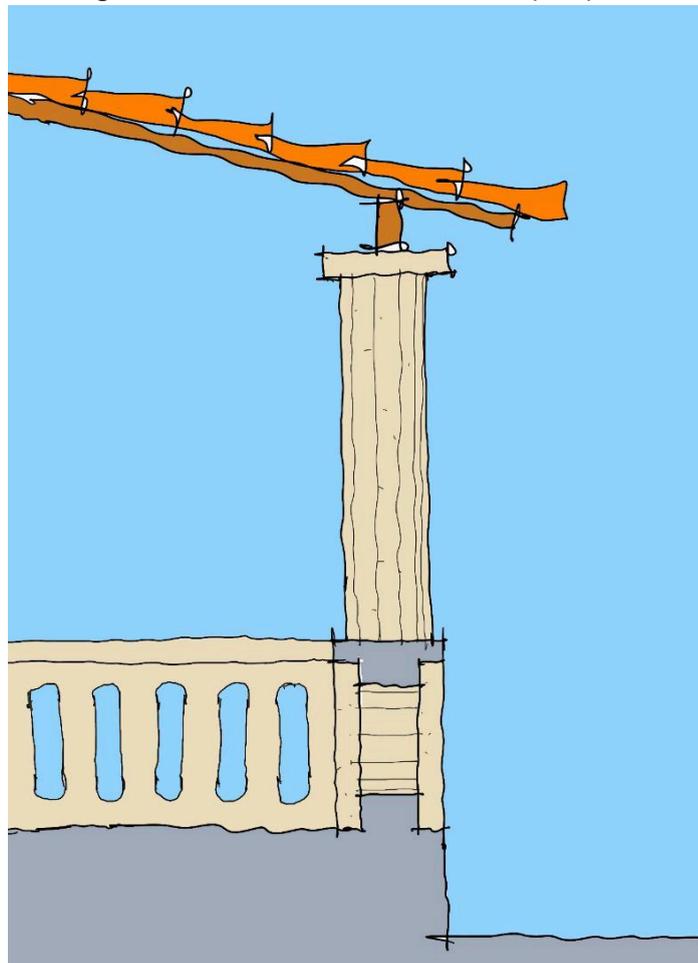


Fonte : Desenho do autor.

A colunata que estrutura este alpendre, termina por ser a principal particularidade da casa, estas colunas possuem uma base quadrada e são integradas ao parapeito. O alpendre é especialmente estreito nas fachadas laterais, servindo mais como uma proteção para o sol do que propriamente como um espaço habitável. A coluna tem um

pequeno capitel que arremata a coluna e serve de suporte para a linha de madeira da coberta.

Figura 64 - Desenho detalhe coluna e parapeito



Fonte : Desenho do autor

A fachada principal parece ter sofrido alterações, as colunas redondas tiveram sua forma alterada, possivelmente pela dificuldade em executar as formas redondas, elas atualmente são piramidais.

Mobiliário e utensílios domésticos

Móveis de assento - A estranha variedade de móveis para sentar da fazenda Santa Fé, refletem o estado de abandono da casa sede. Existem cadeiras monobloco de plástico, uma cadeira desmontável de ferro e até uma cadeira de escritório.

Segue abaixo tabela com imagens e informações detalhadas desses móveis.

Tabela 18 - Nome, material, dimensões e imagem

Nome	Materiais	Dimensões	Imagens
banco	madeira	L 110 cm, P 30 cm, A 45 cm	
sofá	estrutura de madeira, mola e espuma.	L 170 cm, P 75 cm, A 60 cm	
mesa e cadeiras	madeira	L 160 cm, P 70 cm, A 75 cm	
cadeira desmontavel	aço com pintura branca	L 35 cm, P 45 cm, A 60 cm	

Nome	Materiais	Dimensões	Imagens
cadeira de escritório	aço, plástico e espuma.	L 55 cm, P 50 cm, A 70 cm	
cadeira monobloco	plástico	L 40 cm, P 60 cm, A 55 cm	

Fonte: Fotos do autor

Móveis de Guarda - Existem poucos móveis voltados para o armazenamento, já que todo o mobiliário se encontra em estado precário.

Tabela 19 - Nome, material, dimensões e imagem

Nome	Material	Dimensões	Imagens
Guarda roupa	madeira e compensado revestido de madeira natural	L 180 cm, P 50 cm, A 190 cm	

Nome	Material	Dimensões	Imagens
aparador para tv e armário	compensado revestido em folheado de madeira natural	L 120 cm, P 40 cm, A 80 cm	
		L 80 cm, P 40 cm, A 60 cm	

Fonte: Fotos do autor

A vida na Santa Fé

Nossa principal fonte de dados acerca da vida na fazenda Santa Fé, foi o depoimento de José Antônio Pereira, seu pai era carreteiro de boi no antigo engenho da fazenda. Ele morou dos oito aos trinta anos na fazenda, trabalhando em variadas funções. Como a casa sede funcionava como administração, estava sempre por lá, recebendo orientação do Capitão Abel, colhendo frutas, se alimentando e participando da vida doméstica. Ele nos conta sobre a alimentação na antiga Santa Fé:

A comida sempre era grosseira, era cuscuz, era o bolo de milho, queijo, coalhada, queijo e carne. Tudo era do lugar(...) No almoço era feijão, feijão de corda, que é o que se lucra mais no sertão, o arroz era aquele, da terra, aquele vermelho, hoje as coisas tão diferente, muito diferente. (José Antônio Pereira)

As refeições eram sempre preparadas em grandes quantidades, pois sempre havia pessoas de fora para se alimentar, era servida na sala dos fundos, junto a cozinha.

Figura 65 - Foto antigo carro de boi na fazenda Santa Fé.



Fonte : Foto do autor.

Ele nos fala também sobre a conservação e preparação da comida naquela época:

Veja bem, o povo antigamente, não existia geladeira, quem possuía geladeira era a gás, (...) às carne salgava e botava em cima do fogão de lenha, deixava correr aquela fumaça, pra não sentar inseto, (...) às carne muciza sempre retalhava e botava sal pra enxugar, as carnes com osso já fazia o guisado, com molho, e por aí ia. Na época em que fui criado era assim. (José Antonio Pereira)

Figura 66 - Foto varanda lateral



Fonte: Foto do autor.

Sobre a visível decadência das antigas casas de fazenda, da qual infelizmente, a Santa Fé é um exemplo, ele nos fala:

Dizem que quando quebra o esteio da casa, ai desmorona o resto, quando morreu os mais velho, as fazenda hoje não tá mais movimentada, ninguém paga selviço, selviço que é bom, ninguém paga mais. Os mais velhos trabalhava, os mais novo hoje não quer trabalhar, porque não tem futuro, o futuro hoje é muito pouco. A

lavoura hoje não dá dinheiro (...) As fazendas foram abaixo, Santa Fé mesmo acabou-se. Os dono não quer gastar dinheiro, ele investe e o retorno é muito devagar(...) Os dono antigamente tava dentro, tudo morava nas fazenda. (José Antonio Pereira)

O êxodo rural, que leva as novas gerações a irem para as cidades grandes à procura de melhores oportunidades, não é um fenômeno novo, a maioria dos moradores atribuem a esse êxodo o abandono em que algumas fazendas se encontram.

Inventário e análise da casa sede fazenda Bonfim

Aspectos históricos

Maurice Max Batista Nunes de Farias, atual proprietário da fazenda Bonfim, faz parte da quarta geração dos Nunes que vivem na Fazenda Bonfim. Ele é trineto de Antonio Nunes de Farias, que construiu em 1930 a casa sede, para seu filho Luiz Nunes de Farias, bisavô de Maurice. Além da criação de gado, a plantação de algodão foi historicamente a principal atividade econômica da fazenda.

Figura 67 - Foto Antonio Nunes de Farias, cerca de 1930.



Fonte : Acervo da família.

Antonio Nunes de Farias foi um importante proprietário rural na região do Pajeú pernambucano e no Cariri paraibano, como nos conta Aldo Branquinho Nunes (2016):

Antônio Nunes de Farias (1869-1940) era filho de Bernardo com Josefa Xavier de Farias. Alguns relatos de seus netos colocam que ele começou logo cedo no comércio, levando peles, algodão e queijos produzidos na fazenda Boa Vista para

serem comercializados na praça do Recife (PE) e trazendo tecidos e miudezas para serem vendidas, inicialmente, na feira de Boi Velho (PB) e posteriormente na feira de Bonfim (distrito de São José do Egito, PB). Suas atividades de comércio, associadas com o cultivo de algodão, baseado na moradia (com famílias advindas das mais diferentes localidades, mas especialmente da Serra do Teixeira) e o processamento do algodão para exportação (através de bolandeira a vapor), possibilitou que ele se tornasse capitalista, industrial e um dos maiores proprietários do Cariri e Pajeú. (...) Por divergências com a família Dantas que eram influentes na política local e proprietárias de grande parte das terras que compunham a antiga povoação de Boi Velho (atual município de Ouro Velho, PB) e começaram a cobrar dos comerciantes tributos exorbitantes para que utilizasse o chão da feira da localidade - Antônio Nunes de Farias transferiu seu comércio e sua residência para a fazenda Bonfim, no município de São José do Egito (PE), recém adquirida, em 1914, justamente para essa finalidade. (Nunes, 2016, p.355 e 356)

Atualmente, existem quatro casas na antiga Bonfim – pertencentes aos herdeiros de Antonio Nunes de Farias – a casa sede original encontra-se em ruínas. A casa que pertenceu a Luís Nunes de Farias, a ser analisada nesse estudo, foi construída em 1919, e possui parte do mobiliário da antiga sede da Bonfim.

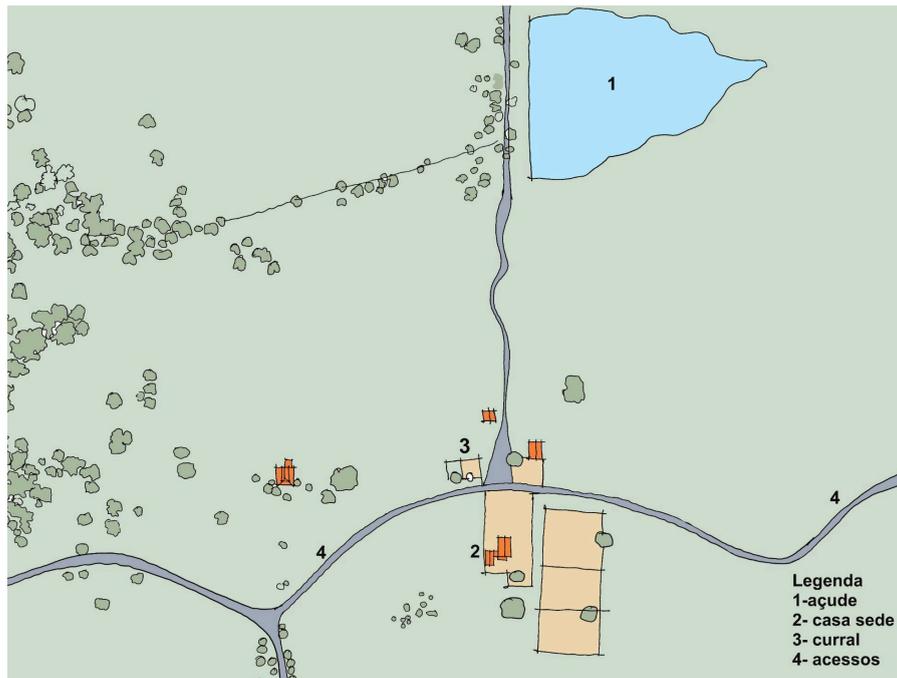
Figura 68 - Foto capela do Bonfim, construída em 1937 por Antonio Nunes.



Fonte : Foto do autor

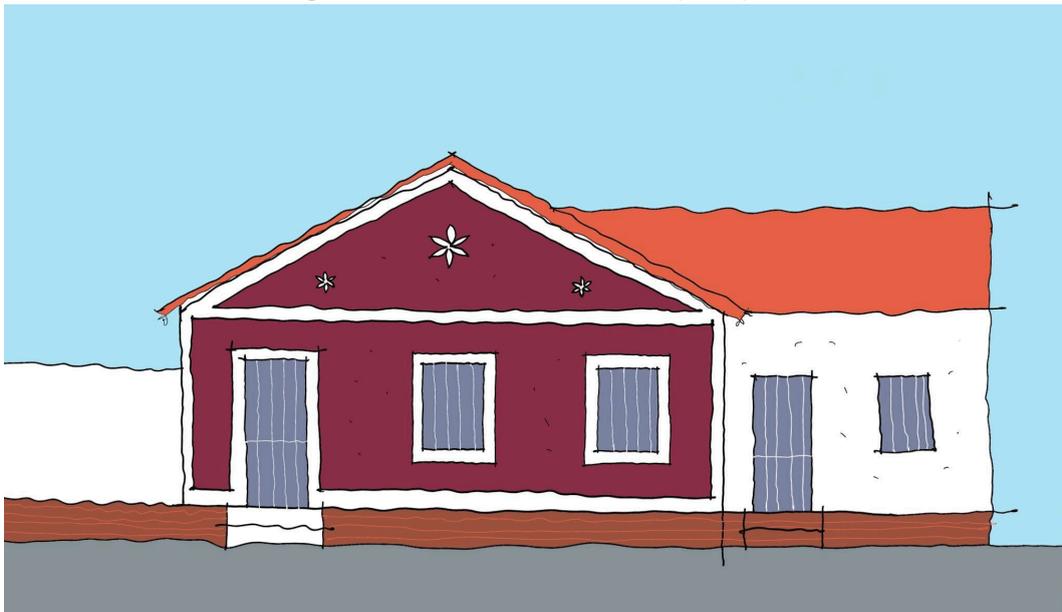
Localização - A casa sede da fazenda fica a trinta e dois quilômetros de São José do Egito. Coordenadas, latitude:37°12'23" W , longitude: 7°41' 06" S.

Figura 69 - Desenho de Locação com estrutura adjacentes



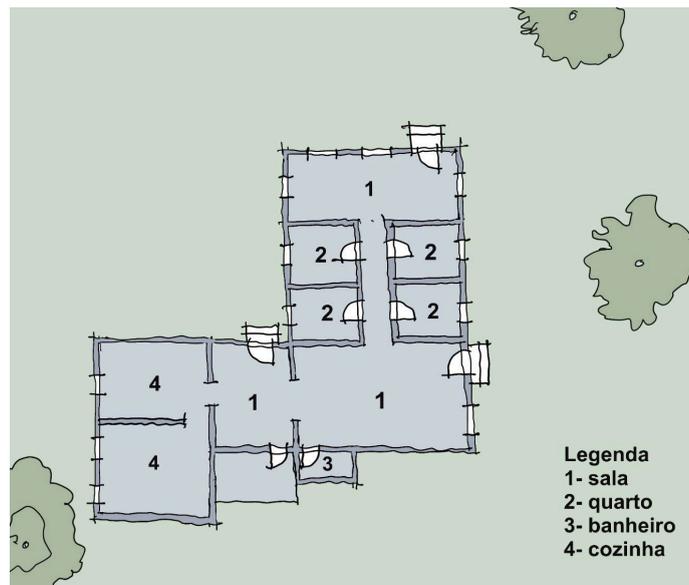
Fonte : Desenho do autor

Figura 70 - Desenho da fachada principal .



Fonte : Desenho do autor

Figura 71 - Desenho planta baixa.



Fonte : Desenho do autor

Análise arquitetura

A principal característica da casa analisada é a fachada principal, que tem um frontão triangular e três rosáceas, sua cor vermelha também é incomum em casas de fazenda. Esta fachada não se relaciona com as outras fachadas, passando a sensação de ter sido inspirada em casas citadinas, que só possuem a fachada principal.

A casa está assentada num platô de tijolos que atualmente se encontram expostos, isso faz com que a geometria robusta da casa se destaque ainda mais na paisagem, ela fica “solta” do plano horizontal do solo.

Internamente sua planta segue o “modelo” já identificado nesta pesquisa, com sala na frente, corredor central com quartos dos dois lados e cozinha e local para refeições ao fundo.

A casa sede da Bonfim foi a única das casas pesquisadas a não possuir alpendre. É difícil especular porque nas ampliações, porque passou a casa sede, não foi construído um alpendre. Podemos no entanto destacar dois aspectos, o primeiro é a altura da parte frontal em relação a terreno natural o que demandaria aterro para a construção de um alpendre, a segunda é a fachada principal muito destacada, o que nos leva a especular que houve um certo respeito pela estética desta fachada.

As ampliações da casa foram no sentido de aumentar as cozinhas e a sala de refeições na parte posterior da casa. Outra característica da casa sede de Bonfim é ela contar com portas em todas as fachadas, facilitando a integração da casa ao terreno em volta.

Mobiliário e utensílios domésticos

Móveis de guarda - Móveis utilizados para armazenamento, são formados por; guarda roupas, cômodas, mesas de cabeceiras, armários, buffet e guarda louças. A Bonfim possui muitos suportes de panelas e utensílios de cozinha.

Abaixo, segue tabela com o mobiliário.

Tabela 20 - Nome, material, dimensões e imagem

Nome	Material	Dimensão	Imagem
Guarda louças	Madeira	L 160 cm, P 60 cm, A 200 cm	
Guarda louças	Madeira	L 240 cm, P 40 cm, A 230 cm	

Nome	Material	Dimensão	Imagem
Mesa de cabeceira	Madeira	L 40 cm, P 40 cm, A 50 cm	
Mesa de cabeceira	Madeira	L 40 cm, P 45 cm, A 50 cm	
Guarda roupa	Madeira	L 140 cm, P 50 cm, A 220 cm	

Nome	Material	Dimensão	Imagem
Porta copos	Madeira	L 240 cm, P 40 cm, A 230 cm	
Guarda louças	Madeira	L 240 cm, P 40 cm, A 230 cm	
Suporte de panela	Madeira	L 90 cm, P 5 cm, A 30 cm	

Fonte : Fotos do autor

Móveis de assento - Os pequenos bancos, conhecidos como tamboretas, são os móveis mais numerosos na fazenda Bonfim, servindo não só para sentar, mas funcionando muitas vezes como mesa de apoio, nos quartos e cozinha.

Tabela 21 - Nome, material, dimensões e imagem

Nome	material	Dimensão	Imagem
Banco	Madeira	L 40 cm, P 40 cm, A 45 cm	
Marquesa	Madeira e palhinha	L 180 cm, P 45 cm, A 60 cm	
Cadeira	Madeira e espuma	L 50 cm, P 60 cm, A 80 cm	

Nome	material	Dimensão	Imagem
Cadeira de balanço	Madeira e palhinha	L 50 cm, P 70 cm, A 80 cm	

Fonte: Fotos do autor

A vida na Bonfim

Como é comum nas fazendas, o dia começa cedo na Bonfim, Maurice sempre acorda antes das cinco da manhã, ao nascer do sol. O café da manhã é composto por cuscuz, leite, queijo de coalho, coalhada e comidas de milho na época da safra. No almoço, feijão de corda, arroz, carne, rapadura e xerém. A carne podia ser de boi ou bode. O Queijo de manteiga e de coalho sempre foram fabricados na fazenda.

O cardápio, como de costume na região, é composto por produtos da terra. A galinha é reservada para os dias de domingo. Atualmente a fazenda continua com a criação de gado, as constantes doenças acabaram com a criação de bode e carneiro que existiam na Bonfim. Do mesmo modo que as grandes plantações de algodão que existiam na propriedade foram encerradas por conta do “bicudo”. Maurice conta que na década de 1950, o tratamento contra as pragas agrícolas eram feitas com aviões, tamanha as extensões de terra a serem tratadas.

A vida de Maurice foi toda na fazenda Bonfim, só durante um breve período foi estudar na cidade de Belo Jardim, hoje a família vai eventualmente a São José do Egito onde a mãe de Maurice reside, mas passa a maior parte do tempo em Bonfim. Ele valoriza principalmente a tranquilidade que uma moradia isolada proporciona, o silêncio para dormir por exemplo, que segundo ele, na “rua” não existe.

Inventário e análise da casa sede fazenda São Pedro

Aspectos históricos

A fazenda São Pedro é uma das mais antigas propriedades do sertão do Pajeú, aparecendo em um documento datado de 1738, no roteiro de viagem do Recife à Carinhanha. A propriedade pertenceu ao sargento-mor Custódio Alves Martins, primeiro sesmeiro das terras. Suas propriedades se estendiam da fazenda São Pedro (São José do Egito, PE) até a atual fazenda São Paulo dos Dantas (Ouro Velho, PB). Numa solicitação de 1786, os herdeiros solicitam as concessões das terras da São Pedro:

[...] moradores nas cabeceiras do cariry de Fora, como filhos e herdeiros do falecido seu pae sargento-mor Custódio Alves Martins, dizem que se acham dominando e possuindo, por si e pelo dito seu pae, há muitos anos, uma sorte de terras no olho d'agua Pedra da Bixa que por estar devoluta dela se apossara o dito seo pae e para legitimo pedem por sesmaria, com três léguas de comprido e uma de largo, meia para cada parte, pegando no olho d'agua da Pedra da Bixa correndo para o nascente a entestar com terras do Amparo e para o poente extremado com a terra dos grossos de S. Pedro e para o norte, extremado com terras de S. Antonio e S. Pedro e para o sul, extremado com terras de S. Paulo fazendo sempre peão no sobredito olho d'água. Foi feita a concessão, no governo de Jeronymo José de Mello Castro. (Tavares, 1982, p.415)

A fazenda São Pedro, segundo a família, foi adquirida por Manuel Dantas Correia de Góis em 1900 a Lulu Maranhão que possuía engenhos no litoral e utilizava a fazenda para criação de gado que iria servir de força motriz para seus engenhos. Faz seis gerações que a fazenda pertence aos Dantas. A casa sede é continuamente habitada desde essa época.

Figura 72 - Foto Jacinta Augusta Duarte Brandão e Manuel Dantas Correia de Góis, primeiros Dantas na fazenda São Pedro



Fonte : acervo da família.

Os atuais proprietários são Ana Alves de Brito Dantas e Romero Vilar Dantas – esse

último, neto de Joaquim Duarte Dantas, que recebeu a fazenda por herança de tias avós. Joaquim foi casado com Maria das Neves Vilar Dantas, sua prima. Sobre Seu Quincas e Dona Neves, encontramos uma referência no livro “O Museu Armorial dos Sertões” onde estão registradas passagens da vida de Ariano Suassuna, primo de Seu Quincas e sobrinho de Dona Neves.

Joaquim Duarte Dantas, era monarquista e católico. Foi quem apresentou ao sobrinho outras leituras: "Quando eu era ainda muito pequeno, ele lia para mim a descrição da Batalha de Alcácer-Quibir, em que morreu Dom Sebastião", lembrava, numa referência ao livro de Antero de Figueiredo, “D. Sebastião: Rei de Portugal”. Vem daí, admitia Ariano, a origem da ligação dele com o Movimento Sebastianista, que viria a influenciar a sua obra, principalmente o Romance d'A Pedra do Reino. Primo de Rita Suassuna, Joaquim Dantas também casou-se com uma irmã dela, Maria das Neves, tia querida e fundamental para Ariano.(Victor, 2021, p.40)

Ariano, como outros primos das numerosas famílias Vilar e Dantas, se hospedou muitas vezes na casa sede da fazenda. Outro primo de Seu Quincas está enterrado no cemitério da fazenda, João Duarte Dantas, que por um crime de honra deu início à revolução de 1930.²³ O cemitério localiza-se junto à capela de 1865, construída onde havia outra bem mais antiga em taipa. Segundo o Dicionário corográfico, histórico e estatístico de Pernambuco, observa-se que:

Pelo correr do anno de 1830, alguns fazendeiros da cabeceiras do rio Pajehú, no lugar Queimadas, valle meridional da serra da Borburema, e ponto de confluência do riacho S. Filippe com o mesmo Pajehú, resolveram alli estabelecer sua residência. Seguidamente pensaram em erigir uma capella dedicada a S. José; e, realmente o fizeram pequena, de rústica, ou melhor, construcção de taipa. Este factó determinou a formação de uma povoação no sítio; núcleo em que nenhuma dúvida houve, influuiu alguma cousa a capella, pelo laço de attracção do sentimento religioso. A três léguas a leste, na antiga fazenda S. Pedro, havia outra antiga capella dessa invocação do século anterior, a qual fôra origem de um povoado no local. Então os habitantes da mesma viram, com mãos olhos, nascente povoado, e julgaram-lhe a prosperidade ser como um dos elementos a capellinha, também ao mesmo tempo o objecto de decadência do ouro. Com ciúmes, mãos conselheiros, se incorporaram e, pelas deshoras, foram alli, e pela base destruíram-na. Isso de nada valeu, porque, pouco depois, outra foi levantada ao sudoéste, mais abaixo da chapada em que era a demolida; e então maior foi reconstruída e de tijolos. Os habitantes de Queimadas, hoje S. José do Egypto.(Dicionário corográfico, histórico e estatístico de Pernambuco, volume 4, páginas 68 e 69)

Este registro histórico é controverso, existem historiadores que atribuem a destruição da primeira capela de São José do Egito a fazendeiros locais sem relação com

²³ O assassinato de João Pessoa foi o maior acontecimento político da Paraíba no século passado, mudou o nome da capital e a bandeira do estado. O corpo do então governador fez uma peregrinação por grande parte do país, alimentando o movimento que culminou com a tomada do poder em 1930, por Getúlio Vargas. As motivações do advogado João Dantas foram passionais, mas resultaram na criação de um mito político, João Pessoa. Os Dantas foram perseguidos durante muitos anos por conta dessa morte.

a capela de São Pedro. No entanto, explicita a importância da fazenda para a formação da região.

Figura 73 - Foto Capela da fazenda São Pedro



Fonte : Foto do autor

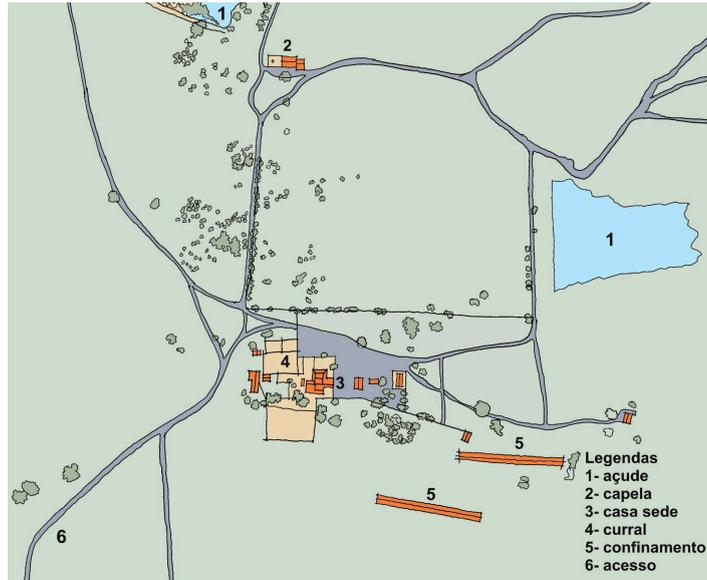
Localização - A casa sede da fazenda fica a dezoito quilômetros de São José do Egito, Coordenadas, latitude: W 37 09'01", longitude: 7 29'33" S

Figura 74 - Desenho localização fazenda São Pedro



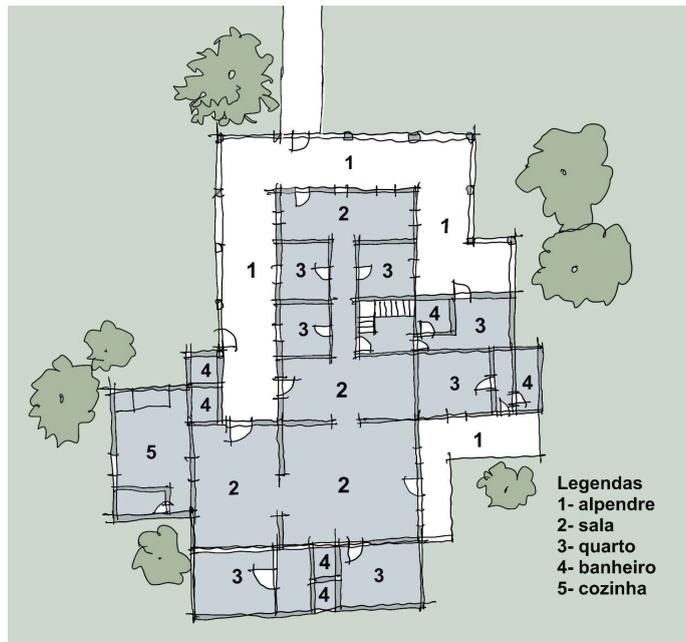
Fonte : Desenho do autor

Figura 75 - Desenho da locação com estruturas adjacentes.



Fonte: Desenho do autor

Figura 76 - Desenho planta baixa



Fonte: Desenho do autor

Figura 77 - Desenho corte longitudinal



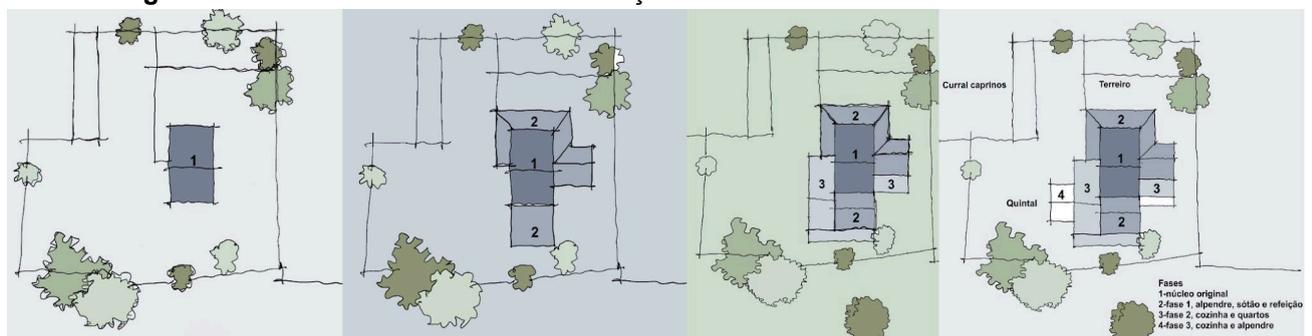
Fonte: Desenho do autor.

Análise arquitetura

A casa da fazenda São Pedro é resultado de inúmeras reformas e ampliações ao longo do tempo, a exata cronologia é impossível de se saber. A grosso modo, dividimos em 4 fases para facilitar o entendimento. O núcleo original não tinha alpendre e segue o “modelo” que identificamos na região, com sala na frente, corredor central com quartos e cozinha e refeições ao fundo.

A fase de ampliação 2, feita por Joaquim Dantas, foi composta pela construção do alpendre, de um sótão usado como quarto, assim como a construção de outra cozinha na parte posterior do núcleo original. A fase 3 de ampliação foi composta por uma nova cozinha e a construção de quartos do lado direito. A casa chegou a ter três cozinhas, que eram usadas para diversos preparos, como queijos, doces e alimentação diária. A fase 4, feita pelos atuais proprietários, foi a transferência da cozinha para uma nova área, com ampliação das salas posteriores ao núcleo original e construção de um pequeno alpendre contíguo ao quarto lateral.

Figura 78 - Desenho das fases de construção da casa sede Fazenda São Pedro



Fonte : Desenho do autor.

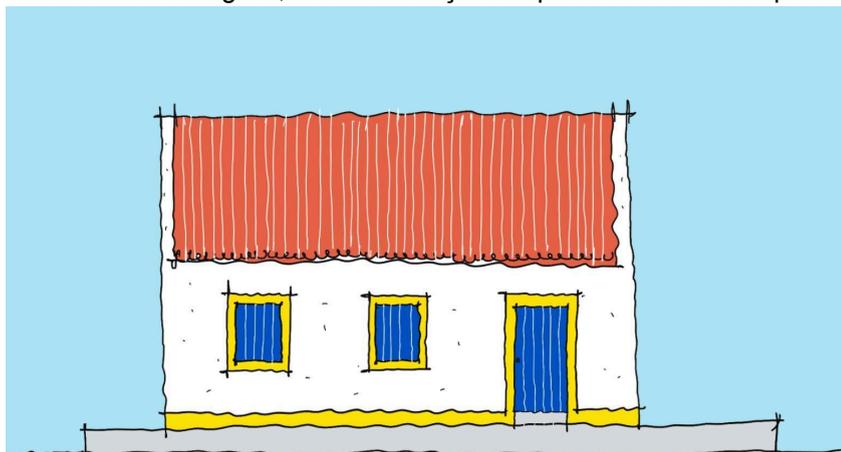
A imagem usada por Lúcio Costa, de uma galinha que abre suas asas, para representar as ampliações dessas casas rurais, representa perfeitamente a forma que a casa da São Pedro adquiriu com o tempo. Os novos telhados foram se somando ao núcleo original mais alto formando uma composição complexa.

Figura 79 - Foto aérea vista superior da casa, onde se observa o núcleo original



Fonte : foto google earth.

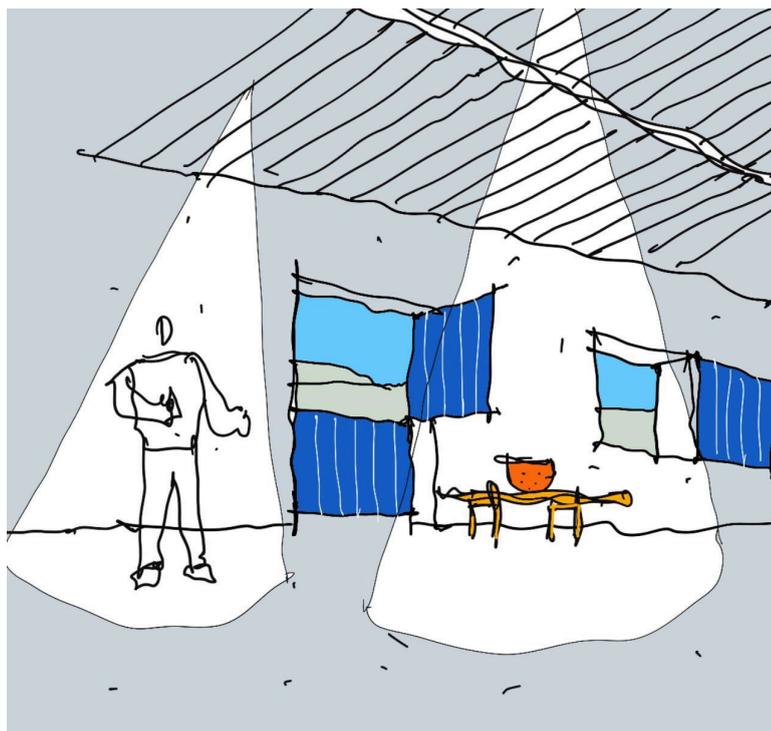
Figura 80 - Desenho do núcleo original, volume maciço com poucas aberturas e pouca sombra.



Fonte : Desenho do autor.

As diversas ampliações terminaram por criar um grande espaço interior, com poucas aberturas. Este espaço é um dos mais agradáveis da casa, isso só é possível em virtude de dois fatores: o uso das telhas de vidro para iluminação e o clima seco da região; no litoral, por exemplo, seria formado um grande bolsão de calor e umidade no interior da casa. Acredito que esses amplos espaços, com pés direitos altíssimos, iluminados através de telhas de vidro, sejam os mais característicos dessas casas sertanejas.

Figura 81 - Desenho de espaço interno com iluminação zenital através de telhas de vidro



Fonte : Desenho do autor.

Figura 82 - Fotos circulação central, sala frontal e sala dos fundos



Fonte: Fotos do autor.

As meia parede proporcionam uma leitura global do espaço: todo o espaço é compreendido com um único olhar. O piso uniforme, em cimento queimado, assim como as paredes todas caiadas de branco, conferem, ao interior da casa, uma singela unidade espacial.

Mobiliário e utensílios domésticos

Como nos contou Ana Maria, desde que veio morar na fazenda São Pedro, foi se desenvolvendo nela um gosto pelo mobiliário “antigo”, vernacular. Por conta disso, ela se dedicou a restaurar e conservar, com marceneiros da região, o mobiliário que existia na fazenda. Outra prática dela foi a reprodução de algumas peças que já existiam, como forma de reforçar a ideia de conjunto.

Figura 83 - Foto marquesa original ao fundo, as duas poltronas foram feitas depois no mesmo “modelo”



Fonte: Foto do autor

Outra característica dos interiores da São Pedro é a grande quantidade de plantas, especialmente os cactus. Romero, marido de Ana, brinca que “está pensando em andar ‘encourado’, com gibão de couro, para se proteger dos espinhos dentro de casa”.

Como este gosto de Ana por este tipo de mobiliário já é conhecido, familiares e amigos direcionam para ela presentes e heranças deste tipo de móvel. Alguns móveis, no entanto, são fabricados especialmente para a casa, sempre em madeira natural, por marceneiros da região.

Figura 84 - Foto cadeira de sala de refeições executada por “Zé Marceneiro” de São José do Egito



Fonte: Foto do autor.

Móveis de guarda - Móveis utilizados para armazenamento, são formados por: guarda roupas, mesas de cabeceiras, armários, aparadores, cristaleiras, guarda louças, malas e baús. As malas e baús, apesar de serem utilizados para guarda de objetos e documentos, servem como mesas de centro e apoios na área de estar. A São Pedro possui também caritós, que são nichos na alvenaria com portas de madeira que servem de armários. Devido às grandes proporções dos espaços, esses móveis se adaptam, visualmente, perfeitamente à casa.

Abaixo, seguem tabelas com o mobiliário;

Tabela 21 - Nome, material, dimensões e imagem

Nome	Material	Dimensões	Imagem
Armário	Madeira	L 170 cm, P 60 cm, A 220 cm	

Nome	Material	Dimensões	Imagem
Cristaleira	Madeira e vidro	L 150 cm, P 50 cm, A 190 cm	
Louceiro	Madeira e vidro	L 140 cm, P 50 cm, A 190 cm	
	Madeira	L 130 cm, P 550 cm, A 75 cm	
Guardaroupa	Madeira e espelho	L 170 cm, P 60 cm, A 220 cm	

Nome	Material	Dimensões	Imagem
Caritó(nichos na alvenaria fechados com portas de madeira)	Madeira	L 60 cm, P 25 cm, A 80 cm	
	Madeira	L 190 cm, P 80 cm, A 95 cm	
Guarda roupa	Madeira	L 190 cm, P 60 cm, A 225 cm	

Nome	Material	Dimensões	Imagem
Aparador	Madeira	L 130 cm, P 550 cm, A 75 cm	
Guardaroupa	Madeira	L 270 cm, P 60 cm, A 220 cm	
Mala	Madeira, couro e metal	L 130 cm, P 60 cm, A 35 cm	
Penteadeira	Madeira	L 120 cm, P 50 cm, A 75 cm	

Nome	Material	Dimensões	Imagem
Mesa de cabeceira	Madeira	L 40 cm, P 40 cm, A 50 cm	
Banco com gavetas	Madeira	L 170 cm, P 50 cm, A 45 cm	
Mesa cabeceira	Madeira	L 60 cm, P 40 cm, A 60 cm	
Chapeleira	Madeira e espelho	L 100 cm, P 40 cm, A 180 cm	

Fonte: Fotos do autor

Móveis de descanso- Além da cama, móvel essencial para o descanso, a rede também é usada esporadicamente. As camas patente aparecem em vários modelos. A cama patente é talvez o modelo de mobiliário mais numeroso nas moradias pesquisadas. A casa conta também com camas em alvenaria em alguns dos quartos mais recentes.

Tabela 22 - Nome, material, dimensões e imagem

Nome	Material	Dimensão	Imagem
Cama patente	Madeira	L 80 cm, P 190 cm, A 70 cm	
Cama patente	Madeira	L 80 cm, P 190 cm, A 80 cm	
Cama patente	Madeira	L 80 cm, P 190 cm, A 80 cm	

Nome	Material	Dimensão	Imagem
Cama	Madeira	L 80 cm, P 190 cm, A 40 cm	
Cama patente	Madeira	L 130 cm, P 190 cm, A 80 cm	
Cama patente	Madeira	L 80 cm, P 190 cm, A 60 cm	
Cama patente	Madeira	L 80 cm, P 190 cm, A 70 cm	

Fonte: Fotos do autor

Móveis de assento - Os bancos, cadeiras, marquesas e tamboretos são os móveis mais numerosos na fazenda São Pedro.

Tabela 23 - Nome, material, dimensões e imagem

Nome	Material	Dimensão	Imagem
sofá “marquesa”	Madeira	L 170 cm, P 65 cm, A 80,5 cm	
Poltronas(confeccionadas para combinar com a marquesa existente)	Madeira	L 80 cm, P 65 cm, A 80,5 cm	
Cadeira	Madeira	L 40 cm, P 50 cm, A 75,5 cm	

Nome	Material	Dimensão	Imagem
Poltrona Lafer	Madeira, metal e espuma.	L 50 cm, P 65cm, A 70,5 cm	
poltrona Bertoia	Metal e espuma	L 60 cm, P 70 cm, A 75 cm	
Cadeira	Madeira	L 40 cm, P 50 cm, A 80,5 cm	

Nome	Material	Dimensão	Imagem
Cadeira	Madeira e palhinha	L 40 cm, P 50 cm, A 80,5 cm	
Cadeira	Madeira e espuma	L 50 cm, P 55 cm, A 70,5 cm	
Poltrona	Madeira e espuma	L 80 cm, P 90 cm, A 70 cm	

Nome	Material	Dimensão	Imagem
Poltrona terraço	Madeira e lona	L 60 cm, P 90 cm, A 80,5 cm	
Poltrona terraço	Madeira e lona	L 50 cm, P 80 cm, A 90,5 cm	
Banco	Madeira	L 160 cm, P 40 cm, A 45,5 cm	

Nome	Material	Dimensão	Imagem
Cadeira	Madeira	L 40 cm, P 45 cm, A 70,5 cm	
Banco com gaveta	Madeira	L 50 cm, P 50 cm, A 30 cm	
Genuflexório	Madeira	L 40 cm, P 60 cm, A 70 cm	
Banco	Madeira e laminado	L 35 cm, P 35 cm, A 45 cm	

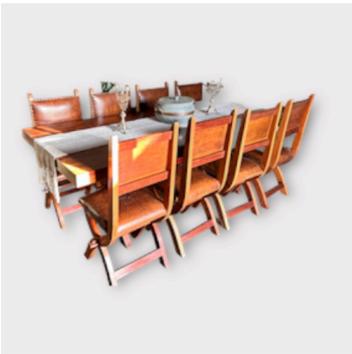
Nome	Material	Dimensão	Imagem
Banco	Madeira	L 190 cm, P 40 cm, A 50 cm	
Banco	Madeira	L 210 cm, P 40 cm, A 45 cm	
Sofá	Madeira e espuma	L 190 cm, P 90cm, A 70,5 cm	
Genuflexório	Madeira	L 50 cm, P 40 cm, A 60,5 cm	

Nome	Material	Dimensão	Imagem
Cadeira de balanço	Metal e plastico	L 60 cm, P 90 cm, A 80,5 cm	

Fonte: Fotos do autor

Mesas - As diversas mesas existentes na sede da fazenda servem não só para as refeições, sendo utilizadas como apoio de preparo na cozinha e apoio nas salas para colocação de objetos.

Tabela 24 - Nome, material, dimensões e imagem

Nome	Material	Dimensão	Imagem
Mesa de centro, Móveis Giesse. desenho Giuseppe Scapinelli	Madeira e vidro	L 100 cm, P 60 cm, A 45 cm	
Conjunto de jantar	Madeira e couro	L 2500 cm, P 70 cm, A 75 cm(mesa)	

Nome	Material	Dimensão	Imagem
Conjunto de jantar	Madeira	L 250 cm, P 80 cm, A 73 cm(mesa)	
Conjunto de jantar	Madeira , metal e vime	L 160 cm, P 60 cm, A 75 cm	
Mesa	Madeira	L 110 cm, P 110 cm, A 75 cm	

Fonte: Fotos do autor

Objetos decorativos - Objetos usados como decoração, muitas vezes utilitários que ganham outros usos, como jarros ou simplesmente decoração.

Tabela 25- Nome, material, dimensões e imagem

Nome	Material	Dimensão	Imagem
Ferros de passar roupa	Metal	Diversos	
Máquina de costura	Metal	L 50 cm, P 25 cm, A 25 cm	
Máquina de costura	Metal e madeira	L 110 cm, P 50 cm, A 75 cm	
Máquina de costura portátil	Couro, madeira e metal	L 45 cm, P 25 cm, A 35 cm	

Nome	Material	Dimensão	Imagem
Máquina de costura	Metal	L 45 cm, P 25 cm, A 30 cm	
Moedor de café	Metal	L 30 cm, P 20 cm, A 25 cm	
Ferro de engomar	Metal	L 30 cm, P 10 cm, A 25 cm	

Nome	Material	Dimensão	Imagem
Pilão de madeira		D 50 cm, A 60 cm	
Jarros de barro		D 50 cm, A 60,5 cm	
Tronco de madeira		L 40 cm, P 30 cm, A 10 cm	
Panela de Barro	Barro	D 30 cm, A 15 cm	

Nome	Material	Dimensão	Imagem
Pesos	Metal	diversos	
Balança	Metal	L 120 cm, P 40 cm, A 100 cm	
Bule agata	Metal	D 10 cm, A 30 cm	
Bule agata	Metal	L 25 cm, P 12 cm, A 30 cm	

Nome	Material	Dimensão	Imagem
Cesto	Vime	D 30 cm, A 60 cm	
Tronco natural usado como jarro	Madeira	L 30 cm, P 30 cm, A 55 cm	
Casa João de Barro	Madeira e barro	L 50 cm, P 30 cm, A 20 cm	

Nome	Material	Dimensão	Imagem
Bule antigo	metal	L 25cm, P 25 cm, A 35 cm	
Peça	Metal	L 10 cm, P 10 cm, A 12,5 cm	
Jarro antigo	Argila	L 35 cm, P 35 cm, A 80 cm	

Nome	Material	Dimensão	Imagem
Borrifador de veneno antigo	Couro e metal	L 40 cm, P 40 cm, A 60 cm	
Cesta	Metal	L 10 cm, P 10 cm, A 12,5 cm	
Vela em castiçal	Metal	L 6,5 cm, P 6,5 cm, A 15 cm	

Nome	Material	Dimensão	Imagem
Vaso	Cimento	L 170 cm, P 65 cm, A 190 cm	
Vela em castiçal	Metal	L 6,5 cm, P 6,5 cm, A 35 cm	
Estribos	Metal	diversos	

Nome	Material	Dimensão	Imagem
Pilão	Madeira	L 50 cm, P 50 cm, A 70 cm	
Canga de carro de boi	Madeira	L 110 cm, P 10 cm, A 30 cm	

fonte: fotos do autor

Iconografia - As imagens e objetos da casa sede da fazenda São Pedro traduzem a religiosidade dos moradores, as imagens de santos que pertencem ao acervo da capela foram transferidas para a casa por questões de segurança.

Tabela 26 - Nome, material, dimensões e imagem

Nome	Material	Dimensões	Imagens
Imagem	madeira e papel	L 60 cm, P 3 cm, A 90 cm	

Nome	Material	Dimensões	Imagens
Fotos família Vilar Dantas	Madeira e vidro	Diversos	
Fotos família Alves de Brito	Madeira e vidro	Diversos	
Foto de Jacinta Augusta Duarte Brandão e Manoel Dantas Correia de Gois. Primeiro Dantas proprietário da fazenda São Pedro.		L 45 cm, P 5 cm, A 30 cm	
Foto da antiga senzala da fazenda Carnaúba. Taperoá. PB.		L 60 cm, P 4cm, A 20 cm	
Quadro		L 170 cm, P 65 cm, A 190 cm	

Nome	Material	Dimensões	Imagens
Crucifixo	Madeira	L 20 cm, P 5 cm, A 30 cm	
Cruz	Porcelana	L 4 cm, P 0,5 cm, A 7,5 cm	
Placa	Porcelana	L 170 cm, P 65 cm, A 190 cm	

Nome	Material	Dimensões	Imagens
Imagem santa	Madeira	L 10 cm, P 6 cm, A 25 cm	
Imagem de Santo Elesbão (datada de 1760)	Terracota	L 15 cm, P 35 cm, A 40 cm	
Imagem santa	Madeira	L 12.5 cm, P 7 cm, A 30 cm	

Nome	Material	Dimensões	Imagens
Oratório	Madeira	L 60 cm, P 25 cm, A 120 cm	
Imagens	Argila	L 170 cm, P 65 cm, A 190 cm	
Xilogravuras com temas sertanejos	madeira e vidro	L 20 cm, P 3 cm, A 20 cm	

Nome	Material	Dimensões	Imagens
Espada militar	Metal, banhado em prata.	L 10 cm, P 10 cm, A 80 cm	
Imagem São Pedro, pertence ao acervo da capela.	Madeira	L 35 cm, P 30 cm, A 90 cm	
Imagem Jesus	Madeira e vidro	L 50 cm, P 5 cm, A 70 cm	

Nome	Material	Dimensões	Imagens
Cruz em madeira natural, fica do lado esquerdo da porta de entrada. Do lado direito fica uma canga de carro de boi.	Madeira	L 70 cm, P 5 cm, A 160 cm	

Fonte: Fotos do autor

A vida na São Pedro

A narrativa do cotidiano na casa sede da fazenda foi feita a partir de depoimentos de Ana Maria e Romero Dantas, atuais proprietários e moradores a mais de 30 anos da fazenda . Ana nos fala que a vida na São Pedro começa muito cedo, antes das 5 da manhã já estão de pé, ela aproveita o amanhecer para suas orações diárias. Com a chegada dos funcionários, inicia-se o preparo do café da manhã que é servido às 8.00. Os pratos servidos são baseados nos alimentos provenientes da fazenda, como o leite e seus derivados. Cuscuz, leite, iogurte, coalhada, queijo de coalho e de manteiga, requeijão, café, manteiga de garrafa, ovos e tubérculos estão sempre presentes na primeira refeição. A alimentação varia muito conforme a época do ano, na safra de milho, com a abundância do milho verde, trás a pamonha, a canjica e o próprio milho verde comido cozido, na espiga ou com leite.

Depois da refeição matinal as atividades no campo se iniciam, assim como na casa, que por ser muito grande demanda uma manutenção constante. Desde Romero Dantas, pai de Romero, a fazenda tem criação de ovino Santa Inês, animal desprovido de lã e de elevada estatura. O gado bovino é criado para corte e para produzir leite. Mais recentemente está se iniciando na fazenda o turismo rural, aproveitando os vários

atrativos que a fazenda possui, como a histórica capela de São Pedro, pinturas rupestres e a Serra Preta, um dos vulcões extintos de Pernambuco.

Figura 85 - Foto da serra preta no amanhecer da fazenda São Pedro.



Fonte: foto do autor.

O almoço é basicamente “arroz, feijão e carne” como Ana diz. O feijão de corda, como de costume na região, é o mais consumido e o arroz (branco ou da terra) é muitas vezes cozido no leite. A proteína pode ser a carne de carneiro – que é um dos principais produtos da fazenda –, carne bovina ou ainda peixes do criatório existente no açude da São Pedro – lá se produz tilápia, curimatã e a traíra. A galinha, também criada junto à casa, aparece normalmente cozida, sempre acompanhada do arroz de festa (feito com caldo de galinha). O almoço acontece entre as 11.30 e 12.00.

No jantar, segundo Ana, era xerém com galinha ou carne, porém, hoje em dia, como as pessoas não gostam mais de xerém, é servido algo mais leve, como uma sopa, ou coalhada e mais raramente pão. A sazonalidade é uma das principais características de uma alimentação baseada na produção da terra, conforme as safras, conforme a chuva, a alimentação tem de se adaptar.

A tradição culinária sertaneja tem em Ana Rita Dantas Suassuna, filha de Seu Quincas, uma grande entusiasta e divulgadora. É dela o livro “Gastronomia sertaneja: receitas que contam histórias” (2010) que termina sendo um livro sobre etnografia do que de gastronomia tendo em vista a riqueza da descrição dos “modos de fazer”. Na apresentação deste livro, o primo Ariano, explicita a importância da cozinha na casa do sertão:

(...)Por isso, é com grande alegria que vejo todo esse mundo reviver neste livro; mundo que tinha como centro não a sala de visitas ou a de jantar, mas sim o terreiro, onde se cantava e dançava; e a cozinha, a democrática cozinha, onde

mandavam uma Rainha negra, Bezé, e um Rei negro, Pé Velho. (Suassuna, 2010, p.5)

Ana Rita relembra a sua infância na fazenda São Pedro em depoimento ao Museu da Casa Brasileira em 2021, falando de suas lembranças:

Essa casa marcou muito minha vida, tenho lembranças preciosas em todas as coisas que aconteciam lá, inclusive com relação à memória gustativa. A gente aproveitava pra comer a farofa de queijo de manteiga na cozinha do queijo, também dá água na boca quando me lembro dos sucrilhos de goma que eram feitos com ajuda das crianças, essa foi a casa dos meus sentimentos”.(Suassuna, 2021)²⁴

Entre várias receitas originárias dos sertões nordestino, a receita do doce de Chouriço, que era feito também na fazenda Duas Barras, aparece no livro de Ana Rita, é um exemplo de uma receita que só numa fazenda podia ser feita, pelos ingredientes, sangue e banha de porco, rapadura, castanha de caju, ervas e pelo tempo de preparo, no mínimo três horas ao fogo. As receitas, como a própria casa, nos falam de uma outra época, quando era visto como “normal” fazer um doce ao longo de quatro, cinco horas.

O estilo de vida dos atuais moradores ainda guarda, nos dias atuais, uma harmonia com o espaço arquitetônico, o mobiliário, os objetos de uso cotidiano. Isso acontece de maneira natural, sem nenhuma busca artificial por outro tempo ou de uma maneira de viver arcaica.

²⁴ Entrevista disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uqKz2F7m6p0>>. Acesso em 13 de maio 2024.

Análise

Partindo dos dados coletados das casas sede de fazenda inventariadas, iremos agora tentar compreender as particularidades identificadas nestas moradias e quais os elementos da vida no sertão que foram determinantes para o aparecimento das mesmas.

Uma pergunta que frequentemente é feita é se essas casas de fazenda tão rústicas, sem “estilo”, são consideradas arquitetura? Ou se os mobiliários destas casas são considerados design? O arquiteto Geraldo Gomes no texto “A arquitetura dos engenhos” (1994) ajuda a responder esta pergunta:

Na verdade, qualquer edifício, independente de sua função e do sistema de construção utilizado, pode vir a constituir um exemplar de arquitetura, bastando que o arbítrio estético esteja presente em todas as fases da sua concepção. Assim, por exemplo, a determinação da posição de uma simples janela pode ser resultado de uma opção estética; a cor e a forma dessa mesma janela, bem como as da parede que a contém, podem ser produto de uma reflexão na qual o gosto presida à decisão final (Gomes, 1994, p.28).

Figura 86 - Desenho fachadas principais das casas pesquisadas



Fonte: Desenho do autor.

O programa de necessidades

O programa das casas sede de fazenda pouco variaram ao longo do tempo, os avanços dos costumes no sertão do Pajeú, devido ao isolamento, aconteceram lentamente. A incorporação dos banheiros ao corpo principal da casa e o aparecimento dos alpendres foram as principais mudanças em relação à casa oitocentista. Podemos agrupar esse programa de necessidades, a partir das atividades cotidianas nos ambientes, em quatro grupos:

1. Convivência; alpendre e sala de estar
2. Alimentação; cozinha, depósitos e sala de refeições
3. Repouso; quartos e alcovas
4. Higiene; banheiros

Existiam muitas sobreposições de atividades nos ambientes. A sala de refeições, por exemplo, muitas vezes se tornava um espaço de convivência com as refeições

alongadas, a conversa continuava já sem nenhuma comida à mesa. A costura, que era uma atividade diária, acontecia nas salas com uma ou mais mulheres envolvidas na atividade. Estas casas, que ainda hoje são válidas como arquitetura sob muitos aspectos, eram no entanto, profundamente dependentes de uma grande quantidade de pessoas. Como nos fala Lúcio Costa sobre a casa colonial e a presença do negro escravo nestas casas:

Se os casarões remanescentes do tempo antigo parecem inabitáveis devido ao desconforto, é porque o negro está ausente. Era ele que fazia a casa funcionar: havia negro para tudo, desde negrinhos sempre à mão para recados, até negra velha, babá. O negro era esgoto; era água corrente no quarto, quente e fria; era interruptor de luz e botão de campainha; o negro tapava goteira e subia vidraça pesada; era lavador automático, abanava que nem ventilador. (Costa, 2002.p.107)

Além do preparo do alimento – normalmente para muitas pessoas, já que as famílias eram numerosas – eram inúmeros os procedimentos diários para manter a casa funcionando. Como a mão de obra era barata, este aspecto não consistia em um problema nestas casas, e elas só existiam neste contexto. Hoje, com uma nova realidade social, a manutenção destas casas é difícil e muitas vezes inviável para poucas pessoas.

Um aspecto particular das casas pesquisadas é a presença de muitos ambientes voltados para a alimentação, além das mesas na cozinha para o uso diário, existem na fazenda São Pedro, por exemplo, mais três conjuntos de jantar. Já a “sala da frente”, a sala de estar, é pouco usada, o alpendre termina funcionando melhor como espaço para receber as “pessoas de fora”. O caráter essencialmente funcional e prático destas casas fica explícito nesta característica.

Implantação

O primeiro aspecto facilmente identificado na implantação das casas de fazenda estudadas é a proximidade com a água. Como as casas são de uma época onde não havia sistemas hidráulicos movidos por eletricidade, a água era transportada dos açudes em carros de boi ou retirada de poços através de cataventos, portanto, essa proximidade era fundamental para criação de gado. A outra alternativa de abastecimento doméstico, normalmente complementar, é o aproveitamento das águas pluviais, armazenadas em cisternas e abastecidas por calhas e bicas que captam as águas dos telhados das casas. Estes sistemas de captação são utilizados até hoje numa prova material da continuidade

que caracteriza as casas de fazenda sertanejas.

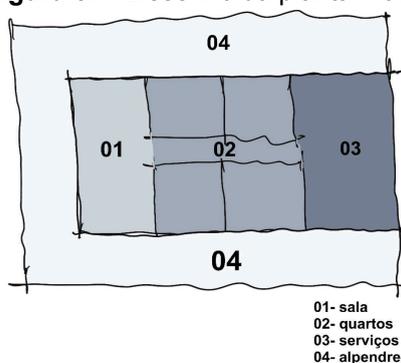
A dispersão das construções no terreno, uma constante nas fazendas pesquisadas, é atribuída por Lemos (1989), à uma influência do norte de Portugal, já que no sul daquele país as construções tendem a ficar todas concentradas embaixo de um mesmo telhado. Acreditamos que a própria natureza da atividade de criação de gado, além das condições climáticas, apontam para soluções das construções espalhadas no terreno. A proximidade exagerada entre os currais e as moradias é indesejada pelas condições de higiene incompatíveis, além do clima seco facilitar as circulações entre as construções.

As áreas mais altas do terreno eram procuradas para implantação das casas sede por proporcionar uma visão desimpedida da propriedade e das vias de acesso. A presença do “terreiro” à frente da casa tem o mesmo objetivo, liberar as vistas. Os acessos, são outro aspecto definidor da implantação: as casas estudadas têm sempre a frente voltada para a estrada de acesso, independente da orientação solar e ventilação dominante.

Zoneamento Interno

As casas pesquisadas apresentam um zoneamento interno bem semelhante, uma sala frontal para receber pessoas de fora, um corredor central onde se distribuem os quartos e as alcovas e ao fundo banheiro e cozinha com a sala de refeições. Os Alpendres, que foram acrescentados no decorrer do tempo, cercam a casa, criando uma sombra protetora e funcionando como transição exterior e interior. Os banheiros, originalmente localizados na parte externa da casa, foram incorporados ao corpo principal em reformas. Atualmente, os banheiros tornaram-se mais numerosos, tendo, inclusive, suites em algumas das casas pesquisadas.

Figura 87 - Desenho da planta modelo

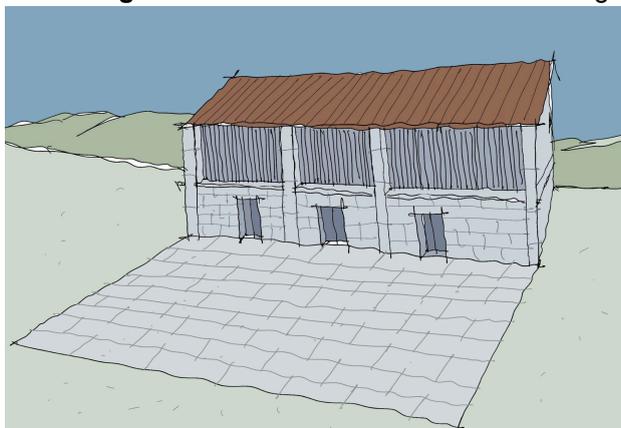


Fonte: Desenho do autor.

O terreiro

O terreiro da casa sertaneja é possivelmente uma herança portuguesa. Nas propriedades rurais existem o beiral e a eira²⁵. O beiral é composto por um espaço fechado no térreo e um sobrado normalmente com fechamento em madeira vazada, o que permite a ventilação do cereal armazenado. Já a eira, que vem da palavra latina “area”, é um espaço de terra batida ou revestida de pedra onde se malhavam, trilhavam, limpavam e secavam os cereais antes do armazenamento. Além disso, a eira também era usada para encontros ou até mesmo festas.

Figura 88 - Beiral e eira do norte de Portugal



Fonte: Desenho do autor.

O terreiro é um espaço característico das casas sertanejas, suas dimensões variam proporcionalmente ao tamanho das casas e geralmente, se localizam na fachada principal da casa. No caso de uma casa sede de fazenda, o terreiro funciona como um espaço de concentração e dispersão para toda a fazenda, todos que chegam e que partem o fazem a partir dele. O dia, muitas vezes, se inicia e termina nele, os trabalhadores se reúnem pela manhã para distribuição de tarefas e no fim do dia para um balanço do dia de trabalho ou para contar um “causo”.

Para ele, se voltam além da casa sede, oficinas, currais e armazéns. Nele são criados alguns animais domésticos e dele saem os caminhos para o açude, roçados e acessos da fazenda. É mantido sempre varrido com grandes vassouras feitas de plantas da região, como a guaxuma ou palha de coqueiro. No terreiro não existe vegetação para garantir os visuais livres, para que se veja ao longe, quem chega e quem parte.

²⁵ Destas construções características das propriedades rurais portuguesas vem a expressão “sem eira nem beira”, ou seja, não possui nada, é pobre.

O terreiro pode ser também um espaço de trocas culturais, assim como nos fala Ana Rita Suassuna do terreiro da fazenda São Pedro:

(...)eventos culturais da escola eram feitos no terreiro da frente, os cantadores, repentistas que eram acostumados a frequentar nossa casa também usavam este espaço porque dava acesso a muito mais gente, dança de coco, as cantadoras, mesmo celebrações de caráter religioso eram feitas lá nesse terreiro(Suassuna)²⁶

Figura 89 - Foto terreiro da casa sede fazenda Duas Barras



Fonte: Foto do autor.

O alpendre

O alpendre é um elemento que se repete em todas as casas pesquisadas sendo a sede da fazenda Bonfim a única exceção, vamos fazer aqui uma distinção entre o terraço e o alpendre, consideramos o alpendre como uma peça autônoma a construção e o terraço um prolongamento do telhado da mesma²⁷. Pelos depoimentos colhidos e observações empíricas, muitas das casas foram reformadas para criação desses alpendres. As primeiras casas sertanejas não possuíam alpendres, influenciadas pelo modelo das cidades e por questões de segurança. A casa tinha uma definição clara do dentro e do fora. Com o tempo, o alpendre surgiu como uma evolução natural, tornando a casa mais receptiva ao visitante, como defende Castelo:

No princípio, o estrangeiro ficava à margem. Mais tarde, surge o alpendre para aproximá-lo da casa. Antes, dormia ao relento, a rede ao abrigo das árvores. O alpendre tanto o aproxima quanto o detém. É o “fora-dentro” da casa, portanto, não

²⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uqKz2F7m6p0>>. Acesso em 13 de maio 2024.

²⁷ Segundo Lemos(1989), o alpendre “é o telhado que se prolonga para fora da parede mestra da casa e que é apoiado em sua extremidade por colunas, tendo por função precípua fazer sombra à construção, evitando que se acumule na alvenaria o calor do sol - refrescando, assim, os interiores”.

a integra. Somente quando o pastoreio cede espaço à agricultura, os alpendres terão a serventia alargada no trato do proprietário com os que cultivam a terra. (Castello, 2006.p.12)

Estas áreas terraceadas funcionam como espaço de transição entre o exterior e o interior das casas. Lucio Costa já apontava a importância do alpendre na casa brasileira:

(...) embora se fale tanto na luminosidade do nosso céu na claridade excessiva dos nossos dias etc. O fato é que as varandas, quando bem orientadas, são o melhor lugar que as nossas casas têm para se ficar, e o que é a varanda, afinal senão uma sala completamente aberta? (Costa, 1993. p. 92)

No sertão do Pajeú, no entanto, o clima nem sempre torna o alpendre um ambiente agradável, num clima quente e seco, a radiação solar da tarde e o vento seco faz com que as pessoas se refugiam nos interiores das casas que guardam a umidade noturna.

Ariano Suassuna, que viveu a infância entre a região do Pajeú pernambucano e o vizinho Cariri paraibano, dizia que as árvores não cresciam muito no sertão e por isso não possuíam grandes copas, assim, os terraços sertanejos também seriam curtos. Esse pensamento é uma interpretação poética da arquitetura popular, porém, muitas vezes, as “decisões” da arquitetura vernacular acontecem assim, usando referências da natureza.

No começo das manhãs, o proprietário passava as instruções das atividades do dia para os capatazes e vaqueiros neste espaço. O alpendre é, essencialmente, um espaço de recepção, onde os convidados são inicialmente recebidos para, somente depois, entrarem no espaço interno da casa.

Carlos Lemos acredita que o alpendre seja uma influência indiana, trazida pelos portugueses para o Brasil, já que em Portugal não há alpendres com as proporções dos que aqui existem. Lá são meros abrigos cobertos por pedestres junto às entradas das casas. Lemos, no entanto, observa que não existem registros da transposição da Índia para o Brasil desses espaços de estar externos ao corpo principal das casas.

A fazenda Coruja é um exemplo que ilustra esta evolução das casas oitocentistas sertanejas: construída na primeira dos novecentos, passou por uma reforma na década de 1940, onde foi construído um alpendre que circunda três fachadas da casa. Foi criada também uma platibanda que esconde o telhado original da casa em duas águas. Essa platibanda tem uma forma curva e caneluras na fachada principal. A planta, no entanto,

não sofreu modificações.

Figura 90 - Foto fazenda Coruja. Imagem anterior a reforma da década de quarenta, o alpendre suaviza e horizontaliza o volume da casa.



Fonte: acervo da família e foto do autor.

A sala de visitas

A sala da frente era reservada para ocasiões especiais, para recepcionar os visitantes não usuais. Sempre que possível a circulação diária se fazia por outros ambientes, mantendo essa sala fechada. Assim acontecia nas Duas Barras, na São Pedro e na Bonfim por exemplo, a circulação diária acontecia pelas salas de refeição. O mobiliário desta sala era composto por poltronas e sofás com encostos verticais, mantendo uma postura ereta. Os poucos objetos de decoração são geralmente imagens religiosas e retratos dos antepassados.

A Cozinha

Os partidos arquitetônicos das casas rurais estudadas têm em comum a localização das cozinhas nos fundos das casas, segundo Lemos (1989), essa foi a primeira diferenciação da casa brasileira da casa portuguesa. Em Portugal o “fogo” irradiador de calor é o ponto central da casa, na colônia dos trópicos este calor é, obviamente, indesejado. Daí que a cozinha brasileira era externa ao corpo principal da casa, muitas vezes embaixo de árvores ou em improvisadas construções anexas.

Uma explicação fácil é essa: o branco europeu, acostumado ao fogão como centro de interesse da casa, aqui nos trópicos não suportou o calor da cozinha expulsando-a para longe, atitude facilitada e até justificada pela presença do escravo solícito (Lemos, 1989. p. 19)

As casas sede possuíam mais de uma cozinha; a primeira mais próxima da sala de

refeição era composta de fogão de carvão, uma pia, um moedor manual, fixado no chão, utilizado para moer milho e carne, potes de barro para água de beber, prateleiras e suportes para panelas que ficavam expostas. Outra cozinha era utilizada para o preparo do queijo e outros preparos mais demorados como os doces. Esta segunda cozinha também utilizava o carvão, com fogão para panelas maiores. As panelas eram levadas para o quintal para serem areadas, no processo primitivo se utilizava a areia e as vezes suco de limão. Esta cozinha era chamada muitas vezes de “quarto do queijo”. Havia ainda um depósito, ligado diretamente a cozinha, onde se guardava sacos de grãos secos, o queijo, a rapadura e carnes secas penduradas em ganchos.

Como vimos, o espaço da cozinha nestas casas tinha uma grande importância, além do aspecto prático da alimentação, era o espaço mais democrático da casa, onde todos se reuniam, onde se trocavam experiências e se perpetuavam histórias da tradição oral. Era a cozinha, não a sala de estar ou mesmo o alpendre, o centro da vida dessas casas.

Alimentação

...Pego na peneira, me dá na sacolejada
De um lado fica o xerém de outro sai o fubá
Sacoleja, sacoleja, sacoleja
Penerô xerém
Sacoleja, sacoleja, sacoleja.
(Trecho de “Penerô xerém”, Luiz Gonzaga)

Através da alimentação típica podemos entrar em contato com aspectos sociais e culturais de uma sociedade. A alimentação não visa somente saciar a fome, Câmara Cascudo – apesar de nos seus estudos sobre a culinária nordestina ter muitas vezes apagado a culinária indígena e negra – faz uma defesa do paladar como o aspecto decisivo na alimentação humana:

Para Cascudo, uma “refeição” implica necessariamente uma forma de comportamento organizado a partir de um ritmo lento. Esse ritmo é usualmente associado à autoridade social e cultural, em oposição a posições subordinadas (Cascudo, 1987 [1973]: 177-8). A refeição implica um processo longo e complexo de preparação, apresentação e consumo de alimentos e bebidas, marcando assim sua distinção do simples ato de alimentar-se. Deste modo, a refeição se opõe claramente àquela espécie de comida que as pessoas podem consumir de modo casual na vida cotidiana. Uma verdadeira refeição nunca é realizada de modo apressado, segundo Cascudo. Ele também assinala que a refeição, no contexto tradicional brasileiro, deve ser realizada em silêncio, as pessoas fazendo um uso mínimo de palavras (Gonçalves, 2000. p. 46)

Cascudo defende que os alimentos funcionam basicamente para expressar e celebrar diferentes espécies de relações sociais e culturais. Eles desempenham diversas funções, mas não exclusiva ou principalmente aquela de alimentar ou satisfazer a fome como necessidade natural.

Figura 91 - Fotos comidas sertanejas



Fonte: Contracapa do livro gastronomia sertaneja. Suassuna. 2010.

O relativo isolamento das fazendas, dos grandes centros, certamente é um fator a se considerar na preservação dos hábitos alimentares “originários”. Outro aspecto percebido nos depoimentos são as emoções e lembranças que esses sabores despertam nas pessoas, este aspecto deve ser levado em consideração para a manutenção de um paladar “típico”.

Outra característica que Cascudo destaca e que se aplica na culinária sertaneja é a diferenciação entre a “comida” e a “refeição”. Para Cascudo, as refeições são necessariamente coletivas; são parte integrante de uma totalidade cósmica, natural, social e histórica. Comer, por sua vez, tende a ser um ato fragmentário, casual, individualizado e eventualmente solitário. Esta diferenciação busca associar o ato de “comer” simplesmente como algo influenciado por modismos contemporâneos, enquanto a “refeição” está ligada ao contexto doméstico ritualizado do Brasil antigo, em outras palavras, o moderno e o tradicional (Gonçalves, 2000).

Sem dúvidas, pelos depoimentos colhidos, as “refeições” são ainda um aspecto muito característico das moradias pesquisadas e “estar” a mesa faz parte importante dos hábitos cotidianos destas casas.

A culinária que existia, e existe, no sertão do Pajeú se desenvolveu baseada nos ingredientes disponíveis nas fazendas. Por isso a sazonalidade é uma das características principais desta alimentação. As técnicas de preparo e cozimento são resultado do mesmo

sincretismo que aconteceu em outras áreas do conhecimento, segue em linhas gerais o que Damatta chama "fábula das três raças" (1990), o domínio social e cultural português sobre os sistemas indígenas e negro de alimentação, com no entanto a absorção de variados elementos das mesmas.

O banheiro

Nada é mais curioso do que a questão suscitada pela ausência, nas casas antigas, de certa dependência necessária. É próprio do tempo. Já Versalhes se ressentia da mesma falta. A solução era dada como em toda a parte: transportando-se certo móvel de um cômodo para outro, ou reservando-se um quarto para tal fim. (Rodrigues, 1945. p. 166)

Como aponta Rodrigues os espaços dedicados à higiene pessoal simplesmente não existiam nas casas antigas dos sertões, eram construções externas e precárias. Com o decorrer do tempo, as casas sofreram reformas para incorporarem os banheiros ao corpo principal da casa. Questões técnicas e culturais influenciaram nesta mudança, por um lado o esgotamento sanitário e os sistemas hidráulicos evoluíram, por outro, as mentalidades pararam de associar os banheiros ao mau cheiro e à sujeira. Atualmente, várias dessas casas chegam a ter suites, situação inimaginável quando da sua construção.

Aspectos construtivos e materiais

Do ponto de vista construtivo, as casas pesquisadas utilizam os mesmos materiais e as mesmas técnicas construtivas. As fundações são sempre diretas, fundação direta é um tipo de fundação em que as cargas são transmitidas ao terreno através da base dos elementos estruturais, no caso as alvenarias. Foram observadas fundações tanto em pedra natural (Duas Barras) como em adobe (Bonfim). Podemos atribuir a escolha de uma ou outra fundação a simplesmente a presença do material no local da construção, nas Duas Barras ou na São Pedro por exemplo se observa aflorações de pedra na paisagem. A opção dentro da lógica de uma construção vernacular, funciona dentro das opções que a natureza do lugar oferece, são os materiais disponíveis que dão forma às construções.

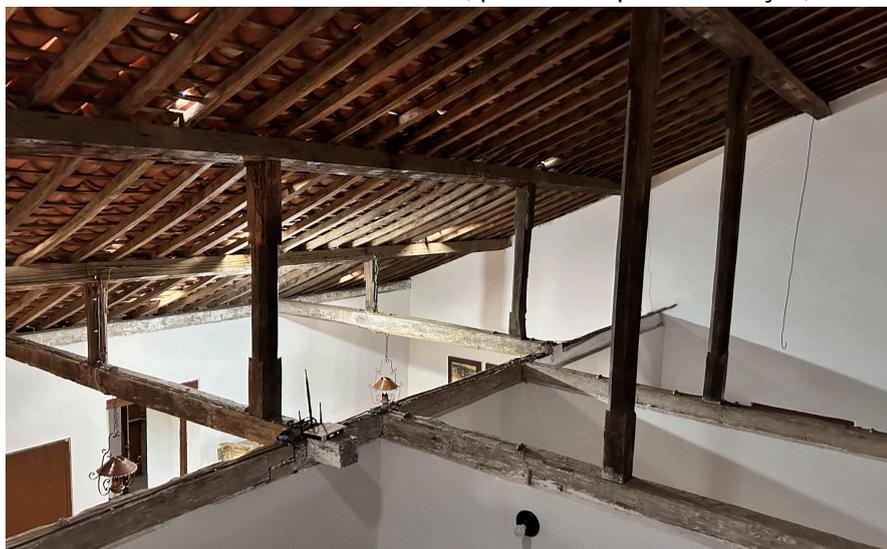
Figura 92- Foto fundações em pedra da fazenda Duas Barras e adobe da fazenda Bonfim



Foto: Fotos do autor.

As paredes, tanto as externas quanto as divisórias, são em adobe. As espessuras das paredes externas são resultado da altura e dos esforços estruturais, não existindo nenhuma preocupação ambiental de isolamento das temperaturas externas, como muitas vezes se fala. Lúcio Costa, no seu livro “Arquitetura”, demonstra isso comparando as diversas técnicas construtivas, como as paredes entaipadas e de tijolos, evidenciando que, antes de mais nada, as espessuras de paredes são resultado das necessidades estruturais.

Figura 93 - Foto cobertura fazenda São Pedro, pilaretes suportando terças, caibros e ripas

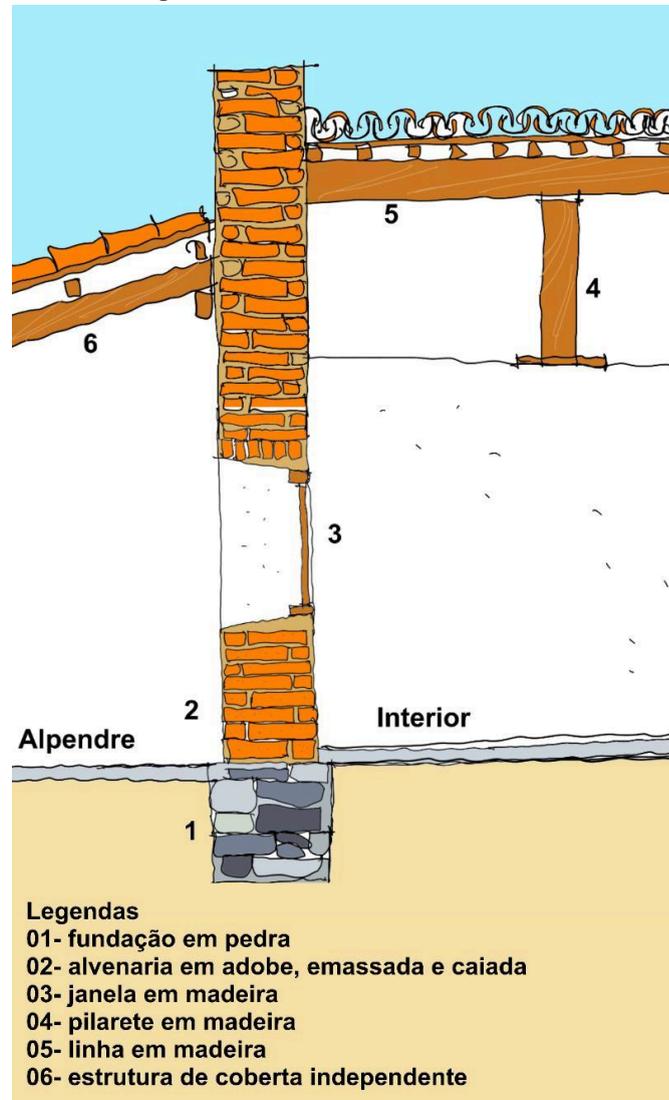


Fonte: foto do autor.

As estruturas da cobertas são em madeira, todas com pilaretes apoiados nas paredes divisórias. Esses pilaretes apoiam terças estruturais que, por sua vez, suportam

caibros, ripas e telhas cerâmicas. Não vimos nas moradias pesquisadas nenhuma tesoura estrutural, apesar delas existirem em estruturas adjacentes às casas, como por exemplo nos currais das Duas Barras. Isto demonstra uma opção deliberada pela estrutura de pilaretes, já que outras soluções estruturais eram conhecidas.

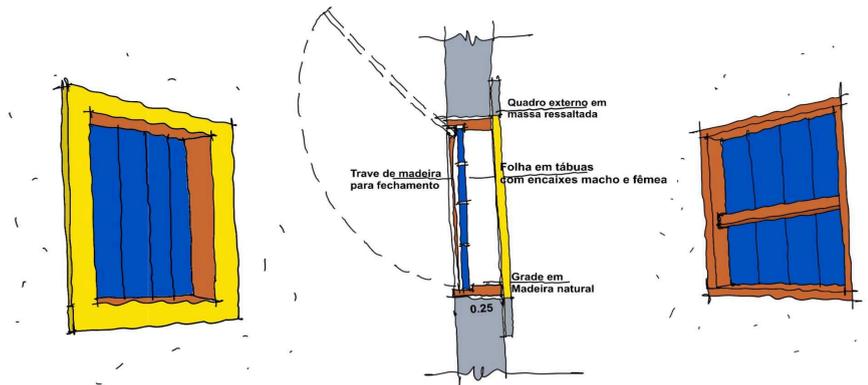
Figura 94 - Desenho corte estrutural



Fonte: Desenho do autor

As esquadrias, portas e janelas, são todas, com exceção da fazenda Duas Barras, em madeira maciça com acabamento em pintura.

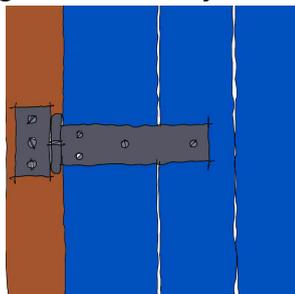
Figura 95 - Desenho janela fazenda São Pedro, vista externa, planta e vista interna



Fonte: Desenho do autor.

O fechamento, normalmente, acontece com traves de madeira encaixados nas paredes laterais, dispensando fechaduras. As dobradiças são muito rudimentares, em metal.

Figura 96- dobradiça metálica



Fonte: Desenho do autor.

Em três das cinco casas estudadas existe a mesma composição de cores: azul escuro na pintura de portas e janelas, amarelo na moldura ressaltada na parte externa e cal branca nas paredes.

Figura 97 - Foto janelas São Pedro, Santa Fé e Coruja. Branco, amarelo e azul.



Fonte: Foto do autor.

Outra característica em comum é a divisão das portas em duas folhas horizontais, a “porta e janela”, resultando no artifício de se estar aberto e fechado ao mesmo tempo, mantendo a vista e ventilação e ao mesmo tempo evitando a entrada de pequenos animais e resguardando o interior das casas.

Os pisos, em sua grande maioria, são em cimento queimado, às únicas exceções são os pisos em ladrilhos hidráulicos encontrados em algumas salas ou banheiros.

Interiores e artefatos de uso doméstico

Podemos considerar a visita às casas de fazenda do Pajeú, como uma viagem no tempo. Tendo em vista que elas continuam a existir em relativo isolamento, se sobressai uma sensação de que o tempo parou nessas casas, algumas tecnologias são pouco a pouco incorporadas, como a internet ou a presença do fogão a gás. Existe, no entanto, uma coerência profunda entre o mobiliário, os artefatos de uso domésticos e o estilo de vida, isto faz com que nada pareça faltar e nada seja supérfluo. Lucio Costa identificou bem este estado de coisas quando descreve a casa brasileira dos colonos do Brasil:

Essa sobriedade mobiliária dos primeiros colonos se manteve depois como uma das características da casa brasileira. Mesmo porque, como já se lembrou muito a propósito, o clima o mais das vezes quente da colônia, o uso das redes em certas regiões e o costume tão generalizado de sentar-se sobre esteiras, no chão, não estimulavam o aconchego dos interiores nem os arranjos supérfluos ou de aparato. Quanto menos coisa, melhor, para não atravancar inútilmente os aposentos. (Costa, 1939. p. 151)

Existe pouquíssima presença dos têxteis nos interiores, cortinas, carpetes ou tapetes, a única exceção são as redes, usadas para o repouso ou mesmo para a dormida. Esta característica, por um lado torna os ambientes internos das casas mais “duros”, por outro lado, são práticos para a limpeza e adaptados ao clima seco da região. Como Costa destacou no comentário acima “quanto menos coisa, melhor...”.

Figura 98 - Foto sala de estar da fazenda coruja, quarto da fazenda São Pedro.



Fonte: Foto do autor.

Um elemento dos interiores que se repetem nas casas pesquisadas, é a presença de retratos dos antepassados numa parede, uma espécie de “tokonomá”, parede de honra das casas japonesas. Às vezes ladeados com imagens religiosas, como na fazenda Duas Barras, são imagens de várias épocas onde se construiu muitas vezes uma árvore genealógica da família. Na fazenda São Pedro, por exemplo, seis gerações se encontram representadas na parede.

O isolamento em que viviam estas fazendas fazia com que o mobiliário da casa, em sua grande maioria, fosse constituído por heranças sucessivas, que com o passar do tempo, terminava por criar um acervo que atravessava gerações. As possibilidades de compra de mobiliário eram bastante limitadas, comprar um móvel usado, que pertenceu a outra família, era visto como algo “sem estilo”, vulgar.

As colchas de retalhos, sempre presente nos depoimentos, eram usadas como cobertura das camas. É um exemplo do reaproveitamento de restos de materiais que numa sociedade moderna de consumo iria para o lixo.

Figura 99 - Foto de trecho de uma colcha de retalhos, exemplo de reaproveitamento de sobras de tecidos, e uma colcha em chita, tradições sertanejas.



Fonte: Acervo fazenda Duas Barras e acervo fazenda São Pedro.

Lina Bo Bardi, no livro *Tempos de Grossura*, captou bem o espírito desta sociedade acostumada com a escassez:

Lâmpadas queimadas, recortes de tecidos, latas de lubrificantes, caixas velhas e jornais. Cada objeto risca o limite do "nada" da miséria. Esse limite e a contínua e martelada presença do "útil e necessário" é que constituem o valor desta produção, sua poética das coisas humanas não gratuitas, não criadas pela mera fantasia. E neste sentido de moderna realidade que apresentamos criticamente esta exposição. Como exemplo de simplificação direta de formas cheias de eletricidade vital. (Bo Bardi, 1996, p.35)

Nesta análise identificamos algumas particularidades nos hábitos do cotidiano do sertão do Pajeú que se refletem na criação de um ideal de moradia. A cozinha e a alimentação ocupando um lugar central na hierarquia espacial dessas casas é um exemplo desse ideal. A importância da religiosidade, com a presença de capelas dentro das propriedades como nas fazendas Bonfim e São Pedro é outro exemplo.

Do ponto de vista das implantações das casas sede observamos a procura pelos visuais livres em relação aos acessos e a proximidade com os currais. A segurança e a praticidade da proximidade com os currais.

Todas as casas pesquisadas passaram por ampliações e reformas para se adaptarem ao crescimento familiar e às mudanças dos hábitos, a casa se configura assim como um organismo vivo que se adapta às diferentes gerações de moradores.

A construção dessas casas se baseia na ideia que os métodos e materiais de construção devem ser o mais simples, direto e menos custosos possíveis. Esta mentalidade resulta em formas plásticas que refletem as técnicas utilizadas na sua execução. Esta maneira de construir só é possível numa sociedade tradicional, onde as mudanças acontecem lentamente e dentro de uma mentalidade compartilhada.

A principal característica dos espaços internos são, os amplos pé direito, a

continuidade espacial pelas paredes não irem até a cobertura, as poucas aberturas e a iluminação zenital (através das telhas de vidro). Estes espaços são despídos de tecidos e de elementos decorativos. Os poucos objetos de decoração existentes são quase sempre objetos utilitários antigos, que já perderam a função, como ferros de engomar ou máquinas de costura antigas. A iconografia remete a duas coisas muito importantes para o sertanejo: a religião e a família.

O mobiliário se caracteriza pelo uso da madeira como principal material e por não terem em sua grande maioria um “estilo” definido. São móveis difíceis de datar, que são utilizados por várias gerações, passando por restaurações e reformas ao longo do tempo. Algumas peças tem um uso muito flexível como o tamborete, que além de assento serve como mesa de cabeceira, apoio para plantas e até como mesa em banheiros. A cama patente foi possivelmente a peça mais vista nas casas pesquisadas, aparecendo em vários modelos e em estado de conservação variados. É um bom exemplo da longevidade que um móvel bem construído pode ter.

Considerações finais

As primeiras ocupações dos sertões nordestinos foram resultado da criação de gado, o boi era fundamental para a agroindústria do açúcar, primeira e principal atividade econômica do Brasil colonial. Ele era a força motriz dos engenhos, sendo usado no transporte da cana cortada, em muitas moendas de cana e no transporte do açúcar. Como a criação de gado era incompatível com a cultura da cana, o criatório foi deslocado para o interior do território.

As desafiadoras condições do meio físico, a atividade econômica, a criação de gado, que estimula o individualismo e a improvisação, terminaram por formar um povo bem diferente do litorâneo. A religiosidade, a valorização da família, o patriarcado e um código de honra associado a valentia pessoal caracterizam a formação desta sociedade. Suas raízes históricas profundas e a pouca influência externa, faz com que seja considerada uma das identidades brasileiras mais autênticas e muitas vezes arcaicas.

As sesmarias, sistema de distribuição de terras adotado pela coroa portuguesa, seguia na maioria das vezes os córregos de água, o rio Pajeú funcionou assim como o eixo por onde se distribuíram as sesmarias e as futuras fazendas de criação de gado.

A casa sede das fazendas do Pajeú é resultado da evolução, já em território brasileiro, da casa medieval portuguesa, transplantada para os trópicos junto com os primeiros imigrantes. Essas primeiras casas, extremamente simplificadas, guardavam das casas portuguesas os métodos construtivos tradicionais ibéricos, como as fundações de pedras, superfícies de fechamento em tijolos e coberturas em madeira e telha cerâmicas. Essa casa era também “cristã”, tinha divisórias internas que garantia a privacidade através das divisões internas dos ambientes, diferentemente das ocas indígenas, por exemplo.

Nos sertões, numa economia de escassez, a forma da casa rural assumiu a forma de uma caixa com poucas aberturas, para resistir às intempéries climáticas e garantir a segurança dos moradores. Sem adornos ou maneirismo da casa urbana. Outro aspecto diferenciador destas casas era o fato de serem “soltas” no terreno, as casas citadinas eram “entaladas” num lote urbano, as casas de fazenda precisaram desenvolver uma nova volumetria já que tinham 4 fachadas e não só a frontal.

Campelo (2015) aponta, sobre a fragilidade das primeiras casas rurais dos sertões, “...nossas construções antigas eram em geral singelas, com utilização de técnicas elementares e materiais precários. Eram de taipa, madeira e telhas de barro, estando

expostas à agressividade do meio tropical” (Campelo, 2015, p. 125) dessas casas infelizmente nada restou. A partir do século XIX, com a adoção da alvenaria de adobe, as casas passaram a durar mais, com alguns exemplares chegando até os dias atuais. Nos anos 1900 estas casas evoluíram para uma maior generosidade, um “amolecimento”, como comentava Gilberto Freyre (1943) a respeito da casa brasileira em relação a casa portuguesa, ganhando os alpendres e com ele uma sombra para os visitantes, tornando-se mais amistosa e tropical.

Conseguimos, ao fim da pesquisa, identificar um parentesco, uma familiaridade, entre as casas analisadas, seja nos alpendres que envolvem a casa, nos sistemas construtivos e materiais ou mesmo na planta retangular com zoneamento interno muito similar. Isto nos faz acreditar na existência de um modelo²⁸ que foi adotado na região nos anos 1900.

Este modelo é resultado da maturação e do amálgama da arquitetura erudita vinda de Portugal e a contribuição popular dos mestres e artesãos sertanejos. Talvez não seja possível delimitar a extensão dessas contribuições, o desenvolvimento deste modelo aconteceu como uma via de mão dupla, em constante troca entre os modelos eruditos e o uso popular. Nesta arquitetura menos pretensiosa, sem fingimentos, é possível observar através das soluções, tão diretas, a compatibilidade entre a forma plástica resultante e os materiais e técnicas construtivas (Costa, 1937).

Outro aspecto que foi se sedimentando ao longo da pesquisa foi que a constatação do sertão do Pajeú como uma região culturalmente isolada, considerada uma verdade pela maioria dos estudiosos, é relativa. Segundo Albuquerque Júnior (1999), o nordeste e o sertão em particular sempre foi uma região de migrantes que frequentemente retornavam, existindo assim uma comunicação com o “mundo moderno”. Albuquerque defende que no sertão existe uma convergência que une as elites econômicas e as camadas populares. Esta convergência é uma reação contra o mundo moderno, contra o capitalismo que destroi a ideia de comunidade tão cara aos sertanejos. Portanto, existe uma defesa deliberada pela preservação de um estilo de vida tradicional, percebemos

²⁸ Como definiu Rapoport : “ ...o modelo é o resultado da colaboração de muitas pessoas ao longo de muitas gerações, bem como da colaboração entre quem constroi e quem utiliza os edifícios, que é o que significa o termo "tradicional". Como todos conhecem o modelo, não há necessidade de desenhadore. A casa pretende ser como todas as casas bem construídas da região. A construção é simples, clara e de fácil compreensão e como todos conhecem as regras, o artesão é chamado apenas porque seu conhecimento é mais detalhado.” (Rapoport, 1969, p.16)

isso de forma prática em inúmeras entrevistas. Independente do espectro político do entrevistado, o estilo de vida tradicional é sempre exaltado.

A principal característica do mobiliário destas casas é o uso através de gerações dos mesmos móveis, isso só é possível por este mobiliário ser bem construído e ter a madeira como material principal. A grande maioria dos móveis duram vinte, trinta anos sem manutenção, feito completamente impossível para uma mobília industrializada. Como as mudanças no estilo de vida são lentas na região, e não existe, de maneira geral, uma pressão consumista, este mobiliário tradicional ainda é o dominante.

Uma questão que se coloca é se este modelo de casa continua válido como moradia nos dias atuais? É conhecido que muitas formas arcaicas de moradia respondem tão bem ou muitas vezes melhor, às necessidades contemporâneas. As cidades medievais europeias oferecem moradia de melhor qualidade no seu centro histórico que os conjuntos habitacionais construídos na sua periferia, por exemplo. Algumas das casas analisadas nesta pesquisa continuam habitadas e, ao visitá-las, é possível sentir uma coerência entre a arquitetura, o mobiliário, os objetos de uso doméstico e a vida cotidiana dos moradores.

Existem, por outro lado, algumas mudanças no estilo de vida e mesmo nos valores das pessoas. Muitos proprietários de fazenda optam por viver na cidade devido a facilidade de deslocamento que as novas estradas e os automóveis proporcionam. As famílias são menores, o estilo de vida mais prático. Os modelos tradicionais de construção sofrem influência de ofertas industriais de baixo custo e da cultura de massas de maneira geral, que concorrem para o desaparecimento gradativo das formas tradicionais de construção. Do mesmo modo, o mobiliário executado pela mão de obra local, com madeiras da região, é substituído por móveis de aglomerado de madeira revestidos com laminados melamínicos.

Ao final da pesquisa nos damos conta que a articulação da análise do espaço construído (arquitetura) e do mobiliário (design) foi o aspecto mais original deste trabalho, foi ela que permitiu conhecer os aspectos do morar que se ligam a cultura material.

A ligação emocional e a longa convivência com a região, se por um lado nos protegeu de uma análise "pitoresca", por outro lado nos obrigou a procurar o distanciamento necessário para manter o rigor de um estudo acadêmico.

Este trabalho não cobre uma parcela significativa das centenas de casas sede novecentistas existentes na região. Acreditamos, no entanto, que dentro do nosso recorte,

o levantamento gráfico e fotográfico da arquitetura, do extenso mobiliário, assim como os depoimentos colhidos, possibilitaram uma visão do que foi, e é a vida cotidiana nestas moradias, e como ela se materializou no mobiliário e na arquitetura. Podemos constatar também, a riqueza e variedade desta herança cultural sertaneja. Esperamos que a abordagem metodológica e documentação levantada neste trabalho possa servir de base para aprofundamento em futuras pesquisas nas áreas da arquitetura e design.

Referências

Contexto histórico, geográfico e social do sertão do Pajeú :

ABREU, Capistrano de. **Caminhos antigos e povoamento do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Briguiet, 1930.

ANDRADE, Manuel Correia de. **A terra e o homem do nordeste**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1963.

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez Editora, 1999.

BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1936.

CAMPOS, Lindoaldo. **São José do Egito- Alto Sertão do Pajeú- Pernambuco: notas para uma história**. São José do Egito; Sertão História, vol. 1, 2022.

CASAL, Manuel Aires de. **Corografia brasílica ou Relação histórico geográfica do reino do Brasil**. Belo Horizonte: Ed. Ministério da Educação, 1976.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Viajando o sertão**. São Paulo: Global, 2009.

CALMON, Pedro Moniz de Bittencourt. **A história da Casa da Torre**: São Paulo. José Olympio, 1958.

CORRÊA, Gabriela Macedo dos Reis. **Intelectualidade e cotidiano: a comida no sertão de Câmara Cascudo**. Dissertação de mestrado. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, 2019.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala**. São Paulo: José Olympio, 1981.

FREYRE, Gilberto. **Nordeste**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1989.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos**: Decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano. São Paulo: José Olympio, 1977.

FERRAZ, Marilourdes. **O canto do acauã**. Recife: Editora Rodovalho de Guias Especiais, 1985.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

Gonçalves, José Reginaldo Santos. **A fome e o paladar: a antropologia nativa de Luis da Câmara Cascudo**. São Francisco: Reunião da American Anthropological Association, 2000.

LIMA, Dárdano de Andrade. **Estudos Fitogeográficos de Pernambuco**. Recife: Anais da Academia Pernambucana de Ciência Agronômica, Vol. 4, 2007.

LIMA, Nísia Trindade de. **Um sertão chamado Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Revan, 1999

LOWY, Michael. **Walter Benjamin: aviso de incêndio**: Uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"[2001]. Tradução: Wanda Nogueira. São Paulo: Boitempo, 2005.

JUCÁ NETO, Clovis Ramiro et al. **Arquitetura como extensão do sertão: casa de fazenda setecentista e oitocentista dos Inhamuns no Ceará**. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2019.

NUNES, Aldo Manoel Branquinho. **Currais, Cangalhas e Vapores: Dinâmicas de Fronteiras e conformação das estruturas social e fundiária nos "Sertões da Borborema"**. Tese de Doutorado. Campina Grande, PB: UFCG, 2017.

PERNAMBUCANO DE MELLO, Frederico. **O ciclo do gado no Nordeste do Brasil**: uma cultura da violência. Recife: Ciência & Trópico. v. 7, n.2, 1979.

PRADO JÚNIOR, Caio. **História econômica do Brasil**. São Paulo: Editora brasiliense, 2012.

IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

NAVARRO, Eduardo. **Tupi Antigo**. São Paulo: Ed. Global, 2013.

VIANNA, Oliveira. **Evolução do povo brasileiro**. São Paulo: Companhia editora Nacional, 1938

VICTOR, Adriana; NEWTON JÚNIOR, Carlos. **O Museu Armorial dos Sertões**. Recife: Acervo Ariano Suassuna, 2021.

SAID, Edward. **Orientalismo - o Oriente como invenção do Ocidente**. Tradução: Rosaura Eichenberg. Coleção Companhia de Bolso. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SAMPAIO, Teodoro. **O tupi na geografia nacional**. São Paulo: Ed.Nacional, 1987.

Mobiliário :

BARDI, Lina Bo. **Tempos de grossura: o design no impasse**. São Paulo: Instituto Lina Bo e P.M.Bardi, 1994.

COSTA, Lúcio, **Notas sobre a evolução do mobiliário luso-brasileiro**. Rio de Janeiro: Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, N.3, 1939.

FLEXOR, Maria Helena Ochi, **Mobiliário Baiano**. Brasília, DF: Iphan/Programa Monumenta, 2009.

Arquitetura:

COSTA, Lúcio, **Arquitetura**. São Paulo: José Olympio Editora, 2002.

COSTA, Lúcio, **Documentação necessária**. Rio de Janeiro: Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, número 1, p. 31-39, 1937.

COSTA, Lúcio, **Notas sobre a evolução do mobiliário Luso-Brasileiro**. Rio de Janeiro: Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Número 3, p. 162-171, 1939.

CRUZ, Cícero Ferraz. **Fazendas do Sul de Minas**. Brasília, DF: Iphan/ Programa Monumenta, 2010.

DINIZ, Nathália Maria Montenegro. **Velhas fazendas da Ribeira do Seridó**. Dissertação de Mestrado. São Paulo, SP: USP 2008.

DINIZ, Nathália Maria Montenegro. **Um sertão entre tantos outros: fazendas de gado das Ribeiras do Norte**. São Paulo,SP: USP 2013.

FREYRE, Gilberto. **Casas de residência no Brasil - introdução**. Rio de Janeiro: Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, N.7. 1943.

GOMES, Geraldo; PIRES, Fernando Tasso Fragoso. **Antigos Engenhos Do Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

JUCÁ NETO, Clovis Ramiro e GONÇALVES, Adelaide. **Arquitetura como extensão do sertão, casa de fazenda setecentista e oitocentista dos Inhamuns no Ceará**. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2019.

NORBERG SCHULZ, Christian, **Genius Loci, Paisaje, Ambiente e Arquitectura**. Milano: Electre Editrice, 1979.

LEMOS, Carlos A. C. **História da casa brasileira**. São Paulo: Contexto, 1989.

PAPANÉK, Victor. **Arquitetura e Design, Ecologia e Ética**. Lisboa: Edições 70, 1997.

PINHEIRO, Ana Paula Sales Camurça. **Das ribeiras do Jaguaribe à capital: a concretização do genius loci nas casas rurais sertanejas**. Dissertação de Mestrado. Recife, PE: UFPE, 2018.

RAPOPORT, Amos. **Vivienda y Cultura**. Barcelona: Gustavo Gili, 1972.

RODRIGUES, José Wash. **A casa de moradia no Brasil antigo**. Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, número 9, p. 159-198, 1945.

SMITH, Robert C. **Arquitetura civil do período colonial**. Rio de Janeiro: Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, N.17, 1969

VAUTHIER, Louis Léger. **Casas de residência no Brasil**. Tradução: Vera Mello Franco de Andrade. Rio de Janeiro: Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, N.7, 1943.

VASCONCELLOS, Sylvio de. **Arquitetura no Brasil: sistemas construtivos**. Belo Horizonte: Rona editora, 1979

Anexos

Entrevistas com moradores das casas sede de fazendas:

Meu nome é Otto, estou fazendo essa entrevista para um trabalho acadêmico sobre a moradia no sertão do Pajeú. Vou fazer algumas perguntas sobre a casa, quero pedir autorização para usar suas respostas na minha pesquisa, podemos fazer isso?

Me diga seu nome, sua idade, onde nasceu, e um pouco da sua história?

Como era a composição da sua família?

E a fazenda você sabe as origens? Quem foram os proprietários anteriores? A criação de gado sempre foi a principal atividade? lembra das outras atividades econômicas da fazenda?

Você sabe a história dessa casa, quando foi construída?

Você sabe alguma coisa da construção, quem fez, pessoas da região, como se conseguia os materiais? Você sabe descrever as reformas que foram feitas ?

Me conte como era o dia a dia da vida nessa casa? Que horas vocês acordavam e iam dormir, as diferenças da época da chuva para a seca na fazenda, a alimentação, o lazer, o trabalho , etc.

Gostaria que você falasse das mudanças no estilo de vida que veio ao longo do tempo? as coisas que mudaram, como por exemplo a televisão e depois a internet? O que não mudou? A meu ver a alimentação, por exemplo.

Sobre os objetos decorativos que existem aqui e que acho muito significativos porque contam uma história da vida da casa, as fotos dos antepassados, qual o critério de escolha, porque você gosta destes objetos? Você sabe as origens?

Vocês recebiam visitas? hóspedes? tinha uma época do ano específica para estas visitas?

Quais as relações com as cidades próximas, vocês tinham casa na cidade? onde se faziam

compras, o que se comprava e o que é produzido aqui na fazenda?

Sobre a alimentação e a cozinha, o que se comia normalmente? a comida vinha da fazenda? o que se comprava? vc lembra os utensílios utilizados para preparar a comida, lembra quando surgiram o rádio, eletricidade, eletrodomésticos, as mudanças que aconteceram?

Como vocês se informaram? rádio, revistas?

Do seu ponto de vista quais eram as vantagens e desvantagens de morar nesta casa e na fazenda de maneira geral?

Como era o seu dia a dia em relação a casa, seus hábitos, seus “cantos” preferidos, onde se passava a maioria do tempo ? Quais os locais de reunião da família ?

Sobre o mobiliário, você conhece a origem, grande parte parece herança da própria casa ?

Do seu ponto de vista o mobiliário é funcional, vocês já fizeram manutenção ou reformas neles, porque?

Você teria mais alguma coisa que você queira acrescentar sobre a vida na casa ?

Transcrições das entrevistas com moradores das casas sede :

https://drive.google.com/drive/folders/12ygm9PsiRxf0eHuLlxn_iHLW7vXUJZdi?usp=drive_link